



# Coragem

O Prazer de Viver  
Perigosamente

Cultrix

**OSHO**

dicas para uma  
nova maneira de viver



*Coragem, segundo Osho, não é a ausência de medo. Pelo contrário, é a presença inegável do medo, mas com a disposição de enfrentá-lo.*

*Este livro dá uma visão panorâmica desse tema - de onde vem o medo, a forma de entendê-lo e como encontrar coragem para vencê-lo.*

*Osho também nos alerta: sempre que a dúvida e a mudança batem à porta, isso só pode ser motivo de celebração. Em vez de nos agarrarmos ao que é conhecido e familiar, podemos aprender a dar boas-vindas a essas situações, encarando-as como oportunidade para tornar a nossa vida uma aventura e entender melhor nossas atitudes.*

Osho

# **C O R A G E M**

**O Prazer de Viver Perigosamente**

Editora Cultrix



# Sumário

<b><i>Prefácio</i></b> .....	7
<b><i>O que é Coragem?</i></b> .....	11
O Tao da Coragem.....	12
O Caminho do Coração.....	16
O Caminho da Inteligência.....	24
O Caminho da Confiança.....	29
O Caminho da Inocência.....	37
<b><i>Quando o Novo bater à Sua Porta, Abra-a!.....</i></b>	53
<b><i>A Coragem de Amar</i></b> .....	62
Não é um relacionamento, mas um estado de ser.....	74
Este bolo está uma delícia!.....	75
Um mundo sem fronteiras.....	81
Nem fácil nem difícil só natural.....	84
<b><i>Afastese da Multidão</i></b> .....	91
A política dos números.....	95
Ouçã seu "senso interior" .....	97
Liberdade de, Liberdade para.....	102
Encontre a sua face original.....	104

<b><i>O Prazer de Viver Perigosamente</i></b> .....	109
O que quer que você faça, a vida é um mistério.....	114
A vida é sempre ao ar livre.....	118
A coragem máxima: sem começo nem fim.....	122
<b><i>Em Busca do Destemor</i></b> .....	139
Técnicas de meditação e respostas a perguntas.....	139
Meditação para o medo do vazio.....	157
Meditação para dissipar velhos padrões de medo.....	158
Meditação para ter confiança.....	159
Meditação para transformar medo em amor.....	160
E a última pergunta: O medo de Deus.....	162
<b><i>Sobre o Autor</i></b> .....	173

## Prefácio

*Não o chame incerteza — chame de assombro  
Não o chame insegurança — chame de liberdade*

**N**ão estou aqui para dar a vocês um dogma — o dogma faz com que se tenha certeza. Não estou aqui para dar a você uma promessa para o futuro — nenhuma promessa para o futuro transmite segurança. Simplesmente estou aqui para que esteja alerta e seja consciente, isto é, para que esteja aqui e agora com toda a insegurança que existe na vida, com toda a incerteza que existe na vida, com todo o perigo que existe na vida.

Sei que você veio em busca de certezas, de alguma doutrina, algum «ismo», algum lugar ao qual pertencer, alguém em quem confiar. Você está aqui por causa do medo que sente. Está procurando uma espécie de prisão bonita para poder viver sem consciência.

Eu gostaria de te dar mais insegurança, mais incerteza — porque a vida é assim, Deus é assim. A única forma de reagir quando há mais insegurança e perigo é com consciência.

Há duas possibilidades. Ou você fecha os olhos e se torna dogmático: católico, hinduísta ou muçulmano... e então, converte-se em uma avestruz. Isso não muda a sua vida, é simplesmente um fechar de olhos. Faz de você um estúpido, alguém sem inteligência. E nessa sua falta de inteligência, você se sente seguro — todos os idiotas se sentem seguros. Na verdade, só os idiotas se sentem seguros. O homem que está realmente vivo sempre se sentirá inseguro. Que segurança pode ter?

A vida não é um processo mecânico, não pode ser segura. É um mistério imprevisível. Ninguém sabe o que acontecerá no momento seguinte. Nem sequer Deus, que você supõe morar no Sétimo Céu, nem sequer ele — se é que está lá—, nem sequer ele sabe o que vai acontecer!... Porque se soubesse o que vai acontecer, a vida seria falsa, tudo estaria escrito de antemão, e tudo estaria determinado de antemão. Se o futuro não está determinado, como pode saber o que vai ocorrer a seguir? Se Deus soubesse o que ia ocorrer no momento seguinte, a vida só seria um processo mecânico, inerte. Não haveria liberdade, e como pode existir a vida sem liberdade? Não haveria nenhuma possibilidade de crescer, nem de não crescer. Se tudo está destinado de antemão, não haverá glória nem grandeza. Então só serão robôs.

Não, não há nada seguro. Esta é a minha mensagem. Não pode haver nada seguro porque uma vida segura seria pior do que a morte. Não, nada é certo. A vida é cheia de incertezas, cheia de surpresas — essa é sua beleza! Você nunca chegará ao ponto em que poderá dizer: «Agora, estou seguro». Quando disser que está seguro de alguma coisa, estará simplesmente declarando a sua própria morte; terá se suicidado.

A vida continua em marcha, com mil e uma incertezas. Isso é liberdade. Não a chame insegurança.

Posso entender por que a mente chama a liberdade de «insegurança»... Você já ficou preso num cárcere durante uns meses ou uns anos? Se um prisioneiro estiver uns quantos anos no cárcere, quando chega o dia de sua liberdade, começa a sentir-se inseguro sobre o futuro. No cárcere tudo estava garantido; tudo era uma rotina sem vida. Serviam-lhe a comida, davam-lhe amparo; não tinha medo de passar fome no dia seguinte, de não haver comida — nada disso, tudo estava garantido. Agora, de repente, depois de tantos anos, vem o carcereiro e lhe diz: «Agora será posto em liberdade», ele começa a tremer. Fora dos muros da prisão voltará a ter incertezas; terá que voltar a procurar e buscar; terá que voltar a viver em liberdade.

A liberdade dá medo. As pessoas falam da liberdade, mas têm medo. E um ser humano não será um ser humano enquanto siga tendo medo da liberdade. Dou-lhes liberdade, não lhes dou segurança. Dou-lhes compreensão, não lhes dou conhecimento. O conhecimento te dará segurança. Se eu te der uma fórmula, uma fórmula determinada: que há um Deus, um Espírito Santo e seu único filho, Jesus; que há um Céu e um Inferno, que estas ações são boas e essas são más; se cometer um pecado irá ao Inferno, se fizer o que chamo boas ações irá ao Céu — acabou! — então, estará seguro. Por isso há tantas pessoas que decidiram ser cristãos, muçulmanos ou jainistas, porque não querem ser livres, querem uma fórmula fixa.

De repente, um homem estava morrendo depois de um acidente de carro. Ninguém sabia que ele era judeu, de modo que chamaram um sacerdote católico. O sacerdote se reclinou junto ao homem — e o homem estava morrendo, eram os últimos estertores da morte e o sacerdote disse:

— Crê na Santa Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo?

— Veja só! — O homem abriu os olhos e disse: — Eu aqui morrendo... e ele fazendo charadas!

Quando a morte bater à sua porta, todas suas convicções não serão mais que absurdas charadas. Não apegue a nenhuma convicção. A vida é incerta — sua própria natureza é incerta. E a pessoa inteligente nunca tem certeza de nada.

A própria disposição de manter-se na incerteza é coragem. A própria disposição de ficar na incerteza é confiança. Uma pessoa inteligente é aquela que permanece alerta em qualquer situação, que responde às situações com todo seu coração. Não que saiba o que vai acontecer; não é que saiba, «faça isto e acontecerá aquilo». A vida não é uma ciência; não é uma cadeia de causas e efeitos. Aqueça a água a cem graus, e ela se evapora — isso é certeza. Mas na vida real, nada é seguro como isso.

Cada indivíduo é uma liberdade, uma liberdade desconhecida. É impossível predizê-lo, impossível imaginar-lhe. É preciso viver com consciência e com compreensão.

Você vem para ver-me em busca de conhecimento, quer fórmulas fixas para poder se agarrar a elas. Eu não lhe dou isso. Em realidade, se tiver alguma, eu a tirarei de você! Pouco a pouco, vou destruindo suas convicções e, pouco a pouco, faço com que fique cada vez mais indeciso; pouco a pouco deixo-o mais inseguro. Essa é a única coisa que tem de ser feita. Isto é quão único um mestre tem que fazer! Deixar-te completamente livre. Totalmente livre, com todas as possibilidades abertas, sem nada fixo... você terá que ficar consciente, não pode fazer nada mais.

Isto é o que chamo compreensão. Se compreender, a insegurança passa a ser uma parte intrínseca à vida — e é bom que seja assim, porque transforma a vida em liberdade, converte-a em uma surpresa constante. Nunca se sabe o que vai acontecer. Mantenha-se permanentemente maravilhado.

Não o chame de incerteza — chame-o assombro.

Não o chame de insegurança — chame-o liberdade.

# O que é a coragem?



*De início, não há muita diferença entre o covarde e o corajoso. A única diferença é que o covarde escuta seus medos e se deixa levar por eles, enquanto o corajoso os põe de lado e segue seu caminho. O corajoso enfrenta o desconhecido apesar de todos os medos.*

**C**oragem é entrar no desconhecido apesar de todos os medos. A coragem não significa ausência de medo. A ausência de medo surge quando você passa a ser cada vez mais corajoso. Essa é a experiência absoluta de coragem — ausência de medo: É essa a fragrância da coragem quando esta é absoluta. Mas, em princípio, não há tanta diferença entre uma pessoa covarde e o corajoso. A única diferença é que o covarde dispensa atenção aos seus medos e se deixa levar por eles, enquanto que o corajoso os põe de lado e segue seu

caminho. O corajoso entra no desconhecido apesar de todos seus medos. Conhece o medo, sabe que está ali.

Quando você entra em mares desconhecidos, como fez Colombo, existe o medo, um medo terrível, porque nunca se sabe o que pode acontecer. Você está abandonando a borda da segurança. Em certo sentido, você estava perfeitamente bem, mas estava faltando uma coisa: a aventura. Enfrentar o desconhecido te emociona. O coração começa a pulsar novamente, está vivo de novo, totalmente vivo. Todas as células de seu ser estão vivas porque aceitaste o desafio do desconhecido.

Aceitar o desafio do desconhecido, apesar de todos os medos, é coragem. Os medos estão aí, mas se você aceita a provocação várias vezes seguidas, pouco a pouco os medos desaparecem. A experiência de felicidade que o desconhecido produz, o grande êxtase que começa a acontecer com o desconhecido, te torna mais forte, lhe dá integridade, aguça sua inteligência. Pela primeira vez, você começa a sentir que a vida não é só aborrecimento, mas uma aventura. Então, pouco a pouco os medos desaparecem; e aí você sempre estará procurando alguma aventura.

Mas, basicamente, a coragem é arriscar o conhecido em favor do desconhecido, o familiar em favor do não familiar, o cômodo em favor do incômodo — uma árdua peregrinação rumo a um destino desconhecido. Nunca se sabe se você será capaz de consegui-lo ou não. É uma aposta, mas só os jogadores sabem o que é a vida.

## **O TAO DA CORAGEM**

A vida não dá ouvidos à nossa lógica; segue seu próprio caminho, sem deter-se. Você tem que escutar a vida, a vida não escutará seus raciocínios, não lhe interessa a sua lógica.

Enquanto segue pela vida, o que você encontra? Cai uma grande tempestade, e as árvores frondosas vêm abaixo, tombam.

Segundo Charles Darwin, deveriam sobreviver, porque são mais aptas, mais fortes, mais poderosas. Note uma velha árvore de oito metros de altura e trezentos anos de idade. A própria presença da árvore transmite força, dá a sensação de força e poder. Há milhões de raízes espalhadas dentro terra, aprofundando-se para que a árvore esteja de pé com todo seu poder. A árvore, é obvio, luta — não quer sucumbir, não quer render-se — mas cai durante a tempestade, morre, já não tem mais vida e toda a força que tinha se foi. A tempestade foi intensa — as tempestade sempre são intensas, porque vem da totalidade e a árvore é apenas um individuo.

Também há o mato e o capim — quando cai a tempestade o capim cede, por isso a tempestade não pode lhe causar nenhum dano. No máximo poderá lhe fazer uma boa limpeza, nada mais; arrastará toda a sujeira que foi se acumulando sobre o capim. A tempestade lhe dá uma boa ducha, e quando acaba, o mato e o capim estão novamente dançando felizes. O capim quase não tem raízes, até uma criança pequena pode arrancá-lo, mas a tempestade foi vencida. O que aconteceu?

O capim seguiu o caminho do Tao, o caminho do Lao Tzu, e a árvore frondosa seguiu o caminho do Charles Darwin. A grande árvore era muito racional: tentou resistir, tentou demonstrar sua força. Se você tentar demonstrar sua força, será derrotado. Todos os Hitlers, Napoleões e Alexandres são árvores frondosas, fortes. Todos foram vencidos. Os Lao Tzus são assim como o mato e o capim: ninguém pode derrotá-los porque estão sempre dispostos a ceder. Como você pode derrotar a alguém que está disposto a ceder, alguém que diz: «Já estou derrotado», alguém que diz: «Senhor, desfrute de sua vitória, não precisa se incomodar, estou derrotado». Até um Alexandre se sentiria inútil diante de um Lao Tzu, ele não poderia fazer nada. Aconteceu; isto é exatamente o que aconteceu...

Havia um *sannyasin*, um místico que se chamava Dandamis; que viveu nos tempos de Alexandre. Na época em que Alexandre

estava de partida para a Índia, os amigos lhe disseram que quando voltasse deveria lhes trazer um *sannyasin*, já que essa estranha flor só floresce na Índia. Antes de sua partida para Índia, os amigos lhe disseram:

— Na volta, traga um *sannyasin*. Gostaríamos de conhecer o fenômeno do *sannyas*, o que é, o que é exatamente um *sannyasin*. Você vai trazer muitas coisas, mas não se esqueça de trazer-nos um *sannyasin*.

Alexandre estava tão entregue às guerras e as lutas que esteve a ponto de esquecer-se do pedido; mas ao retornar, justo na fronteira da Índia, de repente se lembrou. Quando estava a ponto de abandonar a última aldeia, pediu a seus soldados que entrassem na aldeia e perguntassem se havia algum *sannyasin* pelos arredores. Por acaso, Dandamis estava ali na aldeia, às margens do rio e o povo disse:

— Chegaram no momento certo. Há muitos *sannyasins*, mas um verdadeiro *sannyasin* é sempre muito raro de se encontrar, e ele está aqui agora. Vocês poderão receber *darshan*, poderão ir visitá-lo.

Alexandre riu e disse:

— Não vim aqui para receber *darshan*, meus soldados irão buscá-lo. Eu o levarei para a capital de meu país.

— Não vai ser tão fácil... — disseram os aldeãos.

Alexandre não podia acreditar — que dificuldade poderia haver? Tinha conquistado imperadores, grandes reis, que dificuldade poderia ter com um pobre mendigo, um *sannyasin*? Os soldados foram encontrar-se com o tal Dandamis, que estava nu na beira do rio.

— Alexandre, o Grande, convida você para acompanhá-lo ao seu país. Terás todas as comodidades e te proporcionará tudo o que necessite. Você será hóspede do rei.

O faquir nu riu e disse:

— Vão e digam a seu amo que um homem que chama a si mesmo de "grande" não pode ser grande. E ninguém pode me levar

a nenhum lugar... um *sannyasin* se move como as nuvens, com liberdade absoluta. Não sou escravo de ninguém.

— Você já deve ter ouvido falar de Alexandre o Grande — retrucaram os soldados — é um homem perigoso. Se lhe disser não, ele não te ouvirá, simplesmente cortará a sua cabeça.

O *sannyasin* disse:

— É melhor que digam ao seu amo que venha, possivelmente possa entender o que estou dizendo.

Alexandre teve que ir, porque os soldados voltaram e lhe disseram:

— É um homem estranho, luminoso, emana algo do desconhecido em torno dele. Está nu, mas em sua presença não o nota — só depois se dá conta disso. É tão poderoso que em sua presença se esquece do mundo inteiro. É magnético, e está rodeado de um enorme silêncio; é como se os arredores gozassem com sua presença. Vale a pena conhecê-lo, embora pareça que o pobre homem vá ter problemas, porque diz que ninguém pode levá-lo a lugar nenhum, que não é escravo de ninguém.

Alexandre foi ao encontro dele empunhando a espada. Dandamis riu e disse:

— Baixe sua espada, aqui ela não servirá de nada. Volte a embainhar a espada; aqui ela é inútil porque só pode cortar meu corpo, e faz tempo que o abandonei. Sua espada não pode me ferir, portanto coloque-a de volta; não seja infantil.

E dizem que esta foi a primeira vez que Alexandre obedeceu as ordens de alguém, porque na presença deste homem ele não podia recordar-se de quem era. Voltou a guardar a espada em sua bainha e disse:

— Nunca conheci a um homem tão belo.

Quando voltou para seu acampamento disse:

— É difícil matar a um homem que está disposto a morrer, não tem sentido fazê-lo. Você pode matar a alguém que resiste, então

faz algum sentido matá-la; mas não pode matar um homem que está pronto e que diz: "Esta é minha cabeça, corta-a".

E Dandamis realmente disse:

—Eis a minha cabeça, pode cortá-la fora. Quando a cabeça cair, verá como rola pela areia, e eu também a verei rolar pela areia, porque não sou meu corpo. Sou uma testemunha.

Alexandre teve que comunicar a seus amigos:

— Havia *sannyasins* que eu poderia ter trazido comigo, mas não eram *sannyasins*. Então me encontrei com um homem que era realmente raro — tinham razão no que diziam, é uma estranha flor, mas ninguém pode obrigá-lo porque ele não teme a morte. Se uma pessoa não teme a morte, como pode obrigá-lo a fazer alguma coisa?

É o seu medo que te escraviza — é o seu medo. Quando não tem medo, deixa de ser um escravo; de fato, é o seu medo que o obriga a escravizar os outros antes que eles escravizem você.

O homem destemido, não terá medo de ninguém e nem fará com que ninguém tenha medo dele. O medo desaparece completamente.

## O CAMINHO DO CORAÇÃO

A palavra *coragem* é muito interessante. Provém da raiz latina, *cor*, que quer dizer "coração". Portanto, ser corajoso significa viver com o coração. E os covardes, e só os covardes, vivem com a cabeça; receosos, criam em torno deles uma segurança baseada na razão. Aterrorizados, fecham todas as janelas e portas — com conceito, palavras, teorias — e se escondem atrás delas.

O caminho do coração é o caminho da coragem. É viver na insegurança, é viver no amor e confiar; é entrar no desconhecido. É renunciar ao passado e permitir o futuro. Coragem é entrar por caminhos perigosos. A vida é perigosa, e só os covardes podem

evitar o perigo — mas então, já estarão mortos. A pessoa que está viva, realmente viva, vital, sempre se aventurará ao desconhecido. Ali encontrará perigos, mas se arriscará. O coração está sempre disposto a arriscar-se, o coração gosta de apostar. A cabeça é um homem de negócios. A cabeça sempre faz cálculos, é artilosa. O coração não calcula nada.

A palavra inglesa *courage* é muito bonita, muito interessante. Viver através do coração é descobrir o significado das coisas. O poeta vive através do coração e, pouco a pouco, começa a sentir dentro dele os sons do desconhecido. A cabeça não pode escutá-los, está muito longe do desconhecido. A cabeça está totalmente ocupada com o conhecido.

O que é a mente? É tudo o que você conhece. É o passado, o que morreu, o que já se foi. A mente não é nada mais do que passado acumulado, a memória. O coração é futuro; o coração é esperança, o coração sempre está em algum lugar no futuro. A cabeça pensa no passado, o coração sonha com o futuro.

O futuro está por vir. O futuro ainda não existe. O futuro ainda é uma possibilidade — ele chegará, já está chegando. A todo momento, o futuro se converte em presente e o presente se converte em passado. O passado não tem nenhuma oportunidade, você já se serviu dele. Já se afastou dele — está esgotado, está morto, é como um túmulo. O futuro é como uma semente; está por vir, sempre está por vir, sempre chega e se encontra com o presente. Sempre está em movimento. O presente não é mais do que uma mudança para o futuro. É o passo que você já deu; é avançar em direção ao futuro.

TODAS AS PESSOAS DO MUNDO QUEREM SER AUTÊNTICAS porque o fato de ser autêntico traz muita alegria e muita felicidade! Então, porque deveríamos ser falsos? Você tem que ter coragem de aprofundar um pouco mais: porque tem medo? O que o mundo pode fazer com você? As pessoas podem rir de você, isso fará bem a elas — rir é sempre um remédio, é saudável. As pessoas podem

pensar que você é louco... mas, só porque eles pensam que você é louco, isso não significa que se tornará um louco.

Se sua alegria, suas lágrimas e sua dança são autênticas, mais cedo ou mais tarde haverá pessoas que começarão a entender você, possivelmente se juntem à sua caravana. Eu mesmo comecei meu caminho sozinho, e então as pessoas começaram a chegar e ele converteu em uma caravana mundial! Eu não convidei ninguém, simplesmente fiz tudo o que eu sentia que vinha de meu coração.

Só respondo ante meu coração e ante ninguém mais. Você só deve responder ante sua pessoa. Não vá contra seu próprio ser, porque fazê-lo é cometer um suicídio, é se destruir. E, o que pode ganhar com isso? Embora as pessoas passem a te respeitar e a pensar que você é uma pessoa muito séria, respeitável e honrada, isso não vai nutrir o seu ser. Estas coisas não vão lhe proporcionar uma maior compreensão da vida e de sua enorme beleza.

Quantos milhões de pessoas viveram sobre a Terra antes que você? Nem sequer sabe o nome delas; se viveram ou não, isso não faz diferença. Existiram Santos, existiram pecadores e existiram pessoas muito respeitáveis; e existiu toda classe de excêntricos e loucos, mas todos eles desapareceram — não ficou nem rastro deles sobre a Terra.

A sua única preocupação deve ser cuidar e proteger aquelas qualidades que você poderá levar contigo quando a morte destruir o seu corpo e sua mente, porque estas qualidades serão sua única companhia. São os únicos valores verdadeiros, e só as pessoas que os conquistaram estão vivas; as outras fingem estar vivas.

Uma noite escura a KGB bate na porta do Yussel Finkelstein. Yussel abre a porta. O homem da KGB ruge:

— Vive aqui Yussel Finkelstein?

— Não — responde Yussel, na porta com seu pijama puído.

— Não? Então, qual é o seu nome?

— Yussel Finkelstein.

O homem da KGB lhe derrubou-o com um golpe e disse:

— Você não acabou de dizer que não vivia aqui?

Yussel lhe responde:

— E você chama isto de vida?

Viver apenas não é sempre viver. Note em sua vida. Poderia dizer que ela é uma bênção? Poderia dizer que é um presente, um dádiva da existência? Você gostaria que esta vida fosse dada a você mais uma vez, e outra vez?

**NÃO DÊ OUVIDOS ÀS ESCRITURAS** — Ouça o seu coração. Essa é a única escritura que eu recomendo: escute atentamente, muito conscientemente, e você nunca se equivocará. Escutando a seu próprio coração nunca estará dividido. Escutando a seu próprio coração, começará a ir na direção correta, sem ter que pensar no que é certo ou errado.

A nova humanidade terá uma habilidade que consistirá no segredo de escutar ao coração conscientemente, vigiando, atentamente. Seguindo-lhe aonde quer que ele o leve. Sim, às vezes ele o levará a algum perigo — mas, recorde-se, esses perigos são necessários para que você amadureça. Outras vezes ele o confundirá — mas essas confusões são parte do crescimento. Cairá muitas vezes — mas, volte a se levantar, porque é caindo e se levantando que se volta a recuperar forças. É assim que alguém se equilibra.

Mas não obedeça as regras impostas pelo mundo exterior. As regras impostas nunca estarão certas — pois foram inventadas por alguém que quer dominar você! Sim, no mundo também houve grandes iluminados — Buda, Jesus Mahoma. Mas não deram regras ao mundo — deram seu amor. Mas, a certa altura, seus discípulos se reuniram e começaram a fazer códigos de conduta. Quando o Mestre se foi, quando a luz se foi, e ficaram na completa escuridão, começaram a procurar determinadas regras que pudessem

obedecer, porque agora a luz que lhes iluminava já não está mais ali. Agora têm que depender das normas.

Jesus fez o que lhe sussurrou o coração, mas os cristãos não estão fazendo o que lhes sussurra seu coração. São imitadores — e, no momento em que imita, está insultando à humanidade, está insultando a seu Deus.

Não seja um imitador, seja sempre original. Não te converta em uma cópia. Isso é o que está acontecendo no mundo todo — cópias e mais cópias.

Se for original a vida é realmente uma dança — e ser original é seu destino. Note como Krishna é diferente de Buda. Se Krishna tivesse imitado Buda, teríamos perdido um dos homens mais formosos desta Terra. Ou se Buda tivesse imitado Krishna, só teria sido uma imitação, um sujeito qualquer. Imagine Buda tocando a flauta — ele teria perturbado o sono de todo mundo, não era um flautista. Imagine a Buda dançando; é ridículo, é absurdo.

É o mesmo caso de Krishna Sentado debaixo de uma árvore sem uma flauta, sem coroa nem plumas de pavão, sem belos trajes, sentado debaixo de uma árvore com os olhos fechados como se fosse um mendigo, sem gente dançando a seu redor, sem baile, sem música — Krishna pareceria tão pobre, tão miserável. Um Buda é um Buda, um Krishna é um Krishna, e você é você. E você não é, de maneira nenhuma, menos que outros. Respeite-se, respeite sua voz interior e obedece-a.

Lembre-se, não estou garantindo a você que essa voz sempre o conduzirá ao lugar certo. Muitas vezes, ela o conduzirá ao lugar errado, pois para encontrar à porta correta, será preciso bater primeiro em muitas portas erradas. É assim que as coisas são. Se você encontrar de repente com a porta correta, não saberá reconhecer que ela é a correta. Portanto, lembre-se de que, no final das contas, nenhum esforço jamais é desperdiçado; todos os esforços contribuem ao desenvolvimento final de seu crescimento.

Portanto, não hesite, não se preocupe muito quando cometer um erro. Este é um dos problemas: ensinam às pessoas a nunca cometerem erros, e então elas hesitam; ficam receosas, tão apavoradas com a possibilidade de cometer erros, que ficam paralisadas. Não conseguem mover, alguma coisa pode dar errado. Convertem-se em rochas, perdem a mobilidade.

Cometa tantos erros quanto possível, lembre-se apenas de não cometer o mesmo erro duas vezes. Então, estará crescendo. Faz parte de sua liberdade extraviar-se, faz parte de sua dignidade inclusive ir contra Deus. E às vezes, é belíssimo ir contra Deus. É assim que começará a ter pulso; por outro lado, há milhões de pessoas sem pulso.

Esqueça de tudo o que lhe disseram: «Isto é certo e isso é errado». A vida não é estática. O que é certo hoje pode ser errado amanhã, o que está errado neste momento pode estar certo no momento seguinte. A vida não pode ser compartimentada, não se pode rotulá-la tão facilmente: «Isto é certo e aquilo é errado». A vida não é uma farmácia onde todo frasco tem sua etiqueta e você sabe que é o quê. A vida é um mistério: num momento determinado utiliza uma coisa e ela está certa, num outro momento, terá passado tanta água pelo Ganges, que já não servirá e estará errado.

Qual é minha definição de certo? Está certo aquilo que está em harmonia com a existência, e aquilo que não está em harmonia com a existência está errado. Você terá que estar sempre muito alerta, porque tem que decidir espontaneamente. Não pode contar com respostas premeditadas para o que é certo e o que é errado. Só os estúpidos contam com as respostas premeditadas, porque desse modo não precisam ter inteligência, não lhes será preciso ser inteligente. Vocês já sabem o que é certo e o que é errado, podem guardar a lista de cor; ela não é muito grande.

Os Dez Mandamentos — tão simples! — você sabe o que é certo e o que é errado. Mas a vida muda constantemente. Se Moisés voltasse, não acredito que ele transmitiria de novo os mesmos dez

mandamentos — ele não poderia. Depois de três mil anos, como poderia transmitir os mesmos mandamentos? Teria que inventar algo novo.

Mas esta é minha conclusão: independente dos mandamentos que são transmitidos, eles criam dificuldades para as pessoas, porque no momento em que são transmitidos, já estão desatualizados. A vida muda muito rápido; é dinâmica, não é estática. Não é um lago estancado, é o Ganges, está fluindo. Nunca é o mesmo rio em dois momentos consecutivos. Por isso, uma coisa pode estar certa hoje e estar errada amanhã.

Então o que fazer? A única possibilidade é tornar as pessoas tão conscientes que elas mesmas possam decidir como agir diante da vida mutante.

Uma história zen:

Havia dois templos rivais. Os dois mestres — provavelmente só eles mesmos se denominavam mestres; em realidade, deviam ser sacerdotes — eles eram tão contrários um do outro que disseram aos seus seguidores que nunca deveriam olhar para templo rival.

Cada um dos sacerdotes tinha um garoto a seu serviço, para buscar coisas ou mandar recados. O sacerdote do primeiro templo disse a seu menino servente:

— Nunca fale com o menino do outro templo. Essa gente é perigosa.

Mas meninos são meninos. Um dia eles se encontraram na estrada, e o menino do primeiro templo perguntou ao outro:

— Aonde vai?

— Aonde quer que me leve o vento. — respondeu o outro — Provavelmente, devia ter escutado grandes conceitos zen no templo; ele disse "Aonde quer que me leve o vento". Uma grande declaração, puro Tao.

Mas o primeiro menino ficou muito envergonhado e ofendido porque não tinha encontrado nenhuma resposta para dar a ele.

Estava triste, zangado, e também se sentindo culpado... "Meu mestre disse que eu não deveria falar com essa gente. Essas pessoas são realmente perigosas. Mas que tipo de resposta é essa? Ele me humilhou".

O menino foi até o mestre e disse o que tinha ocorrido:

— Sinto ter falado com ele. O senhor tinha razão, aquelas pessoas são estranhas. Que tipo de resposta foi aquela? Eu lhe perguntei: «Aonde vai?» — uma pergunta simples, normal — e eu sabia que ele estava indo ao mercado, assim como eu. Mas ele me respondeu: «Aonde quer que me leve o vento».

— Eu avisei você. —disse o mestre — Mas você não me ouviu. Agora preste atenção, amanhã esteja no mesmo lugar novamente. Quando ele vier, pergunta-lhe: «Aonde vai?», e ele dirá: «Aonde quer que me leve o vento. » Então, seja também um pouco mais filosófico. Diga: «Quer dizer que não tem pernas?» — porque a alma não tem corpo e o vento não pode levar a alma a lugar nenhum — «então, o que acha disso?»

O menino queria estar absolutamente preparado; passou a noite toda repetindo a resposta. E, na manhã seguinte, partiu bem cedo, ficou no mesmo lugar, e à mesma hora o outro menino apareceu. Ele estava muito contente, pois agora iria lhe ensinar o que é a verdadeira filosofia. Assim o perguntou:

— Aonde vai? — E ficou esperando...

Mas o outro menino disse:

— Vou ao mercado a comprar verduras...

E agora, do que lhe servia a filosofia que tinha aprendido?

A vida é assim. Você não pode se preparar para ela, não pode ficar preparado para ela. Essa é a beleza da vida, esse é o seu mistério, que sempre pega você desprevenido, sempre chega de surpresa. Se você tem olhos, verá que cada momento é uma surpresa e nenhuma resposta pronta jamais se aplica a ela.

# O CAMINHO DA INTELIGÊNCIA

A inteligência é vivacidade, é espontaneidade. É abertura, é vulnerabilidade. É imparcialidade, é a coragem para atuar sem procurar resultados. E por que digo que é coragem? É coragem porque, quando você vive para obter uma conclusão, a conclusão protege você; a conclusão dá a você confiança, proteção. Você sabe muito bem, sabe como chegar a ela, é muito eficiente com ela. Viver sem uma conclusão é viver inocentemente. Não existe nenhuma segurança, você pode errar, pode se desviar do caminho certo.

A pessoa que está pronta para empreender a exploração à chamada verdade, também tem que estar pronta para cometer muitos erros, equívocos — tem que ser capaz de arriscar. Pode extraviar-se, mas é assim que se chega. Perdendo-se muitas vezes é que se aprende a não se perder. Cometendo muitos erros é que se aprende o que é um erro e como não cometê-lo. Sabendo o que é um erro é que se chega cada vez mais perto da verdade. É uma exploração individual; você não pode depender das conclusões dos outros.

VOCÊ NASCEU COMO UMA NÃO-MENTE. Permita que isso penetre no seu coração o mais profundamente possível, porque deste modo, uma porta se abrirá para você. Se tiver nasceu como uma não-mente, significa que a mente é só um produto social. Não é natural, é cultivada. Foi colocada no alto da sua cabeça. No fundo você continua livre, pode se livrar disso. Ninguém pode se livrar da natureza, mas sempre que tomar a decisão pode se livrar do artificial.

A existência precede ao pensamento. De modo que a existência não é um estado mental, é um estado interior. O caminho para conhecer o fundamental. é ser, não pensar. Ciência significa pensamento, filosofia significa pensamento, teologia significa

pensamento. Religiosidade não significa pensamento. A perspectiva religiosa é a perspectiva do não-pensamento. É mais profunda, deixa você mais próximo da realidade. Põe abaixo todos os obstáculos, te desbloqueia, você começa a fluir com a vida. Você deixa de pensar que está separado, que está simplesmente olhando. Não crê que é apenas um observador, à margem, distante. Você encontra a realidade, mistura-se a ela e imerge dentro dela.

Mas existe um tipo diferente de saber. Ele não pode ser chamado «conhecimento». É mais parecido com o amor e menos parecido com o conhecimento. É tão profundo que a palavra «conhecimento» não é suficiente para expressá-lo. A palavra «amor» é mais adequada, mais expressiva.

Na história da consciência humana, a primeira coisa que evoluiu foi a magia. A magia era uma combinação de ciência e religião. A magia tinha alguma coisa da mente e alguma coisa da não-mente. Da magia surgiu a filosofia. Então, a partir da filosofia, nasceu a ciência. A magia era de uma só vez a mente e a não-mente. A filosofia era só mente. E depois, a mente mais a experimentação se converteram em ciência. A religiosidade é um estado de não-mente.

Mais uma coisa... O pensamento só pode pensar a respeito do conhecido... só pode mastigar o que já foi mastigado. O pensamento nunca pode ser original. Como você pode pensar a respeito do desconhecido? Tudo que consiga pensar pertencerá ao conhecido. Você só pode pensar no que conhece. O pensamento, no máximo, pode criar novas combinações. Você pode imaginar um cavalo que voa, feito de ouro, mas nada disto é novo. Você sabe que há pássaros que voam, sabe que existe o ouro, sabe que há cavalos; então combina as três coisas juntas. O pensamento, quando muito, pode engendrar novas combinações, mas não pode desvendar o desconhecido. O desconhecido está além do pensamento. O pensamento se move em círculos, explorando o conhecido uma e

outra vez. Continua a mastigar o mastigado. O pensamento nunca é original.

Encontrar-se com a realidade de forma original, radical, encontrar-se com a realidade sem intermediários — encontrar-se com a realidade como se fosse a primeira pessoa que existiu — é libertador. A novidade é que liberta.

A VERDADE É UMA EXPERIÊNCIA, NÃO UMA CRENÇA. A verdade nunca se conhece estudando-a; a verdade tem que ser encontrada, tem que ser defrontada. A pessoa que estuda o amor é como a pessoa que estuda o Himalaia olhando um mapa das montanhas. O mapa não é a montanha! Se você começar a acreditar no mapa, continuará não conhecendo a montanha. Se ficar muito obsessivo com relação ao mapa, a montanha pode estar ali bem na sua frente e você não será capaz de vê-la.

As coisas são assim. A montanha está na sua frente, mas seus olhos estão pregados nos mapas — mapa da montanha, mapas diferentes da mesma montanha, feitos por exploradores diferentes. Uns escalaram a montanha pelo lado Norte, outros pelo leste. E fizeram mapas diferentes: o Alcorão, a Bíblia, o Gita — diferentes mapas da mesma verdade. Mas você está carregando mapas demais, está oprimido demais pelo peso deles; não consegue sequer dar um passo. Não pode ver que a montanha está bem ali na sua frente, seus picos cobertos de neve, brilhando como o ouro sob o sol da manhã. Mas você não tem olhos para vê-la.

O olho preconceituoso é cego, o coração cheio de conclusões está morto. Faça muitas pressuposições e sua inteligência começará a perder a perspicácia, a beleza, a intensidade. Fica obtusa.

A inteligência obtusa é o que chamamos de intelecto. Os que vocês chamam de *intelligentsia* não são de fato inteligentes; eles são apenas intelectuais. O intelecto é um cadáver. Você pode enfeitá-lo — enfeitá-lo com grandes pérolas, diamantes, esmeraldas, mas um

cadáver ainda é um cadáver. Estar vivo é uma coisa totalmente diferente.

CIÊNCIA SIGNIFICA SER EXATO, ser absolutamente exato sobre os fatos. E Se você for muito exato sobre os fatos não poderá sentir o mistério — quanto mais exato você é, mais o mistério se evapora. O mistério necessita de uma certa imprecisão; o mistério necessita algo não indefinido, não demarcado. A ciência é objetiva; o mistério não é objetivo, é existencial.

Um fato é só uma parte da existência, uma pequena parte; a ciência lida com partes porque é mais simples lidar com partes. São menores, você pode analisá-las; não se sente sobrecarregados por elas, cabem nas suas mãos. Pode dissecá-las, rotulá-las, ficar absolutamente seguro de suas características, quantidades, possibilidades — mas nesse mesmo processo o mistério é aniquilado. A ciência é a assassina do mistério.

Se você quiser experimentar o misterioso terá que entrar por outra porta, a parti de uma dimensão completamente diferente. A dimensão da mente é a dimensão da ciência, e a dimensão da meditação é a dimensão do milagroso, o misterioso.

A meditação faz com que tudo fique indefinido. A meditação leva você ao desconhecido, ao inexplorado. A meditação leva você, pouco a pouco, a um tipo de dissolução onde o observador e o objeto observado se tornam um. Mas isso não é possível na ciência. O observador deve ser o observador, e o objeto observado deve ser o objeto observado, e é preciso manter continuamente uma distinção bem definida. Nem mesmo por um instante você deve se esquecer de si; não deve ficar interessado, absorvido, assoberbado, apaixonado ou encantado pelo objeto de sua investigação. Tem que permanecer imparcial, tem que ser muito indiferente — absolutamente indiferente. E a indiferença mata o mistério.

Se quiser realmente a experiência do misterioso, terá que abrir uma nova porta em seu ser. Não estou dizendo que deixe de ser

cientista, só estou dizendo que a ciência pode converter-se em uma atividade periférica para você. Quando estiver no laboratório seja um cientista, mas quando sair do laboratório, esqueça tudo sobre a ciência. Então ouça os passarinhos — e não de uma forma científica! Olhe as flores — e não de uma forma científica, porque quando olha uma rosa de uma forma científica, está olhando outra coisa completamente diferente. Não é a mesma rosa que o poeta vê.

A experiência não depende do objeto, a experiência depende do experimentador, da capacidade de experimentação.

OBSERVANDO UMA FLOR, SE CONVERTA NELA; dance a seu redor, cante uma canção. O ar é fresco e tonificante, o sol é cálido e a flor está em seu melhor momento. A flor está dançando com o vento, regozijando-se, cantando uma canção, cantando aleluia. Festeje com ela! Abandone a indiferença, a objetividade, o distanciamento. Abandone todas as suas atitudes científicas. Flua um pouco mais, mais enternecido, mais absorvido. Deixe a flor lhe falar ao coração, deixe-a que entrar no seu ser. Convide-a — ela é uma hóspede! Então, você poderá perceber o mistério.

Esse é o primeiro passo em direção ao misterioso e se você conseguiu participar por um momento, terá a chave, o segredo do último passo. Torne-se um participante de tudo o que estiver fazendo. Ao andar, não o faça mecanicamente, não fique observando-o — seja o caminhar. Ao dançar, não o faça tecnicamente, a técnica é irrelevante. Pode estar tecnicamente correto e ainda assim perder toda a alegria da coisa. Dissolva-se na dança, converta-se na dança, esqueça o bailarino.

Quando essa unidade profunda começar a acontecer em muitos aspectos de sua vida, quando todos ao seu redor começarem a ter grandiosas experiências de desaparecimento, de ausência de ego, de inexistência... quando a flor estiver ali e você não estiver, quando o arco íris estiver ali e você não estiver... Quando as nuvens estiverem vagando no céu tanto dentro quanto fora e você não

estiver... quando houver um silêncio absoluto dentro de você — quando não houver ninguém em você, só puro silêncio, um silêncio imaculado, imperturbável, intocado pela lógica, pelo pensamento, pela emoção, pelo sentimento — esse é o momento da meditação. A mente desapareceu, e quando a mente desaparece, o mistério vem.

## **O CAMINHO DA CONFIANÇA**

A confiança é a maior inteligência. Por que as pessoas não confiam? Porque elas não confiam na inteligência que têm. Elas têm medo, têm medo de serem enganadas. Elas têm medo; é por isso que duvidam. A dúvida vem do medo. A dúvida surge de uma espécie de insegurança em sua própria inteligência. Você não está tão seguro para confiar e viver da confiança. A confiança precisa de uma grande inteligência, coragem, integridade. Para confiar, é necessário ter uma grande coragem. Se você não tem inteligência o suficiente, se protegerá por meio da dúvida.

Se você é inteligente, está preparado para enfrentar o desconhecido, porque sabe que, embora todo o mundo conhecido desapareça e você se veja em meio ao desconhecido, será capaz de instalar-se nele. Será capaz de fazer uma casa ali no desconhecido. Você confia em sua inteligência. A dúvida está de guarda; a inteligência mantém-se aberta, porque ela sabe: «aconteça o que acontecer, será capaz de aceitar o desafio, será capaz de responder adequadamente». A mente medíocre não tem essa confiança em si mesmo. O conhecimento é medíocre.

Estar num estado de não- saber é inteligência, é consciência — e não é cumulativo. Cada momento que venha a acontecer desaparece, sem deixar nenhum rastro, nenhum rastro existencial. Outro vem depois, outra vez em estado puro, volta a ser inocente, volta a ser uma criança.

Não tente compreender a vida. Viva-a! Não tente compreender o amor. Entregue-se ao amor. Então você saberá — e esse saber virá da sua experiência. Esse saber nunca destruirá o mistério: quanto mais saiba, mais saberá que ainda há muito para saber.

A vida não é um problema. Olhar para ela como se fosse um problema é dar um passo errado, um passo falso. A vida é um mistério para ser vivido, amado, experimentado. Experimente viver!

Em realidade, a mente que procura explicações é uma mente medrosa. Por causa desse grande medo, ela quer que tudo seja explicado. A mente não se envolve com nada antes que tudo seja explicado a ela. Graças às explicações, ela sente que o terreno passa a ser familiar, ela já conhece a geografia, e agora já pode mover com o mapa, o guia e o programa. Ela não está disposta a entrar em um terreno desconhecido, inexplorado, sem ter um mapa, sem ter um guia. Mas a vida é assim, e nenhum mapa é possível porque a vida continua mudando. Todos os momentos são *agora*. Não há nada velho sob o sol, acredite em mim: vida é movimento, a cada volta tudo é novo. Há um tremendo dinamismo, um movimento absoluto. Só a mudança é permanente, só a mudança nunca muda.

O resto está sempre mudando, portanto, você não pode ter um mapa; no momento em que o mapa ficar pronto, ele já estará desatualizado. No momento em que o mapa estiver disponível, ele já será inútil, a vida mudou sua trajetória. A vida começou a jogar um outro jogo. Você não pode enfrentar a vida com um mapa, porque ela não é mensurável; e você não pode enfrentar a vida consultando um guia, porque os guias só são possíveis quando as coisas estão estagnadas. A vida não é estagnada, é dinâmica, é um processo. Você não pode ter um mapa da vida. Ela não é mensurável, é um mistério imensurável. Portanto, não peça explicações.

Isto é o que eu chamo de maturidade da mente: quando alguém chega ao ponto de olhar a vida sem fazer perguntas e simplesmente mergulha nela com coragem e destemor.

O MUNDO ESTÁ CHEIO DE PESSOAS PSEUDO-RELIGIOSAS. Igrejas, templos, *gurudwaras*, mesquitas, estão cheios de pessoas religiosas. E você não se dá conta que o mundo é absolutamente irreligioso? Com tantas pessoas religiosas, o mundo é tão irreligioso — Como está acontecendo esse milagre? Todo mundo é religioso e a soma disso é a falta de religiosidade. A religião é falsa. As pessoas têm uma confiança "cultivada". A confiança se converteu em uma crença, não em uma experiência. Elas estão sendo ensinadas a acreditar, não a conhecer — é aqui que a humanidade se perdeu.

Nunca acredite. Se você não consegue confiar, é melhor duvidar, porque através da dúvida, um dia possibilidade de confiar surgirá. Não se pode viver eternamente com a dúvida. A dúvida é uma enfermidade; é uma doença. Com dúvidas você nunca estará satisfeito; com dúvidas você sempre terá medo, com dúvidas você sempre estará angustiado, dividido e indeciso. Com dúvidas você estará vivendo um pesadelo. De modo que algum dia começará a procurar um jeito de superá-la. Por isso, eu digo que é melhor ser um ateu do que ser um teísta, um pseudoteísta.

Ensinaram você a acreditar — desde amais tenra infância, a mente de todas as pessoas têm sido condicionada a acreditar: acreditar em Deus, acreditar na alma, acreditar nisto e aquilo. Agora essa crença já impregnou os seus ossos e o seu sangue, mas continua sendo uma crença — você não sabia. E, a menos que saiba não poderá ser libertado. O conhecimento liberta, só o conhecimento liberta. Todas as crenças são emprestadas; os outros as deram a você, não brotaram em você. Como pode uma coisa emprestada conduzir-te à realidade, a realidade absoluta? Esqueça tudo o que você pegou dos outros. É melhor ser um mendigo do que ser rico — rico não devido aos seus próprios ganhos, rico devido a coisas roubadas; à custa do que lhe emprestaram, rico por meio da tradição, rico por meio de herança. Não, é melhor ser um mendigo, mas estar por sua própria conta. Essa pobreza tem em si uma riqueza, porque é autêntica, e a riqueza de sua crença é muito

pobre. As crenças podem nunca tornar-se muito profundas; permanecem na superfície. Se arranhar um pouco, aparecerá a incredulidade.

Você crê em Deus; se, mas aí o seu negócio fracassa e de repente, a incredulidade aparece. Você diz: «Não acredito, não posso acreditar em Deus». Se acredita em Deus e morre uma pessoa querida, a incredulidade surgirá. Você acredita em Deus e basta a morte de uma pessoa querida para sua crença ser destruída? Essa crença não tem muito valor. A confiança nunca pode ser destruída — uma vez que existe, nada pode destruí-la. Nada, absolutamente nada, pode destruí-la.

Recorde, existe uma grande diferença entre confiança e crença. A confiança é pessoal; a crença é social. A confiança você tem que desenvolver; a crença você pode cultivar, seja você quem for, e a crença pode ser imposta a você. Abandone as crenças. O medo aparece — porque, quando você abandona as crenças, a dúvida emerge. Toda crença obriga a dúvida a se esconder em algum lugar, reprime a dúvida. Não se preocupe, deixe que surja a dúvida. Todo mundo tem que passar por uma noite escura antes que chegue o amanhecer. Todo mundo tem que passar pela dúvida. Longo é o caminho, escura é a noite. Mas, quando chega o dia depois de uma comprida viagem e uma noite escura, então, saberá que valeu a pena. A confiança não se pode «cultivar» — e nunca tente cultivá-la; isto é o que toda a humanidade tem feito. A confiança cultivada se converte em crença. Descubra a confiança dentro de você, não a cultive. Aprofunde em seu ser, no próprio centro de seu ser e descubra-a.

PARA INVESTIGAR É PRECISO QUE HAJA CONFIANÇA porque você estará explorando desconhecido. É preciso que haja uma enorme confiança e coragem, porque você estará se afastando do convencional e do tradicional, estará se afastando da multidão. Estará entrando em mar aberto sem saber se existi a outra borda.

Eu não posso conduzi-lo a fazer esta investigação sem prepará-lo para confiar. Parecerá contraditório, mas o que eu posso fazer? — A vida é assim. Só uma pessoa que tenha uma grande confiança será capaz de ter grandes dúvidas, de investigar algo assim.

Uma pessoa que tem pouca confiança duvidará pouco. A pessoa que não tem confiança só finge que duvida. Não pode investigar profundamente. A profundidade vem pela dúvida — e é um risco. Antes de mandá-lo a um mar desconhecido, tenho que prepará-lo para essa enorme viagem em que você tem que estar sozinho — mas posso acompanhá-lo até o barco. Primeiro, terá que conhecer a beleza da confiança, o êxtase do caminho do coração, para que quando estiver no mar aberto da realidade tenha bastante coragem para continuar avançando. Aconteça o que acontecer, terá confiança em si mesmo.

Imagine, como você pode confiar em algo ou em alguém se não confia em si mesmo? É impossível. Se duvida de si mesmo, como pode confiar? É você quem tem que confiar, mas se não confiar em si mesmo, como pode confiar na sua confiança? Antes que o intelecto se transforme em inteligência, é absolutamente necessário que o coração esteja aberto. Essa é a diferença entre intelecto e inteligência.

A inteligência é o intelecto em harmonia com seu coração.

O coração sabe como confiar.

O intelecto sabe como buscar e procurar.

Há um antigo conto oriental:

Dois mendigos viviam nos arredores de uma aldeia. Um era cego e o outro não tinha pernas. Um dia, a floresta onde viviam os dois mendigos pegou fogo. É obvio, eles eram concorrente — tinham a mesma profissão, mendigavam para as mesmas pessoas — e estavam constantemente zangados um com o outro. Não eram amigos, eram inimigos.

Duas pessoas, que têm a mesma profissão, não podem ser amigas. É muito complicado, é uma questão de concorrência, de freguesia — um tira o cliente do outro. Os mendigos classificam seus clientes: «Lembre-se que este homem é meu; não o incomode». Você não sabe a que mendigo você pertence, qual mendigo que te possui, mas na rua há um mendigo ao qual você pertence. Provavelmente, lutou e ganhou a batalha, e agora você pertence a ele...

Eu costumava ver um mendigo perto da universidade; um dia o encontrei na rua. Ele estava sempre ali, perto da universidade, porque os jovens são mais generosos; as pessoas mais velhas, aos poucos, vão ficando miseráveis, medrosas. A morte está se aproximando e, aparentemente, o dinheiro é a única coisa que pode ajudar. E, se eles tiverem dinheiro, então os outros podem ajudá-los também; se não tiverem dinheiro, nem seus próprios filhos ou filhas se preocuparão com eles. Mas os jovens podem esbanjar. São jovens, podem ganhar; a vida está ali, têm toda a vida pela frente.

Ele era um mendigo rico graças aos universitários... Na Índia, um estudante só chega à universidade se pertencer a uma família rica, se não, é um esforço muito grande. Alguns pobres também chegam à universidade, mas é difícil, é duro. Eu também pertencia a uma família pobre. Pelas noites eu trabalhava como editor em um jornal, e durante o dia ia à universidade. Durante anos, não pude dormir mais do que três ou quatro horas; só dormia quando encontrava tempo, de dia ou de noite.

Este mendigo era muito forte. Nenhum outro mendigo podia entrar na rua da universidade, estava proibida inclusive a entrada. Todo mundo sabia a quem pertencia a universidade: a esse mendigo! Um dia, de repente, vi um homem jovem; o velho já não estava lá. Perguntei a ele.

—O que ocorreu? Onde está o velho?

—Ele é o meu sogro — respondeu. —. Me deu de presente a universidade.

A universidade, porém, não sabia que tinha mudado de dono, que tinha um novo proprietário. O homem jovem disse: — Casei-me com a sua filha.

Na Índia, você recebe um dote quando se casa com a filha de alguém. Não basta se casar com a filha, seu sogro, se for muito rico, tem que dar a você um carro, ou uma casa. Se não for muito rico, então terá que dar pelo menos uma moto; e se não, pelo menos uma bicicleta, mas ele tem que dar alguma coisa — um rádio, um aparelho transistor, um televisor — e algum dinheiro. Se ele for realmente rico, então dará a você uma oportunidade de viajar para o exterior, de estudar, de se converter em uma pessoa mais instruída, um médico, um engenheiro — ele pagará por isso.

A filha deste mendigo se casou, e como dote o jovem recebera a universidade toda.

— A partir de hoje, esta rua e esta universidade me pertencem — disse ele. — E o meu sogro me mostrou quais são os meus clientes.

Encontrei-me com o velho na rua e lhe disse:

— Magnífico! Você fez bem em dar um dote.

— Sim — respondeu ele. — Eu só tenho uma filha e queria fazer algo pelo meu genro. Dei a ele o melhor lugar para mendigar. Agora estou aqui de novo, tentando conseguir o monopólio desta rua. É um trabalho duro, porque há muitos mendigos, mendigos veteranos que já têm seus clientes. Mas não há nada com que me preocupar. Vou conseguir; vou tirar uns mendigos daqui. Disse-me com convicção.

Então quando a floresta estava em chamas, esses dois mendigos pensaram por um momento. Eles eram inimigos, nem sequer se falavam, mas tratava-se de uma emergência. O cego disse para o que não tinha pernas: — Agora, a única maneira que temos de escapar, é você se sentar em meus ombros; você usa as minhas pernas e eu usarei os seus olhos. É a única maneira de nos salvarmos.

Entenderam-se imediatamente. Não houve nenhum problema. O homem que não tinha pernas não poderia sair dali, era impossível atravessar a floresta... estava tudo em chamas. Ele poderia se deslocar um pouco, mas seria inútil. Era preciso encontrar uma saída rápido. O homem cego também estava certo de que não poderia sair dali. Ele não sabia de onde vinha o fogo, onde estava a estrada, onde as árvores estavam queimando e onde não estavam. Era cego... ele ficaria perdido. Mas os dois eram inteligentes; deixaram de lado a inimizade, ficaram amigos e salvaram a vida um do outro.

É uma fábula oriental. E também é uma fábula sobre o intelecto e o coração. Não tem nada a ver com os mendigos, tem a ver com você. Não tem nada a ver com a floresta em chamas, tem a ver com você — porque você está em chamas. A todo momento, você está queimando, sofrendo, triste e angustiado. Sozinho, seu intelecto é cego. Tem pernas, pode correr depressa, pode se mover rápido, mas porque é cego não pode escolher a direção adequada. Está fadado a ficar constantemente tropeçando, caindo, machucando e sentindo que a vida não tem sentido. Por isso; os intelectuais de todo o mundo dizem: «A vida não tem sentido».

O motivo pelo qual a vida parece não ter sentido é o intelecto cego que está tentando ver a luz. Isso é impossível.

Existe um coração dentro de você, que vê, que sente, mas que não tem pernas; não pode correr. Ele fica ali onde está, pulsando, esperando... algum dia o intelecto o entenderá e será capaz de usar os olhos do coração.

Quando digo a palavra *confiança* quero dizer os olhos do coração.

Quando digo a palavra *dúvida* quero dizer as pernas do intelecto.

Os dois juntos podem escapar do fogo sem nenhum problema. Mas recorde-se, o intelecto tem que aceitar o coração sobre seus

ombros. Tem que aceitar. O coração não tem pernas, só olhos, e o intelecto tem que escutar o coração e obedecer suas instruções.

Nas mãos do coração, o intelecto fica inteligente. Trata-se de uma transformação, uma transformação absoluta de energia. A pessoa não passa a ser intelectual, simplesmente fica sábia.

A sabedoria nasce do encontro do coração e do intelecto. E quando você aprender a arte de sincronizar as batidas do seu coração com o mecanismo do seu intelecto, terá o segredo em suas mãos, a chave-mestra que abre todos os mistérios.

## **O CAMINHO DA INOCÊNCIA**

A verdadeira questão não é a coragem: a verdadeira questão é que o conhecido está morto, e o desconhecido está vivo. Apegar-se ao conhecido é como apegar-se a um cadáver. Não é preciso coragem para se livrar desse apego; na verdade, é preciso coragem para continuar agarrado a um cadáver.

Basta ver... Aquilo que é familiar para você, o que você viveu — para que serviu? Onde é que levou você? Você ainda não está vazio? Não sente ainda um grande descontentamento, uma frustração profunda e sem sentido? De alguma forma você continua dando um jeito, escondendo a verdade e inventando mentiras para permanecer entretido, ocupado.

Esta é a questão: ver com clareza que tudo o que você conhece pertence ao passado, já não existe; está no cemitério. Você quer estar numa tumba ou permanecer vivo? E esta questão não é só de hoje, será a questão de amanhã e depois de amanhã. E será essa também a questão até o seu último suspiro.

O que quer que você saiba, que tenha acumulado — informações, conhecimentos, experiência —, no momento em que explorou todas essas coisas, já as liquidou. Conduzir essas palavras vazias, conduzir esse peso morto, é aniquilar sua vida; oprimi-la, é

impedir que você se torne um ser vivo, exultante — que espera por você a cada instante.

O homem de compreensão morre a todo instante para o passado e renasce para o futuro. Seu presente é sempre uma transformação, um renascimento, uma ressurreição. Não se trata em hipótese alguma de coragem, isto é a primeira coisa que tem de ser entendida. É uma questão de clareza, de ter uma idéia clara do que é cada coisa.

Em segundo lugar, sempre que se tratar de fato de uma questão de coragem, saiba que ninguém pode dá-la a você. Não é o tipo de coisa que se possa dar de presente. É algo com que você nasce, mas que não deixou crescer, não deixou que se firmasse.

**INOCÊNCIA É CORAGEM E AO MESMO TEMPO CLAREZA.** Se você é inocente não precisa ter coragem. Tampouco precisa ter clareza, porque não há nada tão claro e tão transparente como a inocência. Portanto, a questão toda se resume em como se proteger da própria inocência.

A inocência não é uma conquista. Também não é algo que se aprenda. Não é tampouco um talento como a pintura, a música, a poesia, a escultura. Não é nenhuma destas coisas. É mais parecido à respiração, é algo com que você nasce.

A inocência é a natureza de todos nós. Não existe ninguém que não tenha nascido inocente.

Como alguém poderia não ter nascido inocente? Nascimento significa que você veio para este mundo como uma *tabula rasa*, sem nada escrito. Só tem futuro, não tem passado. Esse é o significado da inocência. Portanto, primeiro tente compreender todos os significados do termo inocência.

O primeiro é: nenhum passado, só futuro.

O passado corrompe porque provoca lembranças, experiências, expectativas. As quais, combinadas entre si, fazem de você uma pessoa esperta, mas não lúcida. Faz de você uma pessoa

astuta, mas não inteligente. Isso pode ajudá-lo a triunfar no mundo, mas, no fundo de seu ser, você será um fracassado. E todo o êxito do mundo não pode ser comparado ao fracasso que terá que enfrentar, porque no final, só seu mundo interior fica com você. Todo o resto se perde: sua glória, seu poder, seu nome, sua fama... Tudo começa a desaparecer como sombras.

Ao final só restará o que você tinha desde o princípio. Você só pode levar deste mundo aquilo que trouxe pra cá.

Na Índia, a sabedoria popular diz que o mundo é como a sala de espera de uma estação de trem; não é sua casa. Você não vai ficar na sala de espera para sempre. Nada na sala de espera pertence a você: os móveis, os quadros das paredes... Você os usa — vê os quadros, senta-se na cadeira, descansa na cama — mas nada pertence a você. Você só está ali por alguns minutos, ou quando muito, por algumas horas, depois irá embora.

Sim, o que trouxe consigo para a sala de espera, você levará de volta, é seu O que você trouxe a este mundo? E o mundo é, sem dúvida, uma sala de espera. Talvez a espera não seja só de segundos, de minutos, de horas, de dias, possivelmente seja de anos; mas que diferença há entre estar esperando sete horas ou setenta anos?

Talvez, ao longo desses setenta anos, você se esqueça de que estava em uma sala de espera. Talvez comece a pensar que é o dono de tudo isso, que essa talvez seja a casa que você construiu. E porá uma placa com seu nome na sala de espera.

Há pessoas — eu vi isso porque viajava muito — que escrevem o próprio nome nos banheiros das salas de espera. Pessoas que gravam seu nome nos móveis da sala de espera. Pode parecer uma tolice, mas é muito parecido com o que as pessoas fazem neste mundo.

Há uma história muito significativa nas antigas escrituras jainistas. Na Índia se acredita que se alguém se convertesse no imperador do mundo receberia o nome de *chakravartin*. A palavra

*chakra* significa roda. Na Índia antiga, havia uma forma de evitar lutas e violência desnecessárias: uma carruagem de ouro, muito valiosa, com cavalos belos e fortes, viajava de um reino para outro. Se o reino não resistisse e deixasse a carruagem passar, isso significava que ele tinha aceitado o dono da carruagem como seu superior. Então não havia necessidade de lutar. A carruagem então podia prosseguir, e se algum povo impedisse a sua passagem, haveria guerra.

Se a carruagem tivesse o caminho livre por onde quer que passasse, então, sem que houvesse guerra, ficava demonstrada a superioridade do rei: o rei se convertia em *chakravartin*, ou seja, aquele cuja roda dera voltas e voltas sem que ninguém a detivesse. Este foi o desejo de todos os reis: converter-se em *chakravartin*.

Certamente é preciso mais poder do que o que demonstrou Alexandre, o Grande. Só o fato de mandar a carruagem... isso requer um enorme poder. É preciso certeza absoluta de que, se a carruagem tiver a passagem obstruída, haverá uma matança maciça. Significa que o rei já é reconhecido; que se ele quiser conquistar a qualquer um ali, não haverá nenhuma forma de impedir que ele o conquiste.

Trata-se de uma forma simbólica, mais civilizada. Não há necessidade de ataque, nem de se começar a matar; basta mandar essa mensagem simbólica. A carruagem seguirá em frente com a bandeira do rei, e se o outro rei achar que não tem sentido resisti-la — lutar só suporia uma derrota e uma violência desnecessária — dará boas-vindas à carruagem, e em sua cidade, flores serão lançadas sobre ela.

Esse parece um jeito bem mais civilizado do que países como a União Soviética e EUA costumam usar. Mandar uma bela carruagem — mas isso significa que deve estar muito seguro de sua força; e não só você, mas também todos outros. Só então poderá se valer de um símbolo como este. Por isso, todos os reis desejavam converter-se em um *chakravartin* algum dia.

A história é que um homem se converteu em um *chakravartin* — e isto só acontece uma vez em milhares de anos. Nem mesmo Alexandre, o Grande, conquistou o mundo; ficaram muitas zonas por conquistar. E morreu muito jovem, só tinha trinta e três anos: não teve tempo suficiente para conquistar o mundo. E nem sequer conhecia o mundo todo! Desconhecia a metade do mundo, e nem mesmo tinha conseguido conquistar a metade que se conhecia. Este homem, de quem vou contar a história, converteu-se em *chakravartin*.

Dizem que quando um *chakravartin* morre — porque só aparece um *chakravartin* em milhares de anos, é um ser raro — ao morrer, é recebido no céu com louvores e levado para um lugar especial.

Na mitologia jainista, existe no céu uma montanha paralela aos Himalaia. O Himalaia é feito de pedras, terra e gelo. O paralelo do Himalaia no céu recebe o nome do Sumeru. Sumeru significa a montanha suprema; não há nada mais alto do que ela, nada melhor do que ela. É ouro maciço; em vez de pedras há diamantes, rubis e esmeraldas.

Quando um *chakravartin* morre é conduzido ao monte Sumeru para gravar seu nome nele. É uma oportunidade rara, só acontece uma vez em milhares de anos. Este homem, é obvio, estava enormemente emocionado porque ia escrever seu nome no monte Sumeru. É a lista máxima de todas as grandes personalidades que existiram. Este imperador estava se tornando parte de uma linhagem de super-homens.

O guardião do portal lhe deu os instrumentos para gravar seu nome. Ele queria levar consigo alguns de seus homens — estes haviam se suicidado porque seu imperador estava morrendo, e não podiam imaginar viver sem ele. Sua mulher, seu primeiro-ministro, o comandante em chefe e todas as grandes personalidades que o cercavam haviam se suicidado, por isso foram com ele.

O imperador queria que o guardião do portal deixasse entrar todos para que o vissem gravar seu nome, porque qual é o prazer de ir sozinho e gravar seu nome se não houver ninguém que o veja? A verdadeira alegria é que o mundo todo o veja.

O guardião lhe disse:

— Escute meu conselho, herdei esta profissão. Meu pai era guardião, o pai dele era guardião, somos os guardiões do monte Sumeru há séculos. Escute meu conselho, não os leve com você, senão vai se arrepender.

O imperador não entendeu o porquê, mas também não podia ignorar seu conselho, afinal, que interesse teria aquele homem em preveni-lo?

— Se você quiser que eles o vejam — continuou o guardião — primeiro vá e grave seu nome na pedra; então volte e leve-os com você se quiser. Não faço nenhuma objeção, mesmo agora, se quiser levá-los, tudo bem, mas, caso decida não fazer isso, já não poderá mudar de opinião... eles estarão contigo. É melhor ir sozinho.

Parecia um conselho muito sensato. O imperador disse:

— Está bem. Irei sozinho, gravarei meu nome e voltarei para buscá-los.

— Estou completamente de acordo. Assentiu o guardião.

O imperador foi e viu o monte Sumeru brilhando sob milhares de sóis — porque o céu não pode ser tão pobre para ter só um sol — há milhares de sóis, e uma montanha dourada muito maior que o Himalaia... e o Himalaia tem quase cinco mil quilômetros! Por um momento ele não pôde abrir os olhos, tão deslumbrante era a paisagem. E então começou a procurar um espaço, o espaço adequado, mas se surpreendeu: porque não havia espaço, a montanha estava cheia de nomes gravados.

Ele não podia acreditar. Pela primeira vez se deu conta do que era. Até agora tinha acreditado que era um super-homem dos que só nascem em milhares de anos. Mas o tempo é eterno; mesmo milhares de anos não faziam diferença, e houve muitos *chakravartins*.

Não havia espaço na maior de todas as montanhas do universo para escrever seu pequeno nome.

Ele voltou, e agora compreendia que o guardião tinha razão quando lhe disse que não levasse a sua mulher, o seu comandante em chefe, o seu primeiro-ministro e outros amigos íntimos. Era melhor que não vissem esta situação. Seguiriam pensando que seu imperador era um ser excepcional.

O imperador foi ao guardião e disse:

— Não há espaço!

— Isso é o que eu queria te dizer — respondeu o guardião. O que você tem de fazer é apagar alguns nomes e escrever o seu. É o que tem sido feito sempre, a minha vida toda tenho visto isso, meu pai acostumava dizer o mesmo. O pai de meu pai... Ninguém da minha família jamais viu o Sumeru vazio, com algum espaço vazio. Todos os *chakravartins* que vieram tiveram que apagar alguns nomes para escrever o próprio. De modo que aqui não estão todos os *chakravartins*. Apagaram-se nomes muitas vezes e tornaram a gravar outros. Faça seu trabalho e se quiser mostrar aos seus amigos, pode trazê-los.

— Não, não quero mostrar a eles e nem sequer quero escrever meu nome — respondeu o imperador — Que sentido tem? Algum dia virá alguém e o apagará. Minha vida toda ficou absolutamente sem sentido. Esta era minha única esperança: que o monte Sumeru, a montanha dourada do céu, fosse ter o meu nome. Por isto vivi, por isto arrisquei minha vida; por isto estava disposto a matar o mundo inteiro. Agora qualquer pessoa pode apagar meu nome e escrever o seu. Que sentido tem escrevê-lo? Não vou escrever.

O guardião riu.

— Por que está rindo? — perguntou o imperador.

— É curioso — respondeu o guardião — porque isso é o mesmo que também tenho ouvido contar os meus avós: ao ver toda a história, os *chakravartins* voltam sem escrever nada. Você não é

uma novidade, qualquer que tenha um pouco de inteligência faria o mesmo.

Neste mundo, o que você pode ganhar? O que pode levar contigo? Seu nome, seu prestígio, sua respeitabilidade? Seu dinheiro, seu poder... o quê? Sua cultura? Não se pode levar nada. Terá que deixar tudo aqui. E nesse momento você compreenderá que tudo o que possuía não era seu; a própria idéia de posse estava errada. Por cauda das posses você foi corrompido.

Para aumentar suas posses — para ter mais dinheiro, mais poder, para conquistar mais terras — você fez coisas que nem mesmo você poderia dizer que estão certas. Você mentiu, não foi honrado. Teve centenas de faces. Não foi sincero com outros ou consigo mesmo nem um só instante; não podia sê-lo. Teve que ser falso, mentir, fingir, porque estas são as coisas que lhe ajudam a triunfar no mundo. A autenticidade não vai ajudar você. A honradez também. Tampouco a sinceridade.

Sem posses, sucesso, fama, — quem você é? Não sabe. Você é o seu nome, é sua fama, é o seu prestígio, seu poder. Mas, além disso, quem é você? Suas posses se converteram em sua identidade. Dão-lhe um sentido de identidade falso. Isso é o ego.

O ego não é algo misterioso, é um fenômeno muito simples. Você não sabe quem é, e é impossível viver sem saber quem você é. Se eu não sei quem sou, então o que estou fazendo aqui? O que quer que eu faça, deixará de ter sentido. A primeira coisa a fazer e a mais importante é saber quem sou. Depois, talvez eu possa fazer algo de acordo com minha natureza, que me dê satisfação, que me leve de volta para casa.

Mas se não sei quem sou e continuo fazendo coisas, como posso chegar aonde a minha natureza precisaria chegar, precisaria me levar? Fico correndo para lá e para cá, mas nunca poderei chegar ao ponto de dizer: «cheguei, este é o lugar que eu estava procurando».

Você não sabe quem é, portanto, precisa usar alguma identidade falsa como substituto. Suas posses lhe dão essa falsa identidade.

Você chega ao mundo como um observador inocente. Todo mundo chega da mesma maneira, com a mesma qualidade de consciência. Mas começa a barganhar com o mundo dos adultos. Eles têm muitas coisas para dar a você; e você só tem uma coisa a dar, a sua integridade, o seu amor próprio. Você não tem muito, tem uma só coisa — pode chamá-la como quiser: inocência, inteligência, autenticidade. Você só tem isso.

Naturalmente, a criança fica sempre muito interessada por tudo o que vê. Quer ter isto, ter aquilo; é parte da natureza humana. Se você olhar uma criança pequena, inclusive em recém-nascido, verá que suas mãos estão procurando às apalpadelas; tentam encontrar algo. Ela começou a sua viagem.

Nesta viagem, ela perderá a si mesma, porque nesta vida não conseguirá nada sem pagar. Mas a pobre criança não pode entender que o que ela está dando é tão valioso, que se o mundo todo estivesse de um lado da balança, e a sua integridade do outro, mesmo assim esta pesaria mais, teria mais valor. A criança não tem como saber disso. Este é o problema, o que ela conseguiu, já conseguiu. Ela toma isso por certo.

Vou contar uma história que deixará isso mais claro:

Havia um homem rico, muito rico, que ao final era muito infeliz, o que é um resultado natural do sucesso. Não existe maior fracasso do que o sucesso. O sucesso só tem sentido se você já tiver fracassado alguma vez em sua vida. Assim que alcança o sucesso, você se dá conta que foi enganado pelo mundo, pelas pessoas, pela sociedade.

Este homem tinha todas as riquezas, mas não estava em paz consigo mesmo. Então, começou a buscar essa paz de espírito.

Isto é o que acontece na América. Na América, há mais pessoas procurando paz de espírito do que em qualquer outro lugar do

mundo. Na Índia nunca encontrei com uma pessoa que estivesse procurando paz de espírito. Primeiro é preciso buscar a paz no estômago — a paz de espírito está muito longe. A mente está a milhares de quilômetros do estômago.

Mas, na América, todo mundo busca a paz de espírito, e é claro que, se você está procurando alguma coisa, encontra pessoas que estão prontas para lhe dar isso. É uma lei básica da economia: onde há demanda há oferta. Não importa se você realmente precisa daquilo que está procurando. E ninguém também se importa com o que a oferta vai lhe proporcionar: se trata apenas de uma propaganda enganosa ou se é realmente uma coisa substancial.

Conhecendo este princípio básico — onde há demanda há oferta — As pessoas espertas e sagazes estão um passo à frente. «Não é preciso esperar pela demanda, você pode criar a demanda». E esta é a arte da propaganda: criar a demanda.

Antes de ler a propaganda, você não tinha essa necessidade, nunca havia sentido essa necessidade. Mas, ao ler a propaganda, de repente pensou: «meu deus, como estive perdendo isso. Sou tão idiota que nem sequer sabia que existia algo parecido».

Antes de alguém começar a manufaturar algo, a produzir algo, inclusive vários anos antes — dois, três ou quatro anos antes — ele começa a anunciar o produto. O produto ainda nem está no mercado, porque antes a demanda tem que chegar à mente das pessoas. E quando houver a necessidade, já haverá a oferta.

Bernard Shaw dizia que quando começou a escrever e publicou seu primeiro livro não havia demanda, é obvio, ninguém jamais ouvira falar em George Bernard Shaw. Então, como pode alguém chegar à livraria e dizer: «quero o livro do Bernard Shaw, a peça de teatro». Então o que ele acostumava fazer sempre... Publicava o livro — ele mesmo era o editor, o patrocinador — e depois ia de livraria em livraria perguntando:

— Têm o livro do George Bernard Shaw?

— Bernard Shaw? — perguntavam — Nunca ouvi mencionar.

— Que estranho — dizia ele — um homem tão importante como esse e você nunca ouviu falar dele? E ainda trabalha em uma livraria? Você está desatualizado ou coisa assim? Se há uma coisa que você deveria ter é o livro do George Bernard Shaw.

Ele só havia publicado um livro, mas anunciava vários, porque se você já está no ramo, por que publicar apenas um? E um livro não faz de um homem um grande escritor.

Vestia-se com roupas diferentes — às vezes de chapéu, às vezes de óculos. E ele tinha de fazer tudo — a propaganda, a distribuição; foi assim que ele vendeu seu primeiro livro. Ele perguntava para as pessoas na rua:

— Já ouviu falar...? Porque tenho ouvido muito sobre um certo livro escrito por um tal George Bernard Shaw. Estão dizendo que é simplesmente bárbaro, fantástico. Já ouviu falar?

— Não, nunca ouvimos falar dele — respondiam.

— Que estranho — rebatia ele — Eu acreditava que Londres era uma sociedade culta.

la às livrarias, bibliotecas e clubes, e em todo lugar onde houvesse possibilidade de criar uma demanda, e ele criou a demanda. Vendeu o livro e, finalmente — normalmente se dedicava a isso o tempo todo —, finalmente tornou-se um dos maiores escritores de sua época. Tinha motivado a demanda.

Mas, se você é bem-sucedido, não é preciso que ninguém crie uma necessidade de paz de espírito. Se você é bem-sucedido, uma hora acabará perdendo a paz de espírito. Este é o curso natural. O êxito tira toda a paz de espírito. Ele extrai tudo o que é significativo da vida: a paz, o silêncio, a alegria, o amor. Continua tirando tudo de você. Ao final, suas mãos estão cheias de coisas inúteis, e se perde tudo o que tinha valor. E de repente, se dá conta de que necessita de paz de espírito.

Imediatamente aparecem os fornecedores, que não sabem nada da mente e não sabem nada da paz. Tenho lido um livro intitulado "Paz de espírito", escrito por um rabino judeu, Joshua

Liebman. Folheei o livro inteiro, e este homem não sabe nada da paz nem da mente. Mas é um negociante. Fez um bom trabalho sem saber nada da paz ou da mente.

Seu livro é um dos mais vendidos no mundo inteiro, porque todo aquele que deseja encontrar paz de espírito é atraído, mais cedo ou mais tarde, para o livro do Joshua Liebman. E ele o escreveu lindamente. É um bom escritor, muito claro, extraordinário; você será influenciado por ele. Mas, depois de ler este livro, sua paz de espírito continuará tão longe quanto antes, ou talvez fique até mais distante.

Na verdade, se uma pessoa souber o que é a paz e o que é a mente, não poderá escrever um livro que intitulado *Paz de espírito*, porque a mente é a origem de toda falta de paz, de toda inquietação. Paz é quando não existe mente.

Paz de espírito... esse produto não existe. Se a mente está ali, então a paz não está. Se a paz está ali, então a mente não está.. Mas se escrever um livro "Paz da não-mente" — ninguém irá comprá-lo. Estive pensando... mas cheguei a conclusão, ninguém vai comprar um livro que se chame "Paz da não-mente". Simplesmente não faria sentido para as pessoas, embora seja a autêntica realidade.

A criança não tem consciência do que ela trouxe consigo. Esse homem rico estava na mesma situação. Tinha todas as riquezas do mundo, mas procurava a paz mental. Foi de um sábio a outro e todos lhe deram grandes conselhos, mas os conselhos não ajudam ninguém.

De fato, só os tolos dão conselhos, e só os tolos escutam os conselhos. As pessoas sábias são contrárias a dar conselhos, porque evidentemente um homem sábio sabe que a única coisa que se dá de graça no mundo são os conselhos, e ninguém os escuta, então, para que se incomodar em dá-los?

Um homem sábio primeiro te prepara para que possa escutar seu conselho. Não só te dá conselho, mas também te prepara. Pode levar muitos anos para preparar você, para preparar o terreno para

semear a semente. Só um tolo joga sementes em cima das pedras sem preocupar-se em desperdiçá-las.

Todos estes sábios deram conselhos a ele, mas nenhum serviu. Finalmente, um homem a quem ele não havia perguntado nada, e que muito menos era famoso — ao contrário, acreditavam que era o idiota da aldeia — um dia o parou na estrada e lhe disse:

— Está perdendo seu tempo inutilmente, nenhum desses homens é sábio. Conheço-os perfeitamente, mas como sou idiota ninguém acredita em mim. Provavelmente, você tampouco acredite, mas eu conheço um sábio. Vendo você constantemente tão atormentado, procurando paz de espírito, pensei que seria melhor que eu indicasse a pessoa certa. Tirando isso, sou um idiota; ninguém me pede conselhos e eu nunca dou conselhos a ninguém. Mas já estava demais, vendo você assim tão triste e abatido, tive que romper meu silêncio. Vá procurar este homem numa aldeia aqui perto.

O homem rico foi imediatamente a tal aldeia montado em seu formoso cavalo; nas mãos, uma bolsa cheia de preciosos diamantes. Ao chegar, viu o homem — os sufis o conheciam como Amacie Nasrudin. Ele perguntou-lhe a Amacie:

— Pode me ajudar a alcançar a paz de espírito?

— Ajudar? Amacie respondeu — Posso dá-la a você.

O homem rico pensou: Que estranho. primeiro o idiota me sugeriu... e como estava tão desesperado pensei que não haveria nenhum perigo nisso, então eu vim. Mas este parece ainda mais idiota, está dizendo: «Posso dá-la a você».

— Você pode me dar? — perguntou o homem rico — estive com todo tipo de sábios, todos me deram conselhos: faça isto, faça aquilo, tenha disciplina, seja caridoso, ajude aos pobres, construa hospitais, isto e aquilo. Disseram todas estas coisas, e de fato as tenho feito, mas não ajudou em nada. Na realidade, surgiram ainda mais problemas. E você diz que pode me dar paz de espírito?

— É muito simples. Disse Amacie — Desça do cavalo.

O homem rico desceu do cavalo. Estava segurando sua bolsa quando Amacie lhe perguntou:

— O que leva na bolsa apertado ao coração?

— São preciosos diamantes — disse ele — se você conseguir me dá paz, eu lhe darei a bolsa.

Mas antes que ele pudesse perceber o que estava acontecendo, Amacie agarrou a bolsa e saiu correndo!

O homem rico sobressaltou por um momento; nem sequer sabia o que fazer. E então teve de persegui-lo. Mas se tratava da aldeia de Amacie, ele conhecia todas as ruas e os atalhos, e, além disso, estava correndo. O homem rico nunca correra em toda sua vida e era tão gordo... Ele gritava, praguejava, bufava e as lágrimas caíam pelas bochechas.

— Enganaram-me totalmente! — dizia — Este homem me tirou o trabalho de toda a minha vida, todas as minhas economias; ele levou tudo.

Então uma multidão começou a segui-lo, e todos riam.

— São todos idiotas? — perguntava às pessoas —. Esta aldeia está cheia de idiotas? Estou completamente arruinado, e em vez de pegar o ladrão, estão todos rindo.

— ele não é um ladrão — disseram — é um homem muito sábio.

— Aquele idiota da minha aldeia é quem me colocou nesta confusão! — choramingava o homem rico.

Mas, de um jeito ou de outro, correndo e suando, perseguiu Amacie.

Amacie voltou para baixo da mesma árvore, sob a qual ainda estava o cavalo. Sentou-se sob a árvore com a bolsa, e o homem rico chegou gritando e chorando.

— Tome a bolsa — disse Amacie.

O homem rico pegou a bolsa de volta e apertou-a contra o peito.

— Como está se sentindo? — perguntou Amacie — Está sentindo paz de espírito?

— Sim, sinto muita paz. — disse o homem rico — Você é um homem estranho, usa métodos estranhos.

— Não são métodos estranhos — respondeu Amacie — é pura matemática. Não importa o que tenha, você um dia começa a não dar mais valor àquilo. Basta que lhe dêem uma oportunidade de perder o que tem, para você imediatamente se dar conta do que perdeu. Você não ganhou nada de novo; é a mesma bolsa que tem carregado sem paz de espírito. Agora você segura a mesma bolsa junto a seu coração e todo mundo pode ver quão tranqüilo está, um sábio perfeito! Vá para casa, e não incomode mais ninguém.

Este é o problema da criança, porque chega neste mundo cheio de inocência, e está disposta a comprar qualquer coisa em troca de sua inocência. Está disposta a comprar qualquer porcaria em troca de sua coragem. Está disposta a comprar brinquedos — e além de brinquedos, que mais há no mundo? — e a perder sua lucidez. Ela só entenderá quando tiver em seu poder todos esses brinquedos, mas não sentir nenhum prazer em brincar com eles, não conseguir ter satisfação, nem realização. Então, tomará consciência do que perdeu; perdeu-se a si mesma.

Num mundo melhor, as famílias aprenderão com as crianças. Você tem tanta pressa de ensiná-las. Aparentemente, ninguém aprende com elas, mas têm muito a ensinar. E você não tem nada a ensinar a elas.

Como é mais velho e poderoso, começa a fazer com que elas fiquem exatamente iguais a você, sem parar para pensar a respeito de quem você é, o que alcançou, qual o seu status no mundo interior. Você é um mendigo, e quer o mesmo para seu filho?

Mas ninguém pensa; do contrário, as pessoas aprenderiam com as crianças. As crianças contribuem com muitas coisas que trazem do outro mundo pelo fato de terem acabado de chegar. Ainda carregam o silêncio do útero, o silêncio da existência em si.

RECORDE-SE SEMPRE, CONFIE NO DESCONHECIDO. O conhecido é a mente. O desconhecido não pode ser a mente. Pode ser outra coisa, mas não a mente. O que é certo sobre a mente é que ela é conhecimento acumulado. Por exemplo, se você chegar a uma bifurcação no caminho, e a mente disser, «vamos por aqui, você já conhece este caminho», isso é a mente. Se ouvir o seu ser, preferirá seguir pelo caminho desconhecido. O ser sempre é um aventureiro. A mente é muito ortodoxa, muito conservadora. Quer andar nos trilhos, no caminho já tantas vezes trilhado, o caminho que oferece menor resistência.

Escute sempre o desconhecido. E reúna coragem para enfrentá-lo.

Para cumprir seu destino, é necessário grande coragem, é preciso destemor. As pessoas que estão cheias de medo não podem ir além do conhecido. O conhecido dá uma espécie de conforto, de segurança, de confiança, porque é conhecido. A pessoa está perfeitamente ciente, sabe como lidar com o conhecido. Pode estar quase dormido e mesmo assim continuar lidando com ele — não é preciso estar acordado; é a vantagem do conhecido.

Assim que atravessa a fronteira do conhecido surge o medo, porque agora estará na ignorância, não saberá o que deve ou não fazer. Não estará seguro de si mesmo, poderá cometer erros; poderá se perder. Este medo é o que mantém as pessoas presas ao conhecido, e uma vez que esteja presa ao conhecido, está morta.

Só se pode viver a vida perigosamente, não há outra forma de vivê-la. A vida só alcança a maturidade e o crescimento através do perigo. Tem que ser um aventureiro, sempre disposto a arriscar o conhecido pelo desconhecido. E assim que tenha provado a alegria que produz a liberdade e a ausência de medo, nunca se arrependerá, porque saberá o que significa viver intensamente. Saberá o que significa viver desregradamente. Um só instante dessa intensidade é mais gratificante do que toda uma eternidade vivendo uma vida medíocre.

# Quando o Novo bater à Sua Porta, Abra-a!



*O novo não é algo familiar. Ele tanto pode ser amigo quanto inimigo, quem vai saber? E não há como saber! O único jeito é deixar que ele entre; daí a apreensão, o medo.*

**O**novo não provém de você, a origem dele está mais além. Ele não é parte de você. Todo o seu passado está em perigo. O novo não é algo contínuo, regular, por isso tem medo. Você tem vivido de uma certa maneira, tem pensado de uma certa maneira, tem vivido uma vida cômoda de acordo com suas crenças. Então alguma coisa nova bate à sua porta. Agora o padrão de todo o seu passado

vai ser perturbado. Se permitir que o novo entre, você nunca mais será o mesmo, o novo transformará você.

É arriscado. Com o novo, nunca se sabe até onde pode chegar. O velho é conhecido, familiar; você viveu com ele por muito tempo, se familiarizou com ele. O novo não é algo familiar. Ele tanto pode ser amigo quanto inimigo, quem vai saber? E não há como saber! O único jeito é deixar que ele entre; daí a apreensão, o medo. E você também não pode continuar rejeitando o novo, porque o velho já não lhe traz o que você procura. O velho promete, mas as promessas não trazem satisfação. O velho é conhecido mas desagradável. O novo pode ser desconfortável, mas existe uma possibilidade — De modo que não pode rejeitá-lo, tampouco pode aceitá-lo; por isso hesita, vacila, tem medo e uma grande ansiedade cresce em seu ser. É natural, não há nada de errado nisso. Sempre foi assim e sempre será assim.

Tente compreender a aparência do novo. Todo mundo quer voltar a ser novo, porque ninguém está satisfeito com o velho. Ninguém nunca está satisfeito com o velho porque, seja ele o que for, você já o conhece. Uma vez conhecido, ele fica repetitivo; uma vez conhecido, ele fica aborrecido, monótono. Você quer se livrar dele. Quer explorar, quer se aventurar. Você quer voltar a ser novo, e mesmo assim, quando o novo bate à sua porta, você se acovarda, se encolhe e se esconde no velho. Esse é o dilema.

Como voltar a ser novo? — E todo mundo quer voltar a ser novo. É preciso ter coragem, e não uma coragem comum; é preciso ter uma coragem extraordinária. O mundo está cheio de covardes, por isso as pessoas deixaram de que crescer. Como você pode crescer se é um covarde? Diante de cada oportunidade, você foge assustado, fecha os olhos. Como pode crescer? Como pode ser? Você só finge ser.

E pelo fato de não pode crescer, você tem que encontrar substitutos para esse crescimento. Você não pode crescer, mas seu saldo bancário pode — é um substituto. Não é preciso coragem, isso

se ajusta perfeitamente á sua covardia. Seu saldo bancário continua crescendo e você acredita que também está crescendo. Passa a ser alguém mais respeitável. Seu nome e sua fama continuam crescendo e você pensa que também está crescendo? Você está apenas se enganando. Você não é seu nome, você não é sua fama. Seu saldo bancário não é o seu ser. Mas, se você pensa em seu ser, começa a tremer, porque para crescer tem que renunciar à covardia.

Como voltamos a ser novos? Não nos renovamos espontaneamente. O novo vem de muito além, vem de Deus. O novo vem da existência. A mente é sempre velha. A mente nunca é nova, é o acúmulo do passado. O novo vem de muito além, é um presente de Deus. Ele vem de muito além e é de muito além.

O Desconhecido e o que não pode ser conhecido, o além, invadiram você. Invadiram porque você nunca é lacrado e deixado de lado. Você não é uma ilha. Você pode ter esquecido o além, mas o além não esqueceu você. O filho pode esquecer-se da mãe, mas a mãe não se esquece do filho. A parte pode ter começado a pensar: «Estou separada», mas o todo sabe que você não está separado. A totalidade invadiu você. Ainda está em contato contigo. Por isso, embora você não lhe dê as boas-vindas, o novo continua vindo. Ele vem toda manhã, toda noite. Vem de milhares de maneiras. Se tiver olhos para ver, verá que ele está vindo constantemente.

A existência continua derramando sobre você, mas você está fechado em seu passado. Está em uma espécie de tumba. Tornou-se insensível. Por culpa de sua covardia perdeu a sensibilidade. Ser sensível quer dizer que o novo será sentido, e a emoção do novo; e a paixão pelo novo e pela aventura despertarão e você começará a entrar no desconhecido, sem saber aonde está indo.

A mente acredita que isto é uma loucura. A mente acredita que não é racional abandonar o velho. Mas Deus é sempre o novo. É por isso que não podemos usar o tempo passado ou futuro para falar de Deus. Não podemos dizer: «Deus era», nem dizer: «Deus será».

Só podemos usar o presente: «Deus é». É Sempre fresco, virgem. E invadiu você.

Recorde-se, tudo de novo que aparece em sua vida é uma mensagem de Deus. Se o aceita é religioso. Se o rejeita é irreligioso. O homem só precisa relaxar um pouco para aceitar o novo, abrir-se um pouco mais para que o novo possa entrar. Abra caminho para Deus entre em você.

Este é o significado da oração ou da meditação... você se abre, diz sim, diz «Entre». Diz: «estive esperando por muito tempo e estou grato por ter vindo». Sempre receba o novo com grande alegria. Mesmo que às vezes ele lhe traga algum inconveniente, ainda assim vale a pena, porque só se aprende através dos erros, e só se cresce através das dificuldades. O novo trará dificuldades. É por isso que você escolhe o velho, porque ele não traz dificuldades. É um consolo, um refúgio.

Mas só o novo, aceito de modo profundo e total, pode transformar você. Você não pode introduzir o novo na sua vida; o novo vem. Você pode aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se o rejeita, você será como uma pedra, fechada e morta. Se o aceita, se converte em uma flor, começa a se abrir... e nesse abrir-se está a celebração.

Só a chegada do novo pode te transformar, não há nenhuma outra maneira de transformação. E lembre-se, não tem nada a ver com você e seus esforços. Mas não ter nada a ver não significa deixar de agir, é agir sem desejo ou direção ou impulso vindos do seu passado. A busca pelo novo não pode ser uma busca comum. Posto que é novo — como poderá buscá-lo? Você não o conhece, nunca o viu. Procurar pelo novo é uma exploração aberta. Não se sabe. Terá que começar num estado de não-saber, e avançar inocentemente como uma criança, vibrando com as possibilidades — e são infinitas as possibilidades.

Não há nada que você possa fazer para criar o novo, pois o que quer que faça pertencerá ao velho, será decorrente do passado. Mas isso não quer dizer que você tenha que deixar de agir. É agir

sem desejo, sem direção nem impulso de seu passado. Atuar sem vontade, sem direção ou impulso vindos do passado — e isso é agir meditativamente. Agir espontaneamente. Deixe o momento decidir.

Não imponha sua decisão, porque a decisão procede do passado e destruirá o novo. Aja espontaneamente, como uma criança. Abandone-se absolutamente ao momento — e encontrará todos os dias novas aberturas, nova luz, novas percepções. E essas novas percepções continuarão mudando você. De repente, perceberá que é novo a cada momento. O velho não mais subsiste, o velho já não o envolve mais como uma névoa. Você é como uma gota de orvalho, jovem e fresca.

Esse é o verdadeiro significado da ressurreição. Se entender isso, você ficará livre da memória — da memória psicológica, quero dizer. A memória é uma coisa morta. A memória não é a verdade nem pode ser, porque a verdade está sempre viva, a verdade é vida; a memória é a persistência daquilo que já não existe mais. É viver num mundo de fantasmas, que nos limita, é a nossa prisão. Na verdade, esse mundo somos nós. A memória cria o problema, o complexo chamado «Eu», o ego. Naturalmente, essa falsa entidade falsa chamada «Eu» está constantemente com medo da morte. É por isso que você tem medo do novo.

Esse «Eu» é que tem medo, não é você. O ser não tem medo, mas o ego tem, porque ele tem muito medo a morrer. O ego é artificial, é arbitrário, foi construído. Ele pode se desintegrar a qualquer momento. E quando entra o novo, surge o medo. O ego fica amedrontado, ele pode se desintegrar. De algum modo ele conseguiu manter-se unido em um só pedaço, e agora aparece algo novo... que pode fazê-lo em pedacinhos. Eis por que você não aceita o novo com alegria. O ego não pode aceitar sua própria morte com alegria, como vai aceitar com alegria sua morte?

A menos que tenha compreendido que você não é o ego, não será capaz de receber o novo. Quando perceber que o ego é a sua memória do passado e nada mais, que você não é a sua memória,

que a memória é só um biocomputador, é uma máquina, um mecanismo, é funcional, mas que você é mais do que isso... Você é consciência e não memória. A memória é um conteúdo da consciência, você é a própria consciência.

Por exemplo, você vê alguém andando pela rua. Você se lembra do rosto da pessoa, mas não recorda o nome dela. Se você fosse a memória, deveria se lembrar do nome também. Mas você diz: «Reconheço este rosto, mas não me lembro do nome». Então, começa a puxar pela memória, vasculhá-la, olha para um lado, para o outro e, de repente, o nome aparece e você diz: «É isso, esse é o nome». A memória é o seu registro. Você é quem está consultando o registro, você não é a memória em si.

E muitas vezes acontece de você está tão tenso, tão preocupado em recordar algo que fica difícil lembrar, porque a própria tensão, o esforço sobre o seu ser não permite que a memória libere essa informação. Você se esforça por recordar o nome de alguém, embora diga que o tem na ponta da língua, ele não vem. Sabe que sabe, mas continua sem recordar o nome.

Isto é estranho. Se você é a memória, quem o está impedindo de recordar e porque o nome não lhe ocorre? E quem é o que diz: «Eu sei, mas não me ocorre»? Quanto mais tenta se lembrar, mais difícil fica. Depois, farto de tudo, você vai dar uma volta no jardim e, de repente, olhando uma roseira, o nome vem à tona, recorda-o.

Você não é a sua memória. Você é consciência, a memória é conteúdo. Mas a memória é a energia vital do ego. A memória, é obvio, é velha e tem medo do novo. O novo poderia desestabilizá-la, poderia não assimilá-lo. O novo poderia causar problemas. Terá que se reajustar e voltar a se adaptar. Isso é complicado.

Para ser novo é preciso se desidentificar do ego. Quando se desidentifica do ego, você já não se importa se ele vai viver ou morrer. Na verdade, você sabe que, se viver ou morrer, ele já está morto. Ele é só um mecanismo. Utilize-o, mas não seja utilizado por ele. O ego tem medo da morte porque é inconsistente, por isso surge

o temor. Ele não surge do ser; não pode surgir do ser, porque o ser é vida, como pode a vida ter medo da morte? A vida não sabe nada da morte. O ego é fruto do arbitrário, do artificial, surge de algo que foi construído, do falso, do pseudo. Entretanto, é esse deixar-se ir, essa morte do ego que faz um homem estar vivo. Morrer no ego é nascer para o ser.

O novo é um mensageiro de Deus, é uma nova mensagem de Deus. É um Evangelho! Escute o novo, se adapte ao novo. Eu sei que você tem medo. Apesar de seu medo, se deixe levar pelo novo, sua vida se enriquecerá e um dia será capaz de difundir seu esplendor aprisionado.

CONTINUAMOS A PERDER MUITAS COISAS na vida por causa da falta de coragem. Na realidade, não precisa fazer nenhum esforço para alcançá-las — só ser corajoso — e as coisas começarão a chegar em lugar de ter que ir buscá-las... pelo menos, no mundo interior é assim.

Para mim, a maior coragem é ser feliz. Ser infeliz é uma atitude muito covarde. Na verdade, para ser infeliz não é preciso nada. Qualquer covarde pode fazê-lo, até um idiota pode fazê-lo. Todo mundo é capaz de ser infeliz, mas para ser feliz, é preciso ter muita coragem, é uma árdua tarefa.

Normalmente, não pensamos assim — nós pensamos: «O que é preciso para ser feliz? Todo mundo quer ser feliz». Isso é mentira. É muito raro uma pessoa querer ser feliz. É muito raro uma pessoa estar preparada para ser feliz — as pessoas investem muito na infelicidade. Adoram ser infelizes... Na verdade, são felizes sendo infelizes.

Há muitas coisas para se entender — sem entendê-las fica muito difícil livrar-se da mania de ser infeliz. Primeiro: ninguém está prendendo você; foi você quem decidiu permanecer nessa prisão de miséria. Ninguém prende ninguém. A pessoa que está preparada para sair dela, poderá sair quando quiser. Ninguém é

responsável. Você é o responsável por ser infeliz, mas um infeliz nunca aceitará sua responsabilidade — e por isso continua sendo infeliz. Diz: «Estão me fazendo infeliz. »

Se outra pessoa está te fazendo infeliz, naturalmente, não há nada que você possa fazer. Se você mesmo está causando a sua infelicidade, algo pode ser feito... algo pode ser feito imediatamente. Está em suas mãos ser ou não infeliz. Por isso, as pessoas continuam jogando a responsabilidade nos outros — às vezes na mulher, às vezes no marido, às vezes na família, no condicionamento, na infância, na mãe, no pai... outras vezes na sociedade, na história, no destino, em Deus, mas não param de jogar a culpa nos outros. Trocam-se os nomes, mas o truque é sempre o mesmo.

Um homem realmente se torna um homem quando aceita toda a responsabilidade — quando se faz responsável pelo que ele é. Esta é a principal coragem, a maior coragem. É muito difícil aceitá-la porque a mente vai continuar dizendo: «Se é o responsável, por que criou essa situação?» Para evitar o confronto com a mente, dizemos que outro é o responsável: «O que posso fazer? Sou impotente... sou uma vítima! Há forças superiores que me sacodem de um lado a outro e não posso fazer nada. Quando muito posso chorar porque sou infeliz, e ser mais infeliz porque choro». E tudo cresce — se você cultiva uma coisa, ela cresce. Então, você vai cada vez mais fundo... mergulha cada vez mais fundo.

Não há ninguém, não há nenhuma outra força que esteja fazendo nada. É você e só você. Esta é a filosofia do *karma* — que se trata de sua ação; «*karma*» significa ação. Você fez, e você pode desfazer. Não é preciso esperar, postergar. Não é preciso tempo... você pode simplesmente pular fora disso!

Mas nós nos habituamos. Se deixássemos de ser infelizes nos sentiríamos muito sozinhos, perderíamos a nosso companheiro mais próximo. A infelicidade tornou-se a nossa sombra, nos segue por todas as partes. Quando não há ninguém por perto, pelo menos a infelicidade está presente — está casado com ela. E é um

matrimônio muito comprido; você está casado com a infelicidade há muitas vidas.

Agora chegou o momento de se divorciar. Isso é o que eu chamo de a grande coragem — se divorciar da infelicidade, perder o hábito mais antigo da mente humana, o companheiro mais duradouro.

# A coragem de amar



*O medo nada mais é do que a ausência de amor. Faça as coisas com amor, esqueça o medo. Se você ama bastante, o medo desaparece.*

**S**e você ama profundamente, você não sente medo. O medo é uma negatividade, uma ausência. Isso tem que ser profundamente entendido. Caso contrário, você nunca será capaz de entender a natureza do medo.

É como a escuridão. A escuridão realmente não existe, ela só parece existir. Em realidade, ela é só a ausência de luz. A luz existe; apague a luz e a escuridão aparece. A escuridão não existe, você não pode acabar com ela. Faça o que fizer, você não poderá acabar com a escuridão. Não pode trazê-la e não pode tirá-la.

Se quiser fazer alguma coisa com a escuridão, terá que fazer alguma coisa com a luz, porque só podemos nos relacionar com algo que tenha existência própria. Apague a luz e a escuridão se fará presente, acenda e a escuridão desaparecerá — mas você fará algo com a luz. Você não poderá fazer nada com a escuridão.

O medo é escuridão. É ausência de amor. Não pode fazer nada em relação a ele, e quanto mais fizer mais amedrontado ficará, porque parecerá impossível. O problema vai ficando cada vez mais complicado. Quanto mais você brigar com a escuridão, mais sairá derrotado. Você pode empunhar uma espada e tentar matar a escuridão, mas só servirá para deixá-lo exausto. E finalmente, a mente pensará: «A escuridão é muito poderosa, por isso me derrotou.»

É aí que a lógica falha. É absolutamente lógico: se você luta com a escuridão e não consegue vencê-la, não consegue destruí-la, é totalmente lógico pensar que a escuridão é muito, muito poderosa. Você é impotente diante dela. Mas a realidade é exatamente o contrário. Você não é impotente, a escuridão é impotente. De fato, a escuridão não existe, é por isso que você não pode vencê-la. Como pode vencer algo que não existe?

Não lute contra o medo; do contrário, você ficará cada vez mais amedrontado e um novo medo invadirá seu ser: o medo do medo, que é muito perigoso. Em primeiro lugar, o medo é uma ausência, e em segundo, o medo do medo é o medo da ausência da ausência. Então você enlouquece!

O medo nada mais é do que a ausência de amor. Faça as coisas com amor, esqueça o medo. Se você ama bastante, o medo desaparece. Se ama profundamente, você não sente medo.

Quando amou alguém, mesmo que por um único instante, você sentiu medo?

O medo não existe em nenhum relacionamento em que, mesmo que por um único instante, duas pessoas se amaram

profundamente e aconteceu um encontro, elas entraram em sintonia — nesse momento não pode haver medo.

É como se a luz estivesse acesa e escuridão desaparecesse — eis a chave mestra: ame mais.

Se você sente que existe medo em seu ser: ame mais. Seja corajoso ao amar, tenha coragem. Seja aventureiro no amor, ame mais e ame incondicionalmente, porque quanto mais você ama, menos medo sente. E, quando eu digo amor, me refiro às quatro etapas do amor, do sexo até o samadhi.

Ame profundamente.

Se você amar profundamente, num relacionamento sexual, uma grande parte do medo desaparecerá do seu corpo. Se o corpo treme de medo, trata-se do medo de sexo; você não tem estabelecido um relacionamento sexual profundo. Seu o corpo treme, seu corpo não está à vontade, não está em casa.

Ame profundamente — o orgasmo sexual fará desaparecer todo o medo do seu corpo. Quando digo que fará desaparecer o medo, não quero dizer que mostrará bravura, porque a bravura não passa de covardia ao contrário. Quando digo que desaparecerá o medo quero dizer que não haverá nem covardia nem bravura. São os dois aspectos do medo.

Note as pessoas que demonstram bravura: você percebe que, lá no fundo, elas têm medo, simplesmente criaram uma armadura. A bravura não é a ausência de medo; é medo protegido, medo bem defendido, encouraçado.

Quando o medo desaparece, você se torna uma pessoa sem medo. Uma pessoa sem medo não provoca medo nos outros, e não permite que ninguém lhe provoque medo.

O orgasmo sexual profundo produz ao corpo uma sensação de bem-estar. Uma saúde profunda se instala no corpo, porque ele se sente completo.

Então, o segundo passo é o amor. Ame as pessoas — incondicionalmente. Se puser condições com a mente, você nunca

será capaz de amar, essas condições são obstáculos. Posto que o amor é benéfico, do que lhe servem as condições? Se é benéfico, se causa um bem-estar tão profundo — ame incondicionalmente, não peça nada em troca. Se chegar a compreender que amando obterá o destemor, começará a amar apenas pela alegria que isso lhe dá!

Normalmente, as pessoas só amam quando todas as suas condições são atendidas. Elas Dizem: «Tem que ser deste jeito, só assim amarei você». A mãe diz ao filho: «Se você se comportar, eu o amarei». A esposa diz a seu marido: «Tem que ser assim, só então poderei te amar». Todo mundo estabelece condições; o amor desaparece.

O amor é um céu infinito! Não pode obrigá-lo a estar encolhido, condicionado, limitado. Se você areja a casa e depois fecha tudo — todas as janelas, todas as portas — logo ela estará mofada. Sempre que o amor acontece ele insufla liberdade; você leva ar fresco para a sua casa, mas ele logo fica mofado, empoeirado.

Este é um grande problema para toda a humanidade — sempre foi um problema. Quando você se apaixona tudo parece belo, pois nesses momentos, você não está pondo condições. Duas pessoas se aproximam incondicionalmente. Quando se consolida a relação, quando passam a ter certeza do amor uma da outra, começam a pôr condições: «você tem que ser assim, deveria se comportar assim, só dessa forma eu posso amá-lo», como se o amor fosse uma barganha.

Se você não ama de todo o coração, está barganhando. Quer obrigar à outra pessoa a fazer alguma coisa por você, só assim o amará; do contrário, trairá seu amor. Está usando o amor como um castigo ou uma imposição, mas não está amando. Está tentando recusar seu amor ou está tentando dá-lo, mas em ambos os casos o amor em si mesmo não é o fim, o fim é alguma outra questão.

Se você tem uma esposa e lhe traz presentes — ela fica contente, abraça você, o beija; mas quando você não traz nada para

casa, vocês se distanciam; ela não o abraça, não se aproxima de você. Quando você faz coisas deste tipo, está esquecendo que o amor faz bem a você, e não só aos outros. Em primeiro lugar, o amor beneficia aos que amam. Em segundo lugar, beneficia aos que são amados.

As pessoas que vêm a mim sempre dizem: «tal pessoa não me ama». Ninguém me diz: «Eu não amo tal pessoa». Amar se converteu em uma exigência: «O outro não me ama». Esqueça o outro! O amor é um belo fenômeno, se você ama você usufrui.

Quanto mais ama, mais cativante você fica. Quanto menos ama, mais exige que lhe amem, menos cativante você fica, mais se fecha, e mais se confina em seu ego. E você fica desconfiado: mesmo que alguém se aproxime de você para amá-lo, terá medo, porque em todo amor existe a possibilidade da rejeição, da recusa.

Ninguém te ama — este pensamento está profundamente enraizado em sua mente. Como esse homem ousa tentar mudar sua forma de pensar? Ele está tentando amar você? Só pode ser falsidade, será que está tentando enganar você? Deve ser um espertalhão, um sujeito mentiroso. Você se protege. Não permite que ninguém a ame, e não quer amar ninguém. Surge o medo: você está sozinha no mundo, muito sozinha, encontra-te solitária, não está conectada.

Então, o que é o medo? O medo é uma sensação de desconexão com a existência. Permita que esta seja a definição do medo: o medo é um estado de desconexão com a existência. Deixaram-lhe sozinho, uma criança sozinha em casa; o pai, a mãe e toda a família saíram para ir ao cinema. A criança chora e soluça no berço. Deixaram-lhe sozinha sem nenhum contato, sem ninguém que lhe proteja, sem ninguém que lhe console, sem ninguém que lhe ame; solidão, uma vasta solidão a rodeia. Este é o estado de medo.

Isto acontece porque lhe educaram de tal forma que você não permite que o amor aconteça. Toda a humanidade foi educada para outras coisas, menos para amar. Ensinaram-nos a matar. Há

exércitos treinados durante anos para matar! Ensinaram-nos a calcular: há colégios, universidades, longos anos de aprendizagem para calcular, de modo que ninguém possa enganar você, mas você possa enganar os outros. Mas em nenhum lugar existe oportunidade para que você possa amar — e amar em liberdade.

Aliás, não apenas isso. A sociedade impede qualquer intento de amar. Os pais não querem que seus filhos se apaixonem. Nenhum pai gosta, nenhuma mãe gosta; digam o que disserem, mas nenhum pai e nenhuma mãe gostam que seus filhos se apaixonem. Gostam dos matrimônios arranjados.

Por quê? Porque assim que um homem jovem se apaixona por uma mulher ou uma menina, separa-se da família; cria uma nova família, sua própria família. É obvio, fica contra sua antiga família, se rebela, dizendo: «Agora vou embora, vou criar meu próprio lar». E escolhe a sua mulher; o pai não tem nada que ver com isto, a mãe não tem nada que ver com isto, ficam completamente a parte.

Não, gostariam de arranjar tudo: «Você tem sua nova casa, mas deixe-nos arranjar tudo para possamos ter o direito de opinar. E não se apaixone, porque quando se apaixona, o amor se converte em seu mundo». Se for um matrimônio arranjado, trata-se apenas de um trâmite social, você não está apaixonado, sua mulher não é sua vida, seu marido não é sua vida. Sempre que existir o matrimônio arranjado, a família também existirá. E quando o matrimônio acontece por amor, a família está fadada a desaparecer.

No Ocidente a família está desaparecendo. Agora você pode entender o sentido do matrimônio arranjado: a família quer seguir existindo. Não importa se você é destruído, não importa se a possibilidade de amar é destruída; você tem que se sacrificar em nome da família. Se um matrimônio é arranjado, então haverá uma união de famílias. Em um matrimônio arranjado uma família pode ter centenas de membros. Mas se um menino ou uma menina se apaixonam, então vivem num mundo à parte. Querem viver sozinhos, ter privacidade. Não querem ter centenas de pessoas ao

redor: tios e tios dos tios, primos dos primos... não querem todo esse alvoroço; gostariam de ter seu próprio mundo particular. Tudo isto é um inconveniente.

A família é contra o amor. Você deve ter ouvido dizer que a família é a origem do amor, mas eu te digo que a família está contra o amor. A família existe pelo fato de matar o amor, ela não permite que o amor exista.

A sociedade não permite o amor porque, uma pessoa que está profundamente apaixonada não permitirá que lhe manipulem. Não poderão lhe enviar a uma guerra porque dirá: Estou muito feliz onde estou! Por que vão me enviar? Por que tenho que matar a estranhos que possivelmente são felizes em suas casas? Não temos nenhum conflito, nenhum choque de interesses...

Se a nova geração aprofundar mais no amor, as guerras desaparecerão, porque não será possível encontrar loucos para ir à guerra. Se você ama, já experimentou alguma coisa da vida, e não quererá guerras nem matanças. Se você não ama, não experimentou nada da vida; você ama a morte.

O medo mata, quer matar. O medo é destrutivo, o amor é uma energia criativa. Quando ama, você quer criar — você pode querer cantar uma canção, pode querer pintar ou fazer poesia, mas você não vai querer se armar com uma baioneta ou uma bomba atômica e sair correndo por aí matando pessoas desconhecidas que não fizeram nada, que são tão desconhecidas para você quanto você é para elas.

As guerras só desaparecerão do mundo quando o amor reinar novamente. Os políticos não querem que você ame, a sociedade não quer que você ame, a família não permite que você ame. Querem controlar sua energia de amor porque é a única energia que existe. Por isso existe o medo.

Se você entende o que eu digo, abandone todos os medos e ame mais — ame incondicionalmente. Não pense que quando ama está fazendo algo pelos outros; está fazendo por si mesmo. Quando

ama, isso faz bem para você. Então não espere, não diga que vai amar quando os outros amarem — isso não é o que importa absolutamente.

Seja egoísta. O amor é egoísta. Ame — isso fará com que se sinta pleno, por meio disso você será cada vez mais abençoado.

Quando o amor se aprofunda, o medo desaparece, o amor é a luz, o medo é a escuridão.

Existe ainda uma terceira etapa do amor: a oração. As igrejas, as religiões, as seitas organizadas — elas o ensinaram a rezar. Mas, na verdade, elas o impedem de rezar porque a oração é um fenômeno espontâneo, não pode ser ensinado. Se em sua infância o ensinaram a rezar, você foi impedido de ter uma formosa experiência. A oração é um fenômeno espontâneo.

Vou contar a você uma história que eu adoro. Leão Tolstói escreveu um conto: Num certo lugar da Rússia havia um lago que ficou famoso por causa de três Santos. Milhares de pessoas viajavam até o lago para ver esses três Santos.

O supremo sacerdote do país se assustou. O que está acontecendo? Ele nunca tinha ouvido falar desses «Santos» e a igreja não os tinha reconhecido; quem os tinha canonizado? O cristianismo tem feito uma das coisas mais ridículas: dar certificados que dizem: «Este homem é um santo». Como se pudesse fazer de um homem santo só por ter um certificado!

Mas as pessoas estavam maravilhadas, chegavam muitas notícias de que milagres estavam acontecendo, de forma que o sacerdote teve que ir ver como estava a situação. Ele foi de barco até a ilha onde viviam aqueles três pobres — eram pobres, mas muito felizes — porque só existe uma classe de pobreza, e é a pobreza do coração que não pode amar. Eles eram pobres, mas eram ricos, eram as pessoas mais ricas que se poderia encontrar.

Estavam felizes sentados debaixo de uma árvore, rindo, divertindo-se e desfrutando o momento. Ao ver o sacerdote se inclinaram, e o sacerdote disse:

— O que estão fazendo aí? Há rumores de que são grandes Santos. Sabem rezar?

Ao ver essas três pessoas o sacerdote percebeu imediatamente que elas não tinham instrução nenhuma, eram analfabetos — felizes, mas tolos.

Eles se olharam e disseram:

— Desculpe-nos senhor, mas como somos ignorantes não sabemos a oração autorizada pela Igreja. Mas criamos a nossa própria oração. Se não se ofender, podemos mostrá-la.

O sacerdote disse:

— De acordo, mostrem-me sua oração.

— Pensamos muito — explicaram — Mas não somos grandes pensadores, somos brutos, somos camponeses ignorantes. Então decidimos fazer uma oração simples. No cristianismo, Deus é uma Trindade, três pessoas: Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo. E nós também somos três. De modo que fizemos esta oração: «Vós sois três, nós somos três, tenham piedade de nós». Esta é a nossa oração: «Somos três, vós sois três, tenham piedade de nós».

O sacerdote ficou muito zangado, quase encolerizado.

— Que tolice! — ele disse — Nunca ouvi uma oração como esta. Parem com isso! Assim não podem ser Santos. São estúpidos.

Os três prostraram-se aos pés e do sacerdote e imploraram:

— Nos ensine a verdadeira oração, a autêntica.

Então ele lhes ensinou a versão autorizada da oração pela Igreja ortodoxa russa. Era longa, complicada; havia palavras difíceis, enormes. Os três Santos se entreolharam — parecia impossível fazer aquela prece, a porta do céu estava fechada para eles. Então disseram

— Por favor, pode repeti-la novamente? Porque é muito longa, e nós somos incultos.

O sacerdote ensinou-lhes mais uma vez, mas eles voltaram a dizer:

— Outra vez senhor, porque nos esquecemos e a diremos errado.

De modo que a voltou a repetir. Eles lhe deram as obrigado de todo coração e ele se sentiu muito bem por ter feito uma boa obra, devolvendo esses três idiotas de volta à Igreja.

Ele partiu em seu barco. Mas, quando estava no meio do lago, não pôde acreditar no que via — os três homens, os três idiotas vinham correndo por cima da água! E diziam:

— Espere... mais uma vez... tornamos a esquecer!

Isto é incrível! O sacerdote caiu a seus pés dizendo:

— Me perdoem. Continuem rezando a oração que sempre fizeram.

A terceira energia do amor é a oração. As religiões e as igrejas organizadas a destruíram. Eles deram orações pré-fabricadas. A oração é um sentimento espontâneo. Quando rezar, se lembre desta história. Deixe que sua oração seja um fenômeno espontâneo. Se nem sua oração é espontânea, então o que mais poderá ser espontâneo? Se nem com Deus pode ser espontâneo, então com quem será autêntico, sincero e natural?

Diga as coisas que você gostaria de dizer. Fale com Deus como se falasse com um amigo muito sábio. Não o converta em algo formal. Uma relação formal não é, de fato, uma relação. Você também se tornou formal com Deus? Perdeu a espontaneidade?

Incorpore o amor á sua oração. E então poderão dialogar! É formoso, é um diálogo com o universo.

Mas já observou? Quando você é realmente espontâneo, as pessoas acreditam que é louco. Se você se puser a falar com uma árvore, uma flor ou uma rosa, as pessoas pensarão que está louco. Se você for a uma igreja e se puser a falar com a cruz ou com uma imagem, ninguém pensará que está louco, acreditarão que é muito religioso. Estará falando com uma pedra no templo e todo mundo acreditará que você é uma pessoa religiosa, porque esta é a forma autorizada.

Se você fala com uma rosa, que está muito mais viva que qualquer imagem de pedra, que é muito mais divina que qualquer imagem de pedra... Se você fala com uma árvore, que está muito mais enraizada em Deus do que qualquer cruz, porque nenhuma cruz tem raízes, está morta... Uma árvore está viva, tem raízes que penetram as profundidades da terra, tem ramos que sulcam os céus, está conectada com a totalidade, com os raios do sol, com as estrelas — fale com as árvores! Elas podem ser um ponto de contato com o divino.

Mas se fizer isso, as pessoas pensarão que está louco. Tomam a espontaneidade por loucura. Acreditam que a formalidade é um sinal de sanidade. Só que, na realidade, o que acontece é o contrário. Quando você entra num templo e repete uma oração que decorou, está simplesmente fazendo uma tolice. Tenha uma conversa de coração para coração! A oração é bela, através dela começará a florescer.

Orar é estar apaixonado — apaixonar-se pela totalidade. Às vezes você se zanga com alguém e não fala; isso é formoso! Você diz «Não vou voltar a falar contigo, chega, você não me escuta!». É um belo gesto, não está morto. Às vezes você abandona totalmente a oração, porque reza, mas Deus não te escuta. Trata-se de um relacionamento com um comprometimento profundo, você se zanga. Às vezes se sente muito bem, grato, agradecido; às vezes se desanima. Mas deixe que seja um relacionamento vivo. Então, será uma oração sincera. Repetir todos os dias a mesma coisa — como se fosse um gramofone — não é rezar.

Ouvi falar de um advogado que era muito calculista. Toda a noite se deitava na cama, olhava para o céu e dizia: «Idem. Exatamente como nos outros dias», e dormia. Só rezou uma vez — a única vez em sua vida — e então: «Idem». Era lícito fazê-lo, do que serve voltar a repeti-lo outra vez? Se você diz Idem ou repete a prece toda, dá no mesmo.

A oração deveria ser uma experiência viva, um diálogo de coração para coração. E se for de coração, logo sentirá que não só está falando, mas também a resposta está ali. Então, a oração alcançou sua maturidade. Quando sente a resposta, quando sente que não está falando sozinho — se for um monólogo, ainda não é uma oração — então se converte em um diálogo. Você não só fala, mas também escuta. E toda a existência está preparada para responder você. Quando seu coração se abre, a totalidade responde.

Não há nada mais belo do que a oração. Nenhum amor pode ser tão belo como a oração. Do mesmo modo que o sexo não pode ser mais belo que o amor, o amor não pode ser mais belo que a oração.

Mas depois existe a quarta etapa, que chamo meditação. Aqui cessa também o diálogo. Você dialoga em silêncio. As palavras desaparecem, porque, quando o coração está cheio, não pode falar. Quando o coração está transbordando, o único meio que temos é o silêncio. Então não existe o «outro». Você é um com o universo. Não diz nada nem escuta nada. Está com a unidade, com o universo, com a totalidade. Unidade... isso é meditação.

Estas são as quatro etapas do amor, e em cada etapa desaparecerá o medo. Se o sexo tiver lugar de uma forma bela, desaparecerá o medo do corpo. O corpo não ficará neurótico. Normalmente — observei milhares de corpos — os corpos estão neuróticos, loucos. Não estão satisfeitos, não estão em casa.

Se houver amor, o medo desaparecerá da mente. Viverá uma vida de liberdade, comodidade, bem-estar. Não haverá medos, não haverá pesadelos.

Se surgir a oração, o medo desaparece completamente, porque ao rezar se torna um, começa a se sentir profundamente relacionado com o todo. O medo desaparece do espírito; quando você reza o medo da morte desaparece, nunca antes.

E, quando você medita desaparecerá inclusive a ausência de medo. O medo desaparece, a ausência de medo desaparece. Não

fica nada. Ou, só fica um nada. Uma imensa pureza, virgindade e inocência.

## **NÃO É UM RELACIONAMENTO, MAS UM ESTADO DE SER.**

O amor não é um relacionamento. O amor é um estado de ser; não tem nada a ver com ninguém mais. Você não está amando, você é amor. É obvio, quando você é amor, você está amando — mas esse é o resultado, a consequência, não a origem. A origem é que você é amor.

E quem pode ser amor? Evidentemente, se você não está consciente de quem é, você não pode ser amor. Você será medo. O medo é exatamente o contrário do amor. Recorde-se, o ódio não é o contrário do amor, como a gente pensa. O ódio é amor ao reverso, não é o contrário do amor. O contrário do amor realmente é o medo. Com o amor você se expande, com o medo você se encolhe. Com o medo você se fecha, com o amor você se abre. Com o medo você duvida, com o amor você confia. Com o medo você fica em solidão. Com o amor a solidão desaparece; desvanece-se. Se você não existe, como pode se sentir sozinho? Então, estas árvores, os pássaros, as nuvens, o sol e as estrelas estão todos dentro de você. O amor é quando você conhece o seu céu interior.

As crianças não têm medo; as crianças nascem sem medo. Se a sociedade puder ajudá-las e apoiá-las para que permaneçam sem medo, puder ajudá-las a subir em árvores e a escalar montanhas, e a nadar no mar e nos rios — se a sociedade puder ajudá-las com todos os meios a se tornarem aventureiros, aventureiros do desconhecido, e se a sociedade puder provocar um questionamento — em vez de dar a elas crenças mortas — então, as crianças serão grandes amantes, amantes da vida. Esta é a verdadeira religião. Não existe maior religião que o amor.

Medita, dance, cante e continue a mergulhar mais fundo em si mesmo. Escute os pássaros mais atentamente. Olhe as flores com assombro, com admiração. Não se torne uma pessoa instruída, não rotule as coisas. Isso é a instrução — a maravilhosa arte de rotular tudo, catalogar tudo. Conheça pessoas, misture-se com elas, com o maior número de pessoas possível, porque cada pessoa expressa uma faceta diferente de Deus. Aprenda com as pessoas. Não tenha medo, a existência não é sua inimiga. A existência cuida de você, a existência está disposta a te apoiar de todas as formas possíveis. Confie e começará a sentir um considerável aumento de energia. Essa energia é amor. Essa energia quer benzer a toda a existência, porque com ela nos sentimos abençoados. E, quando você se sente abençoado, o que mais se pode fazer a não ser abençoar toda a existência?

O amor é um profundo desejo de abençoar toda a existência.

## **ESTE BOLO ESTÁ UMA DELICIA!**

O amor é muito raro. Tocar o cerne de uma pessoa é enfrentar uma revolução, pois, se você quiser tocar uma pessoa em sua essência, terá de deixar que essa pessoa toque a sua essência também. Você terá que ficar vulnerável, absolutamente vulnerável, aberto.

É um risco. Deixar que alguém toque a sua essência é arriscado, perigoso, porque você nunca sabe o que essa pessoa fará com você. E depois que todos os seus segredos forem devassados, depois que tudo o que você esconde for descoberto, depois que você estiver completamente exposto, o que a outra pessoa vai fazer nunca se sabe. O medo aparece. É por isso que nunca nos abrimos.

Basta que haja familiaridade para que você ache que o amor aconteceu. Periferias se encontram e achamos que nos encontramos. Você não é a sua periferia. Na verdade, a periferia é a fronteira onde

você termina, só a cerca ao seu redor. Não é você! A periferia é o lugar onde você termina e o mundo começa.

Mesmo casais que vivem juntos há muitos anos podem ser meros conhecidos. Podem não se conhecer de verdade. E quanto mais você vive com uma pessoa mais esquece que a essência continua intocada.

Então a primeira coisa a ser entendida é: não confunda familiaridade com amor. Vocês podem estar fazendo amor, podem se relacionar sexualmente, mas o sexo também é periférico. A menos que as essências se encontrem, o sexo é apenas o encontro de dois corpos. E o encontro de dois corpos não é um encontro. O sexo também continua a ser familiaridade — física, corporal, mas ainda é só familiaridade. Você só consegue deixar alguém conhecer a sua essência quando não está com medo, quando não teme.

Existem dois tipos de vida: uma norteada pelo medo e a outra norteada pelo amor. A primeira talvez nunca o conduza a um relacionamento profundo. Você vive com medo, e o outro não tem permissão, não tem aval para chegar até você, para tocar a sua essência. Você dá essa permissão ao outro até certo ponto, mas depois disso uma parede se ergue e a coisa para ali.

A pessoa norteada pelo amor é aquela que não tem medo do futuro, não tem medo do resultado ou da consequência; ela vive aqui e agora. Não se preocupa com o resultado; quem se preocupa é a mente norteada pelo medo. Não pensa no que vai acontecer fora dela. Contenta-se em ficar aqui e agir de corpo inteiro. Não calcula. O homem norteado pelo medo está sempre calculando, planejando, fazendo arranjos, garantindo. Ele perde a vida inteira fazendo isso.

Ouvi falar sobre um velho monge zen:

Ele estava em seu leito de morte. Seu último dia chegara e ele declarou que naquela noite não estaria mais ali. Então seus seguidores, discípulos e amigos começaram a vir. Havia muitas pessoas que o amavam, todas elas começaram a chegar; pessoas chegavam de todos os lugares.

Um dos seus discípulos mais antigos, quando ouviu que o Mestre ia morrer, correu para o mercado. Alguém perguntou:

— O Mestre está morrendo em sua cabana e você está indo ao mercado?

— Eu sei que meu Mestre adora um certo tipo de bolo — respondeu o discípulo. — Então estou indo comprar o bolo.

Foi difícil encontrar o bolo. Mas à noite, quando finalmente conseguiu, ele saiu correndo com a guloseima na mão.

Todo mundo estava preocupado — era como se o Mestre estivesse esperando por alguém. Ele abria os olhos, olhava em volta e os fechava novamente. Quando o discípulo chegou, ele disse:

— Bem, então você chegou. Onde está o bolo?

O discípulo mostrou o bolo, muito contente pelo mestre ter perguntado dele.

Nos estertores da morte, o mestre pegou o bolo na mão... mas a mão não tremia... Ele era muito velho, mas a mão dele não tremia. Então alguém perguntou:

— O senhor é muito idoso e está à beira da morte. O último suspiro logo o levará, mas sua mão não treme.

— Eu nunca tremo — respondeu o Mestre —, pois não existe medo. Meu corpo ficou velho, mas eu ainda sou jovem, e permaneço jovem mesmo quando o meu corpo está morrendo.

Então o Mestre deu uma mordida no bolo e começou a mastigar ruidosamente. E então alguém perguntou:

— Qual é a sua última mensagem, Mestre? O senhor nos deixará em breve. O que gostaria de nos lembrar?

O Mestre sorriu e disse:

— Ah, este bolo está uma delícia!

Este é um homem que vive no aqui e agora. *Este bolo está uma delícia.* Mesmo a morte é irrelevante. O instante a seguir é destituído de significado. *Este momento, este bolo está delicioso.*

Se você consegue ficar neste momento, neste exato momento, neste presente, na plenitude, então você só pode amar.

O amor é uma flor especial. Só floresce algumas vezes. Há milhões e milhões de pessoas que vivem com uma falsa atitude de amor. Acreditam que amam, mas só é uma crença.

O amor é uma flor rara. Acontece às vezes. É rara porque só pode acontecer quando não existe medo, nunca de outra forma. Isso quer dizer que o amor só pode acontecer a uma pessoa profundamente espiritual, religiosa. O sexo é possível para todos. A familiaridade é possível para todos. O amor não.

Quando você não tem medo, não há o que esconder, então você pode se abrir, pode retirar as barreiras. E então pode convidar o outro a entrar no seu centro mais profundo.

Recorde-se, se você permite que alguém o penetre profundamente, o outro também permitirá que você o penetre, porque quando permite que alguém o penetre, você inspira confiança. Quando você não tem medo, o medo da outra pessoa também desaparece.

Em seu amor sempre há medo. O marido tem medo da esposa, a esposa tem medo do marido. Os amantes sempre têm medo. Isso não é amor. Só é um acordo entre duas pessoas medrosas que dependem um do outro, brigam, exploram, manipulam, controlam, dominam, possuem — mas não é amor.

Se você conseguir deixar que o amor aconteça, a oração não será necessária, a meditação não será necessária, as igrejas nem templos não serão necessários. Se você puder amar, poderá se esquecer completamente de Deus — porque, por meio do amor, tudo acontecerá a você: meditação, oração, Deus, tudo acontecerá a você. É Isso que Jesus quis dizer quando falou que Deus é amor.

Mas o amor é difícil. Primeiro o medo tem que ser superado. E isto é o estranho: você tem tanto medo e, ao mesmo tempo, não tem nada a perder.

O místico Kabir disse uma vez: «Observo as pessoas... elas têm tanto medo, mas não consigo saber por que — afinal, elas não têm nada a perder. É como alguém que está nu e não se banha no rio

porque tem medo — Onde irá secar a roupa?» Esta é a situação em que vocês se encontram — estão nus, sem roupa, mas o tempo todo preocupado com as roupas.

O que você tem a perder? Nada. Este corpo será levado pela morte; antes que ele seja levado pela morte, entregue-o ao amor. Um dia, seja o que for que você tiver, lhe será tomado; antes que seja tomado, por que não compartilhá-lo? Esta é a única forma de possuir algo. Se pode compartilhar e conceder, você é o mestre. Tudo será tomado, não há nada que você possa conservar para sempre. A morte o destruirá tudo.

Portanto, Se você está me compreendendo corretamente, perceberá que a luta é entre a morte e o amor. Se você puder dar, não haverá morte. Antes que alguma coisa possa ser tirada de você, já a terá dado, já terá feito dela um presente. Não poderá haver morte.

A morte não existe para aquele que ama. Para o que não ama, todo momento é uma morte, pois a todo momento algo lhe é arrebatado. O corpo desaparece, a pessoa o está perdendo a todo momento. Logo chegará a morte e tudo será aniquilado.

Do que tem medo? Por que tem tanto medo? Embora saibam tudo ao seu respeito e você seja como um livro aberto, por que ter medo? Como isso pode prejudicar você? São apenas falsos conceitos, condicionamentos dados pela sociedade — que você tem de se esconder, tem de se proteger, tem que estar constantemente com disposição para lutar, que todo mundo é seu inimigo, que todos estão contra você.

Ninguém está contra você! Embora sinta que outros estão contra você, não o estão, porque todo mundo está preocupado consigo mesmo, e não com você. Não há nada a temer. É preciso perceber isso para que um verdadeiro relacionamento possa acontecer. Não há nada a temer.

Medite sobre isso! E depois permita que o outro entre em você, o convide a entrar. Não crie nenhum obstáculo em lugar nenhum;

torne-se uma passagem aberta, sem fechaduras, sem portas, sem portas fechadas. Então o amor será possível.

Quando dois centros se encontram, existe o amor. O amor é um fenômeno de alquimia — do mesmo modo que a união do hidrogênio e o oxigênio produz algo novo, a água. Você pode ter hidrogênio e pode ter oxigênio, mas se tiver sede, eles não servirão para nada. Você Pode ter tanto oxigênio quanto quiser, e todo o hidrogênio que queira, mas a sede não desaparecerá.

Quando dois centros se encontram, algo novo é criado. Essa coisa nova é o amor. E ele é como água, sacia a sede de muitas, muitas vidas. De repente, você fica satisfeito. Esse é o sinal visível do amor: você fica satisfeito, como se tivesse alcançado tudo. Já não há nada mais para conseguir, você alcançou a sua meta. Não há outra meta além desta, seu destino se realizou. A semente se converteu em uma flor, chegou ao seu florescimento máximo.

A profunda satisfação é o sinal visível do amor. Quando alguém está amando, ela se sente profundamente satisfeita. O amor não pode ser visto, mas a alegria, a profunda satisfação que lhe envolve... sua respiração, seus movimentos, todo o seu ser demonstra contentamento.

Você pode se surpreender quando lhe digo que com o amor desaparecem os desejos; os desejos surgem do descontentamento. Você deseja porque não tem. Deseja porque acredita que, se tiver algo, isso lhe dará satisfação. O desejo surge da insatisfação.

Quando existe amor, quando duas essências se unem, dissolvem-se e se fundem, quando aparece uma nova qualidade alquímica, a satisfação está presente. É como se toda a existência tivesse parado — não se movesse. Então o momento presente é o único momento que existe. E aí você pode dizer: «Ah, este bolo está delicioso». Para o homem que ama nem sequer a morte tem sentido.

# UM MUNDO SEM FRONTEIRAS

O amor é abrir-se a um mundo sem fronteiras, um mundo que não termina em nenhum lugar. O amor começa, mas não acaba nunca; tem princípio, mas não tem fim.

Recorde-se uma coisa: normalmente, a mente interfere e não deixa ao amor sua infinidade e seu espaço. Se você realmente amar uma pessoa, dê a ela espaço infinito. Seu próprio ser é só um espaço para que ela possa crescer e com o qual possa crescer. A mente interfere e tenta possuir a pessoa, então destrói o amor. A mente é muito gananciosa — a mente é avareza. A mente é muito venenosa. Se alguém quer entrar no mundo do amor, terá que renunciar à mente. Terá que viver sem que a mente interfira. A mente é útil quando está no seu devido lugar. É necessária para estar na rua, mas não para o amor. É necessária para fazer um orçamento, mas não para ir ao espaço interior. É necessária para a matemática; mas se houver meditação não é necessária. A mente tem sua utilidade, mas é uma utilidade para o mundo exterior. Para o mundo interior é absolutamente irrelevante. Seja cada vez mais amoroso... incondicionalmente amoroso. Seja amor. Seja uma abertura... Seja amoroso.

Os pássaros e as árvores, a terra e as estrelas, os homens e as mulheres... todo mundo compreende isso. Negro e branco, só existe um idioma, e é o idioma do universo: esse idioma é o amor. Seja esse idioma. E quando houver se tornado amor, um mundo totalmente novo e sem fronteiras abrirá para você.

Recorde-se, a mente é a responsável por as pessoas estarem fechadas. A mente tem muito medo de abrir-se, porque ela existe basicamente graças ao medo. Quanto mais destemida for uma pessoa, menos usará a sua mente. Quanto mais covarde é uma pessoa, mais usará a sua mente.

Possivelmente você tenha observado que, quando está com medo, quando há ansiedade, quando há algo que o preocupa, a mente aparece em primeiro plano. Quando você está preocupado, a mente está muito presente. Quando não está preocupado, a mente não está tão presente.

Quando tudo vai bem e não existe o medo, a mente fica para trás. Quando as coisas não vão bem, a mente dá um salto e assume a liderança. Quando há perigo, ela se converte no líder. A mente é como os políticos. Adolf Hitler escreveu em sua autobiografia, *Mein Kampf*, que se você quiser permanecer na liderança, sempre terá que manter o país atemorizado.

Mantenha o país atemorizado com o ataque do vizinho, de que existem países que estão planejando um ataque, preparando-se para atacar — continue propagando os rumores. Nunca permita que as pessoas estejam tranqüilas, porque quando estão tranqüilas elas não se importam com os políticos. Quando as pessoas estão realmente tranqüilas, os políticos perdem o sentido. Mantenha as pessoas assustadas e os políticos terão muito poder.

Sempre que há uma guerra, o político vira um grande homem. Churchill ou Hitler, Stalin ou Mao, são produtos da guerra. Se não tivesse havido uma Segunda guerra mundial não teriam existido Winston Churchill, nem Hitler nem Stalin. A guerra provoca situações, dá oportunidade a algumas pessoas de dominar e converter-se em líderes. A política da mente é exatamente igual.

A meditação nada mais é do que criar uma situação em que a mente cada vez possa fazer menos coisas. Você fica tão corajoso, tão amoroso, tão pacífico — fica tão satisfeito com o que quer que esteja acontecendo que a mente não tem nada a dizer. Pouco a pouco, a mente vai ficando para trás, se distanciando cada vez mais.

Chega um dia em que a mente se recua completamente — então você se torna o universo. Você já não está confinado em seu corpo, não está limitado — você é espaço puro. Deus é assim. Deus é espaço puro.

O amor é o caminho rumo a esse espaço puro. O amor é o meio e Deus é o fim.

AS PESSOAS QUE TÊM MEDO SÃO AQUELAS QUE TÊM CAPACIDADE DE DAR IMENSO AMOR. O Medo é um aspecto negativo do amor. Quando não permitirmos que o amor flua, ele se converte em medo. Quando permitirmos que o amor flua, o medo desaparece. Por isso, o medo só deixa de existir nos momentos em que há amor. Se você ama alguém, de repente, desaparece o medo. Os amantes são os únicos que não têm medo; nem a morte os preocupa. Só os amantes podem morrer com enorme silêncio e sem medo.

É por isso as mulheres sentem mais medo do que os homens, porque elas têm mais capacidade para o amor. Neste mundo são poucas as possibilidades de se pôr em prática o amor, de modo que ele fica rondando a seu redor, à sua espera. E se uma potencialidade não é posta em prática, converte-se no contrário. O amor pode se converter em ciúmes; que também faz parte do medo. Pode se converter em possessividade; que também faz parte do medo. Pode se converter em ódio; que também faz parte do medo. Seja cada vez mais amoroso. Ame incondicionalmente, e ame de todas as formas possíveis. Podemos amar de milhões de formas diferentes.

É possível amar um transeunte que passa pela rua. É possível sentir amor por ele, e seguir seu caminho. Não é preciso falar. Não é preciso comunicar esse amor. Basta que o sinta e siga seu caminho. Pode-se amar a uma pedra. Pode-se amar as árvores, pode-se amar ao céu, pode-se amar as estrelas. Pode-se amar o amigo, o marido, os filhos, o pai, a mãe. Pode-se amar de milhões de formas diferentes.

RECORDE-SE: CORAGEM NÃO QUER DIZER SEM MEDO. Não se pode chamar de corajoso a uma pessoa que não tem medo. Não se pode dizer que uma máquina é corajosa; ela não tem medo. A

coragem existe, mas só no oceano do medo, a coragem é uma ilha no oceano do medo. O medo está ali, mas apesar do medo, a pessoa se arrisca — isso é coragem. A pessoa treme, tem medo de entrar na escuridão, mas o faz. Apesar de si mesma, ela vai; Esse é o significado de coragem. Não quer dizer sem medo. Quer dizer cheio de medo, mas não dominado pelo medo.

A maior pergunta surge quando você começa a amar. O medo se apodera de sua alma porque amar significa morrer, morrer no outro. É uma morte, uma morte mais profunda que a morte comum. Na morte comum, só o corpo morre; na morte do amor, o ego morre. Para amar terá que ter muita coragem. É preciso ser capaz de mergulhar de cabeça no amor, apesar de todos os medos que alardeamos em torno dele.

Quanto maior o risco, maior a possibilidade de crescimento; nada ajuda mais o homem em seu crescimento do que o amor. As pessoas que têm medo de amar seguirão sendo infantis, imaturas, verdes. Só o fogo do amor possibilita a maturidade.

## **NEM FÁCIL NEM DIFÍCIL SÓ NATURAL.**

O amor é um estado natural de consciência. Não é fácil nem difícil, não se podem aplicar esses termos. Não é um esforço, portanto, não pode ser fácil nem difícil. É como respirar! É como os batimentos do coração; é como o sangue que circula por seu corpo.

O nosso próprio ser é amor... mas esse tipo de amor é quase impossível. A sociedade não o permite. A sociedade te condiciona a tal ponto que o amor se torna impossível e só o ódio acaba sendo possível. É fácil odiar; já amar, não só é difícil como também é impossível. O homem se desencaminhou. Não se pode reduzir o homem à escravidão sem antes o desencaminhar. Os políticos e os sacerdotes têm participado uma grave conspiração ao longo dos séculos. Eles têm reduzindo a humanidade a uma multidão de

escravos. Estão destruindo qualquer possibilidade de rebelião por parte do homem — e o amor é uma rebelião, porque o amor só escuta ao coração e não se importa com o resto.

O amor é perigoso porque faz de você um indivíduo. O Estado e a igreja não querem indivíduos, absolutamente. Não querem seres humanos, querem um rebanho. Querem pessoas que pareçam seres humanos, mas cujo espírito tenha sido esmagado de tal maneira, tenha sido danificado a tal ponto, tão deteriorado, que o dano pareça quase irreparável.

E a melhor forma de destroçar um ser humano é destruir a espontaneidade de seu amor. Se um homem tiver amor, não poderá haver nações; as nações existem graças ao ódio. Os indianos odeiam os paquistaneses, os paquistaneses odeiam aos indianos — só assim esses dois países podem existir. Se o amor surgir, desaparecerão as fronteiras. Se o amor surgir, quem será católico e quem será judeu? Se o amor surgir, desaparecerão as religiões.

Se o amor surgir, quem irá ao templo? Para que? Você está procurando Deus porque não tem amor. Deus nada mais é do que um substituto para o amor que está faltando. Porque você não é abençoado, porque não está em paz, porque não está em êxtase, por isso está procurando Deus. Se sua vida for uma dança, você já descobriu a Deus. O coração amoroso está cheio de Deus. Não é necessário procurar, não é necessário rezar, não é necessário ir ao templo ou a um sacerdote.

Portanto, os sacerdotes e os políticos, ambos, são os inimigos da humanidade. Estão conspirando, porque o político quer governar seu corpo, e o sacerdote quer governar seu espírito. E o segredo é o mesmo: destruir o amor. Assim o homem não terá mais que uma existência vazia, oca, insignificante. Assim podem fazer o que quiserem com a humanidade, ninguém se rebelará, ninguém terá coragem suficiente para rebelar-se.

O amor dá coragem, o amor elimina o medo — e os opressores dependem do seu medo. Eles criam medo em você, mil e um tipos

de medo. Você fica rodeado de medos, toda a sua psicologia é cheia de medos. No fundo você está tremendo. Na superfície mantém uma fachada, mas por dentro existem camadas e camadas de medo.

Um homem cheio de medo só pode odiar — o ódio é a consequência natural do medo. Um homem cheio de medo é também cheio de raiva, e um homem cheio de medo é mais contra a vida que a favor dela. A morte pode ser um estado repousante para um homem cheio de medo. Um homem cheio de medo é suicida, tem uma visão negativa da vida. A vida lhe parece perigosa, porque viver quer dizer que terá de amar — como poderá viver? Do mesmo modo que o corpo precisa respirar para viver, o espírito precisa amar. E o amor está absolutamente envenenado.

Envenenando sua energia de amor, eles provocaram uma cisão em você; criaram um inimigo dentro de você, dividiram-no em dois. Eles criaram uma guerra cruel, e você está sempre em conflito. E no conflito sua energia é dissipada; por isso em sua vida não há entusiasmo, não há alegria. Não está transbordando energia, está apagada, insípida, falta-lhe inteligente.

O amor aguça a inteligência, o medo a apaga. A quem interessa que você seja inteligente? Às pessoas que estão no poder, não. Como eles podem querer que você seja inteligente? — Se for inteligente, você se dará conta de toda a estratégia, das jogadas que eles fazem. Eles querem que você seja estúpido e medíocre. Evidentemente, querem que você seja eficiente no que se refere ao trabalho, mas não inteligente; por isso, a humanidade vive com o seu potencial mínimo.

Os cientistas dizem que o homem comum só usa cinco por cento de sua inteligência potencial durante toda sua vida. O homem comum, só cinco por cento — e o homem extraordinário? O que tem um Albert Einstein, um Mozart, um Beethoven? Os pesquisadores dizem que inclusive as pessoas muito talentosas, não usam mais que dez por cento.

Imagine um mundo onde todos usassem o cem por cem de seu potencial... então os deuses teriam inveja da Terra, os deuses gostariam de nascer na Terra. Então, a Terra seria um paraíso, um superparaíso. Agora, como ela está, ela é um inferno.

Se o homem permanecesse intacto, em vez de ser envenenado, o amor seria simples, muito simples. Não haveria nenhum problema. Seria como a água que flui na correnteza, ou o vapor subindo, ou as árvores brotando, ou os pássaros cantando. Seria natural e espontâneo!

Mas isto não acontece. Quando nasce uma criança, os opressores já estão preparados para saltar em cima dela, dizimar sua energia, desencaminhá-la de tal modo e tão profundamente, que a pessoa nunca se dê conta de que está vivendo uma falsa vida, uma vida enganosa, de que não está vivendo como ela deveria ser vivida, como se supunha que teria que ser vivida; que está vivendo de uma forma sintética, de plástico, e esse não é seu verdadeiro espírito. É por isso que existem milhões de pessoas que são extremamente infelizes, porque sentem que foram iludidas, desencaminhadas, que não são elas mesmas, que houve algum engano...

O amor é simples se permitirmos que a criança cresça, se a ajudarmos nesse crescimento de uma forma natural. Se a ajudarmos a estar em harmonia com a natureza e consigo mesmo, se a apoiarmos, cuidarmos dela e a estimularmos a ser natural e a ser ela mesma, a ser uma luz para si mesma, então o amor será simples. Ela simplesmente, será amorosa!

O ódio será quase impossível, porque antes que você possa odiar a alguém, tem que estar envenenado. Você só pode dar algo a alguém quando o tem. Só pode odiar se estiver cheio de ódio. E estar cheio de ódio é viver em um inferno. Estar cheio de ódio é estar ardendo por dentro. Estar cheio de ódio significa que, antes de mais nada, você está machucando a si mesmo. Antes de poder ferir o outro, você tem que ferir a si mesmo. O outro pode não ser ferido,

isso dependerá dele. Mas uma coisa é evidente: antes de poder odiar, você tem que ter atravessado muito sofrimento. Possivelmente o outro não aceite seu ódio, possivelmente o rejeite. O outro pode ser um Buda — pode simplesmente rir do seu ódio. Possivelmente ele o perdoará, possivelmente não reagirá. Caso ela não esteja disposta a reagir, talvez você seja capaz de odiá-la. Se você não pode perturbá-la, o que pode fazer? Sentirá impotente diante dela.

Portanto, o outro não vai necessariamente se sentir ferido. Mas uma coisa é absolutamente certa: se você odeia alguém, primeiro tem de ferir seu próprio espírito de muitas maneiras; tem que estar tão cheio de veneno que consiga atingir os outros com esse veneno.

O ódio não é natural. O amor é um estado saudável; o ódio é um estado doentio. Assim como a doença não é natural, o ódio também não é natural. Só acontece quando você se desvia da natureza, quando já não está em harmonia com a existência, quando já não está em harmonia com seu próprio ser, com o seu centro mais profundo. Então, você está doente — psicologicamente e espiritualmente. O ódio é só um indício da doença, e o amor é um indício da saúde, da totalidade e da santidade.

O amor deveria ser uma das coisas mais naturais deste mundo, mas não é. Pelo contrário, ele se tornou a coisa mais difícil — quase impossível. O ódio se tornou fácil; você é treinado, é preparado para odiar. Ser hindu significa estar cheio de ódio dos muçulmanos, dos católicos, dos judeus; ser católico é estar cheio de ódio das demais religiões. Ser nacionalista é estar cheio de ódio das demais nações.

Você só conhece uma forma de amor, que é odiar os outros. Você só demonstra o amor que sente pelo seu país odiando os outros países, e só demonstra o amor que sente pela sua igreja odiando as demais igrejas. Está confuso!

As supostas religiões falam do amor, mas tudo o que fazem é criar mais ódio no mundo. Os católicos falam de amor, mas

provocaram guerras, cruzadas. Os muçulmanos falam de amor, mas provocam *jihads*, guerras religiosas. Os hindus falam de amor, mas você pode ler em suas escrituras — estão cheios de ódio, ódio pelas demais religiões. E nós aceitamos todas estas tolices! Aceitamos sem resistência, porque nos condicionaram para aceitá-las, ensinaram-nos que as coisas são assim. E então você continua negando a sua própria natureza.

O amor foi envenenado, mas não o destruíram. Você pode retirar o veneno do seu organismo — você pode ser purificado. Pode vomitar tudo o que a sociedade o forçou a engolir. Pode perder todas as suas crenças e condicionamentos e ser livre. A sociedade não pode te escravizar para sempre, caso decida ser livre.

Já é hora de abandonar todos os velhos padrões e começar uma vida nova, uma vida natural, uma vida não repressora, uma vida não de renúncia, mas de júbilo. Cada vez será mais impossível odiar. O ódio é o pólo oposto do amor, do mesmo modo que a enfermidade é o pólo oposto da saúde. Mas você não precisa escolher a enfermidade.

A enfermidade oferece algumas vantagens que a saúde não pode oferecer; não se apegue a essas vantagens. O ódio também tem algumas vantagens que o amor não tem. E você tem que estar muito atento. A pessoa que está doente ganha a simpatia de todos, ninguém a magoa, todo mundo tem muito cuidado com o que lhe diz, afinal ela está muito doente. Ela é o centro das atenções, o foco de todo o mundo — da família, dos amigos —, passa a ser o personagem central, uma pessoa importante. Mas, se ela se apegar demais a essa importância, ao fato de seu ego estar satisfeito, não vai mais querer ser uma pessoa saudável. Ela se agarrará à enfermidade. Os psicólogos dizem que há muitas pessoas que se apegam à doença pelas vantagens que ela oferece. Dedicam tanto tempo a sua enfermidade que se esquecem completamente de que estão apegadas a ela. Têm medo de não ser ninguém se voltarem a ficar sãs.

Vocês também ensinam isso. Quando uma criança fica doente, toda a família se volta para ela. Isto não é absolutamente científico. Quando a criança ficar doente, cuide do corpo dela, mas não lhe dê atenção demais. É perigoso, porque ela associa a enfermidade com a atenção que você lhe dá... o que será inevitável, se isso se repetir muito.

Sempre que a criança fica doente se converte no centro das atenções de toda a família: o papai vem, senta-se ao lado dela e pergunta como está se sentindo, o médico é chamado, os vizinhos começam a aparecer, os amigos perguntam e as pessoas lhe trazem presentes...

Ela pode ficar apegada demais a isso; essa atenção toda pode agradar tanto o seu ego que ela pode não querer voltar a ficar boa de novo. E se isso acontecer, então será impossível ficar saudável. Nenhum remédio a curará. A pessoa se compromete definitivamente com a enfermidade. Isto é o que acontece com muitas pessoas, com a maioria.

Quando você odeia, seu ego se sente satisfeito. O ego só pode existir se você odiar, porque ao odiar você se sente superior, sente-se separado, define-se. Quando odeia, você obtém uma certa identidade. No amor, o ego tem que desaparecer. No amor, você já não está separado, o amor o ajuda a se fundir com os outros. Trata-se de uma união e de uma fusão.

Se você é muito apegado ao ego, odiar é fácil e amar é muito difícil. Fique alerta, atento; o ódio é a sombra do ego. Para amar é preciso muita coragem. É preciso muita coragem porque requer o sacrifício do ego. Só aqueles que estão dispostos a não ser ninguém poderão amar. Só aqueles que estão dispostos a não ser nada, a esvaziar-se de si mesmos, são capazes de receber, do além, o dom de amar.

# Afaste-se da multidão



*Meditação é a coragem de ficar em silêncio e sozinho. Pouco a pouco, você começa a sentir uma nova qualidade em si mesmo, uma nova vitalidade, uma nova beleza, uma nova inteligência, que não é emprestada de ninguém, que nasce de você. Tem raízes na sua existência. E, se você não é covarde, ela começará a frutificar, a florescer.*

**N**inguém é o que, por natureza, deveria ser. A sociedade, a cultura, a religião e a educação, tudo isso conspira contra a inocência das crianças. Elas têm nas mãos o poder — a criança é impotente e dependente, por isso o que quer que elas queiram fazer dela, conseguem. Elas não permitem que a criança desenvolva seu destino natural. Esforçam-se em transformar os seres humanos

em algo produtivo. Se deixarem que a criança cresça à vontade, como saberão se ela será útil aos interesses criados? A sociedade não está disposta a arriscar-se. Apodera-se da criança e começa a moldá-la para que se torne algo socialmente útil.

Em certo sentido, ela mata o espírito da criança e lhe dá uma falsa identidade, de forma que ela nunca sinta falta do seu espírito, do seu ser. A falsa identidade é um substituto. Mas esse substituto só é útil quando se está no grupo que lhe deu isso. Assim que fica sozinho, o falso se rompe em pedaços e a verdade reprimida começa a se expressar. Por isso o medo de ficar sozinho.

Ninguém quer ficar sozinho. Todo mundo quer pertencer ao grupo — não só de um grupo, mas de muitos. A pessoa pertence a um grupo religioso, a um partido político, a um clube social... e existem muitos outros grupos para se pertencer. Ela necessita de apoio vinte e quatro horas por dia, porque o falso, sem respaldo, não pode se sustentar. Assim que fica sozinha, ela começa a sentir uma estranha loucura. Durante muitos anos ela acreditou que era alguém, e de repente, em um momento de solidão, começa a sentir que não é isso. Sente medo: então, quem ela é?

Anos de repressão... levará algum tempo até que a verdade se expresse. O intervalo entre os dois é o que os místicos chamam de «a noite escura da alma», uma expressão muito apropriada. Já não é o falso, mas ainda não é o verdadeiro. Está no limbo, não sabe quem é.

No Ocidente, particularmente, o problema é até mais complicado, porque ali não se desenvolveu nenhum método para descobrir a verdade logo que possível e encurtar a noite escura da alma. O Ocidente não sabe nada sobre a meditação. Meditação é só uma forma de estar sozinho, em silêncio, esperando até que a verdade se firme. Não se trata de uma ação, é um relaxamento silencioso — porque o que quer que você «faça», provirá de sua falsa personalidade... há muitos anos, todos seus atos provêm daí. É um velho hábito.

Os hábitos costumam a morrer. Tantos anos vivendo com uma personalidade falsa, imposta por pessoas que você ama, que você respeita... e elas não querem te fazer nada de mal. As intenções dessas pessoas são boas, só lhes falta discernimento. Não eram pessoas conscientes — seus pais, seus professores, os sacerdotes, os políticos —, não eram pessoas conscientes, eram inconscientes. Inclusive a boa intenção em mãos de uma pessoa inconsciente se torna venenosa.

Por isso, sempre que está sozinho, surge um medo profundo — porque, de repente, o falso começa a desaparecer. E o novo demorará um tempo para se firmar, porque faz muitos anos que você o perdeu. Terá que levar em consideração o fato de que precisa fazer uma ponte sobre esse intervalo de tantos anos.

Cheio de medo — de que esteja se perdendo, perdendo a razão, a prudência, a cabeça, tudo... porque o ser que os outros lhe deram é composto de todas estas coisas — parece que você vai ficar louco. Imediatamente você começa a fazer algo para se manter ocupado. Embora não haja ninguém por perto, pelo menos existe alguma ação, para que o falso esteja ocupado e não comece a desaparecer.

As pessoas têm muitos problemas nas férias. Trabalham durante cinco dias, esperando descansar no fim de semana. Mas o fim de semana é o pior momento da semana: durante o fim de semana acontecem mais acidentes, mais gente se suicida, há mais assassinatos, mais roubos, mais estupros. É estranho... enquanto estas pessoas estavam ocupadas não havia nenhum problema. Mas, de repente, durante o fim de semana podem escolher: ocupar-se de algo ou descansar — mas relaxar é aterrorizante; a personalidade falsa desaparece. Mantenha-se ocupado, faça qualquer tolice. As pessoas correm para as praias, pegam um congestionamento de quilômetros. E se você perguntar a elas onde estão indo, dirão que estão «fugindo do tumulto da cidade», mas a multidão toda está

indo com elas! Estão procurando um lugar solitário, tranquilo... todas ao mesmo tempo.

Na verdade, se tivessem ficado em casa, teriam mais silêncio e solidão — pois todos os idiotas teriam saído à procura de um lugar solitário. E estão correndo como loucos, porque os dois dias se acabam logo, eles têm que chegar — não pergunte onde!

As praias... estão tão abarrotadas, nem o mercado está tão lotado. E é muito curioso, as pessoas se sentem muito mais tranqüilas tomando sol, relaxando. Dez mil pessoas numa pequena praia tomando sol, descansando. Essa mesma pessoa na mesma praia, se estivesse sozinha, não conseguiria relaxar. Mas ela sabe que ao seu redor há milhares de pessoas relaxando. Todas essas pessoas estavam no escritório, todas essas pessoas estavam nas ruas, todas essas pessoas estavam no mercado, e agora todas essas pessoas estão na praia.

A multidão é essencial para que possa existir o falso eu. Assim que ele fica sozinho, começa a entrar em pânico. É por isso que é preciso entender um pouquinho a respeito da meditação.

Não fique preocupado, pois aquilo que pode desaparecer, merece desaparecer. Não faz sentido agarrar-se a isso — não é seu; não é você.

Você é aquele que fica quando o falso se vai e o novo, o inocente e o despoluído surge em seu lugar. Ninguém mais pode responder à pergunta «Quem sou eu?» — Você saberá a resposta.

Todas as técnicas de meditação servem de ajuda para destruir o falso. Elas não lhe dão o verdadeiro — o verdadeiro não pode ser dado.

Aquilo que pode ser dado não é verdadeiro. O verdadeiro você já tem; só o falso tem que ser eliminado.

Isso pode ser dito de outra maneira: O Mestre tira de você coisas que na verdade você não tem, e lhe dá o que você realmente tem.

Meditação é a coragem de ficar em silêncio e sozinho. Pouco a pouco, você começa a sentir uma nova qualidade em si mesmo, uma nova vitalidade, uma nova beleza, uma nova inteligência, que não é emprestada de ninguém, que nasce de você. Tem raízes na sua existência. E, se você não é covarde, ela começará a frutificar, a florescer.

Só os bravos, os corajosos, as pessoas de fibra podem ser religiosas. Não as que frequentam a igreja — essas são covardes. Não os hindus, não os muçulmanos, não os cristãos — estes são contra a busca. Os grupos estão tentando fazer com que a falsa identidade fique mais consolidada.

Quando nasceu, você chegou ao mundo com consciência, com uma tremenda sensibilidade. Note em uma criança, olhe nos olhos dela, no frescor. Tudo isso tem sido encoberto por uma falsa personalidade.

Não é preciso ter medo. Você só pode perder aquilo que tem de ser perdido. E é melhor perdê-lo logo, porque quanto mais tempo permanece, mais forte fica.

E não se sabe o que pode acontecer amanhã. Não morra antes de conhecer seu verdadeiro ser.

Só essas poucas pessoas são afortunadas, aquelas que viveram de acordo com o seu autêntico ser e morreram de acordo com ele — porque sabem que a vida é eterna e a morte uma ficção.

## **A POLÍTICA DOS NÚMEROS**

A sociedade tem grandes expectativas de que você se comporte exatamente igual a outros. Assim que se comporta de uma maneira diferente, você passa a ser um sujeito estranho, e as pessoas têm muito medo de estranhos.

Por isso, quando duas pessoas estão sentadas em um ônibus, em um trem ou em uma parada de ônibus, elas não podem ficar em

silêncio, porque em silêncio elas são dois estranhos. Elas se apresentam mutuamente: «Como se chama? Aonde vai? O que você faz, no que trabalha?» Um quantas perguntas... e elas ficam tranqüilas; você é só outro ser humano igual a eles.

As pessoas sempre querem encaixar em um grupo. No instante em que você se comporta de um modo diferente, o grupo todo começa a suspeitar; alguma coisa está errada. Eles conhecem você, podem notar a mudança. Eles o conheciam quando você não se aceitava e agora, de repente, eles vêem que você se aceita...

Nesta sociedade, ninguém aceita a si mesmo. Todo mundo se auto-censura. É o estilo de vida de nossa sociedade: censurar-se. E se não você não se auto-censura e se aceita do jeito que é, você tem que se afastar da sociedade. E a sociedade não tolera ninguém que saiu do rebanho, porque a sociedade se apóia em números, é a política dos números. Quando há muitos números, as pessoas se sentem bem. Grandes números fazem as pessoas sentirem que têm razão — não podem estar equivocados, há milhões de pessoas que lhes apóiam. E quando ficam sozinhas começam a aparecer grandes dúvidas. Ninguém está comigo. O que me garante que tenho razão?

Por isso que eu digo que, neste mundo, ser um indivíduo é o maior sinal coragem.

Para ser um indivíduo é necessário ter uma natureza destemida: «Não importa que todo mundo esteja contra mim. O que importa é que minha experiência seja válida. Eu não me fixo em números, em quantas pessoas estão comigo. Fixo-me na validade de minha experiência — se estou repetindo as palavras de outra pessoa como um papagaio, ou se a origem de minhas afirmações é a minha própria experiência. Se é a minha própria experiência, se isso é parte do meu sangue, dos meus ossos e da minha medula, então não me importa que todo mundo esteja do outro lado; seguirei tendo razão e eles não. Não importa, não necessito de aprovação para me sentir bem. Só aqueles que imitam as opiniões de outras pessoas necessitam do apoio dos outros».

Mas, até o momento, esta é a forma em que funcionou a sociedade humana. É a maneira que ela tem de manter você no rebanho. Se eles estiverem tristes, você tem que estar triste. Tem que ser igual a eles. Não se permitem diferenças, porque as diferenças acabam dando lugar aos indivíduos, à unicidade, e a sociedade tem muito medo dos indivíduos e da unicidade. Isso significa que a pessoa ficou independente do grupo, que a pessoa não dá a mínima para o grupo. Seus deuses, seus templos, seus sacerdotes e suas escrituras, tudo deixou de ter sentido para ela.

Agora ela tem seu próprio ser e seu próprio caminho, seu próprio estilo... de viver, de morrer, de celebrar, de cantar, de dançar. Ela chegou em casa.

Ninguém pode voltar para casa junto com a multidão. Só se pode voltar para casa sozinho.

## **OUÇA SEU "SENSO INTERIOR"**

Havia um menino que sempre estava coçando a cabeça. Um dia, seu pai lhe olhou e lhe perguntou:

— Filho, por que você está sempre coçando a cabeça?

— Bom — respondeu o menino — suponho que seja porque sou o único que sabe que ela está coçando.

Isto é senso interior! Só você sabe. Ninguém mais pode saber. Não pode ser visto de fora. Quando você tem uma dor de cabeça, só você sabe — não pode demonstrá-la a ninguém. Quando está feliz, só você sabe — não pode prová-lo a ninguém. Não pode colocar sua felicidade em cima da mesa para que todo mundo a examine, disseque, analise.

Na verdade, o sentido interno é tão interno que você sequer pode demonstrar que ele existe. É por isso que a ciência segue negando-o, embora seja uma negação desumana. Até um cientista sabe que, quando se apaixonou, tem uma sensação interna. Existe

algo ali! Não é uma coisa, e também não é um objeto, e não é possível colocá-lo diante dos outros, e entretanto, existe.

O sentido interno tem sua própria utilidade. Por culpa da educação científica as pessoas perderam a confiança no sentido interno. Elas passaram a depender dos outros. Dependem tanto de outras pessoas, que se alguém disser: «Você parece estar muito feliz», começam a se sentirem felizes. Se vinte pessoas decidirem fazer com você seja infeliz, podem fazer você infeliz. Só têm que repetir isso o dia todo — sempre que cruzarem com você, só têm que te dizer: «Nossa, você está com o aspecto muito triste, muito infeliz. O que foi que aconteceu? Alguém morreu ou algo assim?» E você começará a suspeitar: tantas pessoas dizendo que estou triste... então devo estar.

Você depende da opinião dos outros e depende há tanto tempo que perdeu o rastro de seu senso interior. Seu senso interior tem que ser redescoberto, porque tudo que é formoso, tudo o que é bom e tudo o que é divino só pode ser percebido pelo sentido interno.

Pare de ser influenciado pelas opiniões dos outros. Em vez disso, comece a olhar para dentro... permita que seu sentido interno te diga as coisas. Confie nele. Se confiar nele, ele crescerá. Se confiar nele você o estará alimentando, ele se fortalecerá.

Vivekananda foi ver Ramakrishna e lhe disse:

— Deus não existe! Posso provar, Deus não existe.

Ele era um homem muito racional, muito cético, muito lógico, conhecedor do pensamento filosófico ocidental. Ramakrishna que era uma pessoa pouco instruída, iletrada disse-lhe então:

— Tudo bem, então prove!

Vivekananda falou muito, deu todas as provas que tinha. Ramakrishna lhe escutou e disse:

— Meu sentido interno me diz que Deus existe, e que é a autoridade suprema. Tudo o que está fazendo é argumentar. O que diz o seu sentido interno?

Vivekananda nem tinha pensado nisso. Encolheu os ombros. Tinha lido livros, recolhido argumentos, provas a favor e contra; e tentado decidir de acordo com estas provas, se Deus existia ou não. Mas não tinha se voltado para dentro de si mesmo. Não tinha perguntado a seu senso interior.

Isto é muito estúpido, mas a mente cética é estúpida, a mente racional é estúpida.

— Seus argumentos são preciosos, gostei deles! — disse Ramakrishna — Mas o que eu posso fazer? Eu sei! Meu senso interior diz que Deus existe. Do mesmo modo que me diz se estou contente, se estou doente, se estou triste, se a minha barriga dói, que hoje não estou me sentindo muito bem, meu sentido interno diz que Deus existe. Não há o que discutir.

— Não posso provar isso — continuou Ramakrishna — mas se quiser, eu posso mostrar a você.

Ninguém nunca dissera a Vivekananda que Deus podia ser mostrado. E, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Ramakrishna saltou — era um homem selvagem — saltou e pôs os pés sobre o peito de Vivekananda! Então, algo aconteceu, uma energia surgiu e Vivekananda caiu em um transe por três horas. Quando voltou a abrir os olhos era um homem completamente novo.

— O que diz agora? — Perguntou Ramakrishna — Deus existe ou não existe? O que lhe diz o seu sentido interno?

Vivekananda sentia uma tranqüilidade tão grande, uma quietude tão grande, como nunca havia sentido antes. Estava cheio de júbilo por dentro, sentia um grande bem-estar, estava transbordando bem-estar... Ele teve que se inclinar e tocar os pés de Ramakrishna dizendo:

— Sim, Deus existe.

Deus não é uma pessoa, mas uma sensação de bem-estar supremo, a sensação de estar em casa, a absoluta sensação de que «pertencço a este mundo e este mundo me pertence». Não sou um

extraterrestre, não sou um estranho. O sentimento absoluto — existencial — de que «a totalidade e eu não estamos separados». Esta experiência é Deus. Mas esta experiência só é possível se você permitir que o seu sentido interno funcione.

Comece a permiti-lo desde já! Dê a ele todas as oportunidades possíveis. Não procure autoridades exteriores, não procure a opinião dos outros. Seja um pouco mais independente. Sinta mais, pense menos.

Saia e olhe uma rosa, e não repita como um papagaio: «Que bonita!» Isso pode ser só uma opinião, algo que disseram a você; que esteve ouvindo desde a infância. «A rosa é bonita, é uma flor maravilhosa». Portanto, quando você vê uma rosa, simplesmente o repete como um computador: «Esta rosa é bonita». Mas você sente isso de verdade? É mesmo uma sensação interna? Se não o for, então pare de dizer isso.

Quando olhar a lua, não diga que ela é bela... a menos que isso esteja de acordo com o seu sentido interno. Você se surpreenderá ao perceber que noventa e nove por cento das coisas que tem em sua mente são emprestadas. E dentro desses noventa e nove por cento de lixo imprestável, o um por cento que corresponde ao seu sentido interno se perdeu, afogou-se. Abandone seus conhecimentos. Reconheça o valor do seu sentido interno. É por meio dele que se conhece Deus.

São seis os sentidos. Cinco são externos; eles lhe dão informações sobre o mundo. Os olhos lhe informam sobre a luz; sem olhos você não conheceria a luz. Os ouvidos lhe informam sobre o som; sem ouvidos você não saberia nada sobre o som. Há um sexto sentido, o sentido interno, que mostra e fornece dados sobre você mesmo e sobre a origem suprema de todas as coisas. Esse sentido tem de ser descoberto. A meditação nada mais é do que a descoberto do senso interior.

O MAIOR MEDO QUE EXISTE NESTE MUNDO É O MEDO DA OPINIÃO DOS OUTROS. Assim que deixa de temer o grupo a que pertence, você deixa de ser uma ovelha e se converte em um leão. Um grande rugido se avoluma no seu coração, o rugido da liberdade.

Buda de fato já o chamou de o rugido do leão. Quando um ser humano alcança um estado de absoluto silêncio interior, ele ruge como um leão. Pela primeira vez, ele sabe que a liberdade provém do fato de não ter mais medo da opinião dos outros. O que as pessoas dizem não importa. Se eles o consideram um santo ou um pecador é irrelevante, seu único juiz é Deus. E para Deus nenhuma pessoa é ruim. Deus é todo o universo.

Não se trata de ter que encarar uma pessoa; você tem que encarar as árvores, os rios, as montanhas, as estrelas... a todo o universo. É o nosso universo, fazemos parte dele. Não é preciso ter medo, não é necessário que se esconda. A totalidade já sabe de tudo, a totalidade sabe mais coisas de você do que você mesmo.

E a segunda questão é ainda mais importante: Deus já julgou você. Não é algo que vai acontecer no futuro, isso já aconteceu; ele já julgou você. Portanto, até o medo de ser julgado desaparece. Não há um dia do julgamento final. Você não precisa temer. O julgamento já aconteceu no primeiro dia, no momento em que ele criou você, já o julgou. Ele conhece você, você é criação dele. Se algo saiu errado, o responsável é ele, não você. Se você foi por um mau caminho, o responsável é ele, não você. Como você poderia ser o responsável? — você não é criação sua. Se você pinta um quadro e algo sai errado, não pode dizer que a pintura tenha culpa — a culpa é do pintor.

Não há necessidade de temer o seu grupo ou algum deus imaginário lhe perguntando, no final dos tempos, o que você fez ou deixou de fazer. Ele já o julgou — isto é muito importante — isso já aconteceu, portanto você está livre. E, assim que a pessoa percebe

que tem liberdade total para ser ela mesma, a vida começa a ter uma qualidade dinâmica.

O medo cria grilhões, a liberdade dá asas.

## LIBERDADE DE, LIBERDADE PARA

Nunca pense em termos de estar livre *de* algo; pense sempre em termos de estar livre *para* algo. E há uma imensa diferença, uma enorme diferença. Não pense em termos **de**, pense sempre em termos de **para**. Seja livre para Deus, seja livre para a verdade, mas não pense em querer se ver livre das pessoas, da Igreja, disto e aquilo. Possivelmente algum dia você possa ir embora para longe, mas nunca será livre, nunca. É uma forma de repressão.

Por que você tem tanto medo das pessoas?... Se elas têm influência sobre você, então esse medo só demonstra essa influência, essa atração. Aonde quer que você vá, seguirá sendo dominado por elas.

O que estou dizendo, note nisso, é que não é necessário que você pense como os outros. Pense por si mesmo. Você pode deixar as pessoas de lado agora mesmo. Enquanto estiver lutando não vai conseguir se libertar. Deixe de lutar contra a multidão, porque não tem nenhum sentido lutar.

O problema não é a multidão, o problema é você. A multidão não está influenciando você — você está sendo influenciado, não por outras pessoas, mas por seu próprio condicionamento inconsciente. Recorde-se sempre de não jogar a culpa de alguma coisa sobre outra pessoa, caso contrário, nunca se libertará disso. No fundo o responsável é você. Por que ser tão contra a multidão? Pobre multidão! Por que você está contra ela? Por que você carrega essa ferida?

As pessoas não podem fazer nada sem a sua colaboração. Portanto, a questão é a sua colaboração. Você pode deixar de

colaborar agora mesmo, num piscar de olhos. Mas, se fizer um esforço para conseguir isso, então você estará encrocado. Portanto, faça instantaneamente. É algo que você fará por impulso, sem pensar, será um entendimento espontâneo; se entender que, ao lutar, estará lutando uma batalha perdida. A própria batalha fará com que você reforce a multidão.

Isto é o que acontece a milhões de pessoas. Alguém quer fugir das mulheres... na Índia, os homens estão fazendo isso há séculos. Então eles ficam cada vez mais obcecados por isso. Querem se livrar do sexo, mas a mente toda fica sexual; eles só pensam em sexo. Jejuam, não dormem; fazem este ou aquele *pranayama*, ioga e milhares de outras coisas... tudo bobagem. Quanto mais lutam contra o sexo, mais o reforçam, mais se concentram nele. Ele se torna desproporcionalmente importante.

Foi isso que aconteceu nos monastérios cristãos. Havia muita repressão, eles tinham medo. Se tiver muito medo das pessoas, o mesmo pode acontecer com você. As pessoas não podem fazer nada a menos que você colabore, portanto, é preciso que você esteja alerta. Não colabore!

Cheguei a esta conclusão: que você é o responsável por tudo o que te acontece. Ninguém está fazendo isso com você. Você quis que isso acontecesse, por isso aconteceu. Se alguém explora você é porque você quer ser explorado. Se alguém o põe na prisão é porque você quis ser aprisionado. Deve tê-lo buscado de algum modo. Talvez você dê a isso o nome de segurança. Os nomes podem ser diferentes, as etiquetas podem ser diferentes, mas você desejou ardentemente ser encarcerado, porque, na prisão, a pessoa está a salvo e não se sente insegura.

Não brigue com os muros da prisão. Olhe em seu interior. Busque aquele desejo ardente de segurança e como as pessoas podem manipular você. Você deve estar querendo algo delas: reconhecimento, honra, respeito, consideração. Se pedir isso a elas terá que pagar por isso. Então elas dirão: «De acordo, nós lhe damos

respeito, e em troca você nos dá a sua liberdade». É uma barganha muito simples. Mas as pessoas nunca fizeram nada a você, no geral, quem fez foi você mesmo. Portanto, não te interponha em seu próprio caminho!

## ENCONTRE A SUA FACE ORIGINAL

Seja apenas quem você é e não se preocupe com o mundo. Então você sentirá uma enorme tranquilidade e uma profunda paz em seu coração. Isso é o que os zen-budistas chamam de «face original» — sossegada, sem tensões, sem pretensão, sem hipocrisia, sem as assim chamadas disciplinas acerca de como deve se comportar.

E, lembre-se, a face original é uma belíssima expressão poética, mas não significa que você terá um rosto diferente. Essa mesma face que você tem se livrará de toda tensão, ficará descontraída, não julgará ninguém nem coisa alguma, não achará que ninguém é inferior. Essa mesma face, sob esses novos valores, será sua face original.

Há um antigo provérbio: «Os heróis são homens que não tiveram a coragem de ser covardes».

Se você é covarde, o que há de errado nisso? Você é covarde — tudo bem. Os covardes também são necessários, se não, de onde sairiam os heróis? São absolutamente necessários para oferecer uma base para se criar heróis.

Seja você mesmo, não importa o que isso signifique.

O problema é que nunca antes lhe falaram para ser apenas você mesmo. Todo mundo está metendo o nariz, dizendo que você deveria ser assim ou assado... mesmo nos assuntos corriqueiros.

Em meu colégio... eu era só um menino, mas odiava que me dissessem como eu deveria ser. Os professores começaram a me chantagear:

— Se comportar-se bem, você será um gênio.

— Ao diabo com o gênio — eu respondia — só quero ser eu mesmo.

Eu costumava sentar com os pés sobre a carteira, e os professores se zangavam.

— Que forma de comportar é essa? — eles diziam.

— A mesa não está reclamando — eu retrucava — Isto é um assunto entre a mesa e eu, por que me olham tão zangados? Não estou pondo as pernas em cima de sua cabeça! Deveriam relaxar como eu. É dessa maneira que consigo entender melhor essas tolices que estão ensinando.

Num dos lados da sala, havia uma preciosa janela por onde se via árvores, pássaros e cucos. Eu ficava a maior parte do tempo olhando pela janela, e o professor vinha e me dizia:

— Para que vem à escola?

— Porque em minha casa não há uma janela como esta, aberta ao ar livre — eu respondia. — Em casa também não há cucos nem pássaros. Minha casa fica na cidade, rodeada de outras casas, há tanta gente que os pássaros não vão ali, e os cucos não querem alegrar as pessoas com seus cantos.

— Esqueça a idéia de que eu vim aqui para ouvir você! Eu estou pagando e você só está aqui para me servir, não se esqueça disso. Se eu não passar de ano, não vou me queixar com você; se eu não passar de ano, não ficarei triste. Mas, se durante todo o curso eu tiver que fingir que estou escutando você, quando na realidade estou escutando os cucos lá fora, começarei a ser um hipócrita. E eu não quero ser um hipócrita.

Os professores sempre querem que você faça tudo como eles dizem. Em meu colégio antigamente, e possivelmente até hoje, era obrigatório usar uma boina. Não tenho nada contra as boinas; quando deixei a universidade comecei a usar boina, mas nunca usei antes disso. O primeiro professor que se aborreceu comigo me disse:

— Você está contrariando a disciplina da escola. Onde está sua boina?

— Traga as normas de conduta deste colégio — eu disse — há alguma menção de que todos os alunos são obrigados a usar boina? Por que se não há, você está impondo algo que vai contra as normas do colégio.

Ele me levou para o diretor do colégio e eu disse ao diretor:

— Estou disposto a obedecer; só me mostre onde está escrito que a boina é obrigatória. Se for obrigatório, posso até abandonar este colégio, mas primeiro mostre-me onde está escrito.

Não havia essa regra escrita. Então eu disse:

— Pode-me dar uma boa razão para eu usar a boina? Ela aumentará a minha inteligência? Prolongará a minha vida? Fará com que eu tenha mais saúde, mais entendimento? Até onde eu sei, Rojão de luzes é a única província da Índia onde não se usam as boinas, e é também a parte mais inteligente do país. Punjab é justo o contrário. Ali, as pessoas usam turbantes em vez de boinas — turbantes enormes, como se a inteligência delas estivesse escapando e tentassem segurá-la na cabeça. E é a parte menos inteligente do país.

—O que você diz faz algum sentido — disse o diretor — mas trata-se de uma regra do colégio. Se você deixar de usar a boina, outros também deixarão de usá-la.

— De que têm medo? — respondi — Simplesmente deixe de lado toda essa convenção.

Ninguém queria deixar que você fosse você mesmo em assuntos que não têm a menor importância.

Eu costumava usar cabelo comprido na infância. E também costumava entrar e sair da loja de meu pai, porque a loja e a minha casa eram ligadas. A casa ficava atrás da loja e não havia outro jeito a não ser atravessá-la. As pessoas perguntavam, "Quem é aquela

garota?" — por causa do meu cabelo comprido. Elas não imaginavam que um menino pudesse ter um cabelo tão comprido.

Meu pai ficava embaraçado e com muita vergonha ao dizer, "Ele é um menino".

— Mas — ele implicava ao me ver —, para que todo esse cabelo?

Um dia — isso não era próprio dele — meu pai ficou tão embaraçado e zangado que me pegou e cortou ele mesmo o meu cabelo. Pegou a tesoura que usava para cortar tecido na loja e cortou o meu cabelo. Eu não disse nada — e ele ficou surpreso. Então disse:

— Você não tem nada a dizer?

— Direi à minha própria maneira — respondi.

— Como assim?

— Você verá.

Fui então ao barbeiro, viciado em ópio, que havia bem em frente da nossa casa. Ele era o único homem por quem eu tinha respeito. Havia várias barbearias, mas eu gostava daquele velho. Ele era uma variedade rara; e gostava muito de mim; costumávamos conversar durante horas.

Então fui lá e disse a ele:

— Raspe a minha cabeça.

Na Índia, as pessoas só raspam a cabeça toda quando o pai morre. Por um momento, até aquele homem viciado em ópio recobrou o juízo.

— O que aconteceu? — perguntou. — Seu pai morreu?

— Não me aborreça com perguntas — respondi. — Faça o que estou dizendo; não é da sua conta! Simplesmente corte todo o meu cabelo, raspe tudo.

— Está certo, não é da minha conta. Se ele morreu, morreu.

Ele raspou a minha cabeça e eu fui para casa. Atravessei a loja. Meu pai olhou para mim e todos os clientes fizeram o mesmo.

— O que aconteceu? — perguntaram. — Quem é esse menino? O pai dele morreu?

— Ele é meu filho e estou bem vivo! — respondeu meu pai. — Mas eu sabia que ele ia fazer alguma coisa. Deu-me uma boa resposta.

Aonde quer que eu fosse as pessoas perguntavam:

— O que aconteceu? Seu pai estava tão bem!

E eu dizia:

— As pessoas morrem com qualquer idade. Você está preocupado com ele, não está preocupado com os meus cabelos.

Essa foi a última coisa que meu pai me fez, porque ele sabia que a resposta poderia ser mais perigosa!

Eu disse a ele:

— Você é que começou. Por que ficar tão embaraçado? Você poderia dizer: "Ela é minha filha". Eu não teria nenhuma objeção contra isso. Mas você não deveria ter interferido no meu jeito de ser. Foi violento, bárbaro. Em vez de falar comigo, você simplesmente começou a cortar o meu cabelo.

Ninguém deixa que alguém simplesmente seja quem é. E você aprendeu todas essas ideias tão profundamente que parecem que são suas. Simplesmente relaxe. Esqueça todos os condicionamentos, jogue-os fora como as folhas secas que caem das árvores. É melhor ser uma árvore sem folhas do que ter folhas de plástico, galhos de plástico, flores de plástico; é tão feio.

A face original significa simplesmente que você não está sendo dominado por nenhum tipo de moralismo, religião, sociedade, parente, professores, sacerdotes, não há ninguém que te domine. Viva simplesmente sua vida de acordo com seu senso interno — você tem sensibilidade — e terá a face original.

# A Prazer de viver perigosamente



*Os corajosos, estes avançam impetuosamente. Vão em busca de qualquer oportunidade de perigo. A filosofia de vida deles não é a das companhias de seguros. Sua filosofia de vida é a de um escalador, um esquiador, um surfista. E não é só em mar aberto que eles surfam — surfam também nos mares interiores. E não é só exteriormente que escalam Alpes e Himalaias; eles estão em busca de picos interiores.*

**V**iver perigosamente significa viver. Se não vive perigosamente, você não vive. A vida só floresce diante do perigo. Ela não floresce na segurança; só floresce na insegurança.

Se você começar a se sentir seguro, converte-se

em um lago estagnado. Sua energia já não circula. Então você fica com medo... porque nunca se sabe como enfrentar o desconhecido. E por que se arriscar? O conhecido é mais seguro. Mas depois você fica obcecado pelo que é familiar. Começa a se aborrecer com ele, fica farto, depois se sente infeliz, entretanto, ele é familiar e confortável. Pelo menos você já o conhece. O Desconhecido faz você tremer por dentro. A simples a idéia do desconhecido já o faz se sentir inseguro.

Só existem dois tipos de pessoas no mundo. Aquelas que querem viver comodamente — essas estão em busca da morte, querem um túmulo confortável. E aquelas que querem viver — optaram por viver perigosamente, porque a vida só prospera quando existe risco.

Você já escalou uma montanha? Quanto mais alto a escala, melhor você se sente. Quanto maior o perigo de cair, quanto maior o abismo ao seu lado, mais vivo você se sente... entre a vida e a morte, quando você está simplesmente suspenso entre a vida e a morte. Nesse momento, não existe tédio, não existe resquícios do passado nem desejo do futuro. O momento presente é brilhante como uma chama. Ele é suficiente — você vive no aqui e agora.

Ou surfando ou esquiando, ou escalando — sempre existe um risco de perder a vida, existe um enorme prazer porque o risco de perder a vida faz com que você se sinta absolutamente vivo. Por isso as pessoas se sentem atraídas pelos esportes perigosos.

As pessoas escalam montanhas... Alguém perguntou ao Edmund Hillary por que ele tentou escalar o Everest. Por quê? E Hillary respondeu:

— Porque ele está ali — uma provocação constante.

Era arriscado, muitas pessoas já tinham morrido. Por quase sessenta, setenta anos os grupos o tinham escalado — e era quase uma morte certa, mas mesmo assim as pessoas continuavam indo. O que é que as atraía?

Ao subir cada vez mais alto, distanciando-se cada vez mais da rotina da vida, você volta a ser selvagem, volta a fazer parte do mundo animal. Você volta a viver novamente como um tigre, como um leão, como um rio. Volta a sulcar os céus como um pássaro, voando cada vez mais alto. E, a cada momento que passa a segurança, a conta no banco, a esposa, o marido, a família, a sociedade, a Igreja, a respeitabilidade — tudo isso vai se desvanecendo, se afastando. Você fica sozinho.

Por isso que as pessoas se interessam tanto pelos esportes. Mas esse perigo tampouco é real, porque você fica muito habilidoso. Pode aprender esse esporte, pode treinar para isso. Trata-se de um risco calculado. Você pode treinar para fazer montanhismo e tomar todas as precauções. Ou dirigir em alta velocidade — você pode chegar a 160 quilômetros por hora e isso é perigoso, é excitante. Mas você pode ser muito hábil nisso e o perigo se limita àqueles que não conhecem a coisa; para você não é mais perigoso. Mesmo que exista algum risco, ele é mínimo. Além disso, esses riscos são riscos físicos, só afetam ao corpo.

Quando eu digo viva perigosamente, não me refiro ao risco físico, mas ao risco psicológico, e finalmente, ao risco espiritual. A religião é um risco espiritual. Leva-nos a tanta altura que talvez não possamos mais voltar. Esse é o significado do termo búdico *anagamin* — aquele que não volta mais. É chegar muito alto, a um lugar sem retorno... então simplesmente se perde. Não se retorna jamais.

Quando digo para viver perigosamente, significa não viver a vida de respeitabilidade comum — ser prefeito de uma cidade ou membro de uma associação. Isso não é vida. Ou ser um ministro, ou ter uma boa profissão, ganhar bem, ver seu dinheiro se acumular no banco e ter certeza que tudo vai sair perfeitamente bem. Quando tudo vai perfeitamente bem, simplesmente note o que acontece — você está morrendo e nada está acontecendo de verdade. As pessoas podem respeitar você e, quando você morrer um grande cortejo o

seguirá. Muito bem, isso é tudo; os jornais publicarão sua foto, escreverão editoriais, e então as pessoas se esquecerão de você. E você terá vivido toda a vida para isto.

Observe — pode-se perder a vida inteira só por causa de coisas comuns, mundanas. Ser espiritual significa entender que não se deve dar tanta importância a essas pequenas coisas. Não estou dizendo que elas sejam insignificantes. Digo que têm importância, mas não tanto quanto pensam.

O dinheiro é necessário. O dinheiro é uma necessidade. Mas ele não é o objetivo nem pode sê-lo. Evidentemente, precisamos de uma casa. É uma necessidade. Eu não sou um asceta e não quero que você destrua a sua casa e fuja para o Himalaia. A casa é necessária — mas é necessária para você, e não vice-versa. Não interprete mal.

Quando olho as pessoas, percebo que a coisa toda está de cabeça para baixo. Elas vivem como se fossem necessárias para a casa. Vão trabalhar para a casa. Como se elas fossem necessárias para a conta do banco — elas acumulam dinheiro e depois morrem. E não chegaram a viver. Nunca tiveram um momento de vida vibrante, total. Estão aprisionados em sua segurança, familiaridade, respeitabilidade.

Então, é normal que você esteja entediado. As pessoas me dizem que estão muito entediadas. Que estão fartas, aborrecidas. O que podem fazer? Acreditam que basta repetir um mantra para que voltem a se sentir vivas. Não é tão simples assim. Terão que mudar o padrão de vida.

Ame, mas não pense que amanhã a mulher estará ali, à sua disposição. Não espere isso. Não reduza a mulher a uma esposa. Então, estará vivendo perigosamente. Não reduza o homem a um marido, porque um marido é algo horrível. Deixe que o seu homem seja o seu homem e a sua mulher seja a sua mulher, e não torne previsível o dia de amanhã. Não espere nada e esteja preparado

para tudo. Isso é o que quero dizer quando digo viva perigosamente.

O que é que nós fazemos? Nos apaixonamos por uma mulher e em seguida vamos ao cartório, ou à igreja, para nos casar. Não estou dizendo para não se casar. Trata-se de uma formalidade. Tudo bem, pode satisfazer à sociedade, mas lá no fundo de sua mente nunca possua essa mulher. Nunca diga: «Você me pertence». Pois, como uma pessoa pode pertencer a você? E quando você começa a possuir a uma mulher, ela começa a possuir você. Então, logo vocês já não estarão apaixonados. Só estarão se atormentando e se matando mutuamente, paralisando um ao outro.

Ame, mas não deixe que seu amor se reduza a um matrimônio. Trabalhe — o trabalho é necessário — mas não permita que o trabalho se torne a sua vida. A diversão deve continuar sendo parte da sua vida, a parte central da sua vida. O trabalho deve ser só um meio de se divertir. Trabalhe num escritório, trabalhe numa fábrica, trabalhe numa loja, mas só para ter tempo e oportunidade de se divertir.

Não permita que a sua vida se reduza apenas a uma rotina de trabalho — porque o objetivo da vida é se divertir!

Divertir-se significa fazer algo só pelo prazer que isso lhe dá. Se você desfrutar de muitas coisas só por prazer, você se sentirá mais vivo. É obvio, sua vida sempre estará em risco, em perigo. Mas a vida tem que ser assim. O risco faz parte dela. Na verdade, o risco é a melhor parte, o melhor da vida. A parte mais bela da vida é o risco. Cada momento é um risco. Você pode não estar consciente... você inspira, expira, há um risco. Inclusive quando expira — quem sabe se conseguirá encher os pulmões de ar outra vez? Não dá para ter certeza, nada está garantido.

Mas existem algumas pessoas cuja religião é a segurança. Mesmo quando falam de Deus, falam dele como se fosse a segurança suprema. Se pensam em Deus, fazem isso porque sentem medo. Se vão rezar ou meditar, é só para não cair na lista negra de

Deus: «Se existe um Deus, ele saberá que vou à igreja regularmente, que sou um devoto dedicado. Posso provar isso». Até a oração dessas pessoas é só um meio de pedir algo.

Viver perigosamente significa viver a vida como se cada momento fosse o último. Cada momento tem o seu próprio valor intrínseco, e você não tem medo. Sabe que a morte está ali e aceita esse fato, sem tentar se esconder dela. Na realidade, você vai ao encontro dela. Você desfruta esses momentos de encontro com a morte — fisicamente, psicologicamente, espiritualmente.

Desfrutar esses momentos em que entra em contato direto com a morte — quando a morte é quase uma realidade — é o que eu quero dizer quando digo para viver perigosamente.

Os corajosos, estes avançam impetuosamente. Vão em busca de qualquer oportunidade de perigo. A filosofia de vida deles não é a das companhias de seguros. Sua filosofia de vida é a de um escalador, um esquiador, um surfista. E não é só em mar aberto que eles surfam — surfam também nos mares interiores. E não é só exteriormente que escalam Alpes e Himalaias; eles estão em busca de picos interiores.

Mas lembre-se de uma coisa: nunca se esqueça da arte de correr riscos. Seja sempre capaz de arriscar. Onde quer que encontre uma oportunidade de risco, não a desperdice, e assim você nunca será um perdedor. O risco é a única garantia que você tem de ficar realmente vivo.

## **O QUE QUER QUE VOCÊ FAÇA, A VIDA É UM MISTÉRIO.**

A mente tem dificuldade para aceitar a idéia de que existem coisas inexplicáveis. A mente tem um grande desejo de que tudo seja explicado... se não explicado, pelo menos justificado! Qualquer

coisa que seja um enigma, um paradoxo, deixará a mente atormentada.

Toda a história da filosofia, da religião, da ciência, da matemática, tem a mesma origem, a mesma mente... o mesmo comichão. Você pode se coçar de uma maneira, outra pessoa de outra, mas o comichão tem que ser compreendido. O comichão é a crença de que a existência não é um mistério. A mente só consegue se acomodar quando a existência for de alguma forma desmistificada.

A religião conseguiu isso criando Deus, o Espírito Santo, e o Filho encarnado de Deus; cada religião criou algo diferente. Essa é a forma que encontraram de tapar um buraco que não se pode tapar; faça o que fizer, o buraco estará lá. O próprio esforço de tapá-lo mostra o medo que você tem de que alguém vá ver o buraco.

Toda a história da mente, em seus diferentes ramos, tem sido fazer uma colcha de retalhos para esconder esse buraco — especialmente na matemática, porque a matemática é puramente um jogo mental. Existem matemáticos que não concordam com isso, assim como existem teólogos que acreditam que Deus é uma realidade. Deus é só uma idéia. E, se os cavalos tivessem idéias, Deus seria um cavalo. Você pode estar absolutamente seguro de que ele não seria um homem, porque o homem tem sido tão cruel com os cavalos que ele só pode ser concebido como um demônio, e não como Deus. Mas então, todo animal teria um conceito próprio de Deus, do mesmo modo que a raça humana tem seu próprio conceito de Deus.

Os conceitos servem como substitutos quando a vida é um mistério e você encontra lacunas que não podem ser preenchidas pela realidade. Você preenche essas lacunas com conceitos; e pelo menos começa a se sentir satisfeito pelo fato de a vida poder ser entendida.

Alguma vez já parou para pensar na palavra **entender**\*? Significa que algo está abaixo de você. É estranho que essa palavra tenha pouco a pouco adotado um significado tão distante da idéia original: qualquer coisa que você possa por abaixo de si mesmo, que esteja sob seus pés, sob seu poder, sob seu sapato, é algo com relação ao qual você pode se considerar um mestre.

As pessoas têm tentado entender a vida desse mesmo modo, de maneira que possam colocá-las sob os pés e declarar: «Somos os mestres, agora já não há nada que não possamos entender».

Mas isso não é possível. Faça o que fizer, a vida é um mistério e continuará sendo um mistério.

EM TODO LUGAR, EXISTE ALGO QUE ESTÁ MAIS ALÉM. Estamos rodeados pelo mais além. Esse mais além é Deus; esse mais além tem que ser desbravado. Ele está dentro, está fora, está sempre ali. E se você se esquece que ele existe... isto é o que normalmente costumamos fazer, porque é incômodo olhar o mais além, é inconveniente. É como olhar um abismo, começa-se a tremer, a sentir vertigem. A própria consciência do abismo faz com que você comece a sentir medo. Ninguém olha num fundo de um abismo; seguimos caminho olhando em outras direções, seguimos caminho evitando a realidade. A realidade é como um abismo, porque a realidade é um grande vazio. É um vasto céu sem limites. Buda diz *durangama* — esteja pronto para ir além. Nunca fique confinado por fronteiras, ultrapasse os limites. Estabeleça limites se precisar deles, mas recorde-se sempre de que você de tem que transpassá-los. Não fabrique prisões.

Criamos muitos tipos de prisões: relacionamentos, crenças, religião — todos eles são prisões. Sentimos aconchego porque não há ventos fortes soprando. Sentimos-nos protegidos, embora esse amparo seja

\*Em inglês, *understand* (*under*, sob, embaixo + *stand*, ficar). (N.T)

Falso, porque a morte chegará e nos levará para o além. Antes que a morte chegue e leve você para o além, siga para lá por conta própria.

Um conto:

Um monge zen estava à beira da morte. Era muito velho, tinha noventa anos. De repente, ele abriu os olhos e disse:

— Onde estão os meus sapatos?

— Aonde o senhor vai? — perguntou o discípulo — Ficou louco? O senhor está morrendo, e o médico disse que não há mais nenhuma possibilidade de salvá-lo; só restam uns poucos minutos de vida.

— É por isso que estou procurando os meus sapatos — disse o monge — Eu gostaria de ir ao cemitério, porque não quero que me arrastem até lá. Irei andando com minhas próprias pernas e lá me encontrarei com a morte. Não quero que me arrastem. E você me conhece, eu nunca me apoiei em ninguém. Seria horrível, quatro pessoas me carregando. Não.

O monge foi caminhando até o cemitério. E não só andou até lá, como cavou sua própria cova, deitou-se nela e morreu. Que coragem de aceitar o desconhecido, que coragem de ir por si mesmo e dar as boas-vindas ao mais além! Então, a morte se transforma, a morte deixa de ser morte.

Um homem tão corajoso como esse nunca morre; a morte é derrotada. Um homem tão corajoso como esse transcende a morte. Para aquele que segue para o mais além com as suas próprias pernas, o além nunca é como a morte. Então o além passa a ser bem-vindo. Se você der as boas-vindas ao mais além, o além também lhe dará as boas-vindas; o mais além sempre imita você.

## A VIDA É SEMPRE AO AR LIVRE

O ego cerca você como um muro. Ele o convence de que, cercando você desse jeito, ele o protegerá. Essa é a sedução do ego. Ele não pára de repetir: «Se eu não estiver lá, você vai ficar desprotegido, vai ficar muito vulnerável, e será muito arriscado. Portanto, deixe-me proteger você, deixe-me cercá-lo».

Sim, o ego dá um certo amparo, mas esse muro também faz de você um prisioneiro. Existe um certo amparo, do contrário, ninguém sofreria a infelicidade que o ego produz. Existe um certo amparo, ele protege você dos inimigos — mas também protege você dos amigos.

É como se você fechasse a porta e se escondesse atrás dela, com medo do inimigo. Então chega um amigo, mas a porta está fechada, ele não poderá entrar. Se você tiver muito medo do inimigo, o amigo também não poderá entrar. E se abrir a porta para ele, existe o risco de que o inimigo também entre.

É preciso pensar muito nisto, trata-se de um dos maiores problemas da vida. E só alguns poucos corajosos o enfrentam corretamente, os outros se acovardam e se escondem, e assim perdem toda a sua vida.

A vida é arriscada, a morte não oferece riscos. Morra, e os problemas acabarão, ninguém mais poderá matar você, porque como é que alguém poderá matá-lo se você já está morto? Entre numa tumba e coloque fim na questão! Então não haverá mais enfermidade, não haverá mais sofrimento, não haverá mais nenhum problema — você estará livre de todos os problemas.

Mas se estiver vivo, então haverá milhões de problemas. Quanto mais viva a pessoa estiver, mais problema terá. Mas não há nada de mau nisso, porque brigar com os problemas, lutar com o desafio, é uma forma de crescer.

O ego é um muro sutil a seu redor. Não permite que entre ninguém dentro de você. Você se sente protegido, seguro, mas essa segurança é como a morte. É a segurança da planta dentro da semente. A planta tem medo de brotar, porque quem vai saber? — O mundo é tão perigoso e a planta é tão delicada, tão frágil. Por trás dos muros da semente, escondida na cela, está protegida.

Imagine a um bebê no ventre de sua mãe. Tem tudo o que necessita, qualquer que seja a necessidade, é imediatamente providenciada. Não há preocupações, não há luta, não há futuro. A criança é bem-aventurada. A mãe preenche todas as suas necessidades.

Mas você gostaria de ficar para sempre no ventre de sua mãe? É um lugar bem protegido. Se lhe dessem a chance de escolher, você permaneceria para sempre no ventre de sua mãe? É muito confortável, o que poderia ser mais confortável do que isso? Os cientistas dizem que ainda não fomos capazes de criar uma situação mais cômoda do que o ventre da mãe. Aparentemente, o ventre é o máximo em conforto. É muito confortável: sem preocupação, sem problemas, sem precisar trabalhar. É existência pura. E tudo é fornecido automaticamente — surge uma necessidade e na mesma hora ela é atendida. Não há sequer o incômodo de respirar, a mãe respira pelo filho. Não é preciso se preocupar com a comida, a mãe se alimenta pelo filho.

Mas você gostaria de ficar para sempre no ventre materno? É muito confortável, mas não é vida. A vida é sempre o desconhecido. A vida é sempre ao ar livre.

A palavra inglesa **êxtase** é muito significativa. Significa ficar fora. Êxtase significa sair — sair de todas as conchas e de todas as proteções, de todos os egos e de todas as comodidades, de todos os muros que se assemelhem à morte. Estar em êxtase significa sair, ficar livre, estar em movimento, ser um processo, ser vulnerável a ponto de que os ventos possam atravessar você.

Em inglês, existe uma expressão; às vezes dizemos: «*That experience was outstanding*»\*. Isto é exatamente o significado de êxtase: excepcional, fora do comum.

Quando a semente germina e a luz que estava escondida ali dentro começa a se manifestar, quando nasce uma criança e deixa o ventre, deixa todas as comodidades e todas as vantagens, ela vai ao encontro de um mundo desconhecido — é o êxtase. Quando um pássaro rompe a casca do ovo e voa para o céu, é o êxtase.

O ego é o ovo, e você tem que sair dele. Viva em êxtase! Deixe de lado todas as proteções, conchas e seguranças. Então, alcançará um mundo mais amplo, mais vasto, mais infinito. Só então viverá, e viverá com abundância.

Mas o medo o deixa paralisado. A criança, antes de sair do ventre, provavelmente também hesita em sair ou não do útero. Ser ou não ser? Ela dá um passo para frente e outro para trás. Talvez seja por isso que a mãe padeça de tanta dor. A criança hesita, ela não está preparada para viver em êxtase. O passado a puxa para trás e o futuro a empurra para a frente, e a criança fica dividida.

Esse é o muro da indecisão: aferrar-se ao passado, aferrar-se ao ego. E você o carrega por todas as partes. Às vezes, em raros momentos, quando está muito vivo e alerta, você será capaz de perceber esse muro. Mas a maior parte do tempo, embora seja um muro bem transparente, você não será capaz de vê-lo. Pode-se viver a vida toda — e não apenas uma, mas muitas vidas — sem se dar conta que está vivendo numa cela isolada, sem janelas, sem saídas, o que Leibnitz costumava chamar de «mônada». Sem portas nem janelas, só fechado ali dentro — embora se trate de um muro de cristal, transparente.

Esse ego deve ser renunciado. É preciso se armar de coragem e deixá-lo espatifar no chão. As pessoas continuam alimentando-o de

\*Aquela experiência foi excepcional. (N.T)

mil formas diferentes, sem saber que estão alimentando um inferno particular.

A senhora Cochrane estava em pé ao lado do caixão de seu recém falecido marido. O filho deles, ao lado dela. Parentes e amigos passavam, um a um, examinando o morto.

— Agora já não sofre — disse o senhor Croy.

— Do que ele morreu?

—Pobre homem — disse a senhora Cochrane — morreu de gonorréia!

Outra mulher se aproximou do corpo.

— Já está livre da doença agora — disse — há um sorriso sereno estampado no rosto dele. Do que morreu?

— morreu de gonorréia! — repetiu a viúva.

De repente, o filho puxou à mãe de lado e disse:

— Mamãe, não diga algo tão terrível de papai. Ele não morreu de gonorréia. Morreu de diarréia!

— Sei disso! — disse a senhora Cochrane — Mas prefiro que pensem que ele morreu como um herói e não como a porcaria que foi.

Até o final, as pessoas continuam a fazer joguinhos.

O ego não permite que elas sejam verdadeiras, ele as obriga a serem falsos. O ego é mentiroso, mas é a pessoa que tem que chegar a essa conclusão. É preciso ter muita coragem porque, com ele, será destruído tudo o que você tem defendido até agora. Todo o seu passado será aniquilado. Você será completamente aniquilado. Haverá alguém ali, mas essa pessoa não será você. Surgirá dentro de você uma identidade diferente, renovada, não corrompida pelo passado. Já não haverá muros; independente do lugar que esteja, poderá vislumbrar o infinito sem fronteiras.

O ancião entrou em seu bar favorito, e viu que a garçonete habitual havia sido substituída por uma nova. A princípio ficou

surpreso, mas depois disse galantemente à moça que há muito tempo ele não via uma garota tão bonita quanto ela.

A nova garçonete, um tipo meio arrogante, olhou-o com desdém e disse com aspereza:

— Sinto não poder dizer o mesmo.

— Bem, querida — disse o ancião placidamente — Você poderia ter feito o mesmo que eu. Poderia ter mentido.

Todas as nossas formalidades servem apenas para ajudar ao ego dos outros. São mentiras. Você diz algo a alguém e a pessoa retribui o cumprimento. Nem você nem a outra pessoa estão sendo sinceros. Seguimos com os joguinhos: etiqueta, formalidades, caras e máscaras civilizadas.

Então você terá que enfrentar o muro. E, pouco a pouco, ele vai ficando tão espesso que você não será capaz de ver nada. O muro vai ficando cada vez mais espesso — portanto, não espere. Se você começou a sentir que ergueu um muro em torno de si, derrube-o! Salte fora! Para sair basta que decida transpô-lo, nada mais. A partir de manhã, deixe de alimentá-lo. E sempre que perceber que o está alimentando, pare. Em poucos dias notará que ele morreu, pois necessita de seu apoio constante, precisa que você o amamente.

## **A CORAGEM MÁXIMA: SEM COMEÇO NEM FIM**

Existem muitos medos, mas eles são basicamente vertentes do mesmo medo, são galhos da mesma árvore. O nome desta árvore é morte. Possivelmente você não se dê conta de que esse medo diz respeito à morte, mas todos os medos dizem respeito à morte.

O medo só é uma sombra. Ele pode não ser aparente se você tem medo de ficar arruinado, mas, na verdade, você tem medo é de

ficar sem dinheiro e mais vulnerável à morte. As pessoas economizam dinheiro para se protegerem, embora saibam perfeitamente que não há nenhuma forma de se proteger da morte. Ainda assim, algo tem que ser feito. Pelo menos o dinheiro mantém você ocupado, e ficar ocupado é uma espécie de inconsciência, uma espécie de droga.

Portanto, do mesmo modo que existem os viciados em álcool, existem viciados em trabalho. Eles sempre se mantêm ocupados com algum trabalho, não conseguem parar de trabalhar. Têm medo das férias; não conseguem ficar sem fazer nada. São capazes de ler o mesmo jornal que já leram três vezes pela manhã. Querem ficar ocupados, porque isso faz com que corra uma cortina entre eles e a morte. Mas, se reduzido à sua essência, o único medo que existe é o medo da morte.

É importante perceber que todos os outros medos só são vertentes, pois, se você conhecer as raízes desse medo, poderá fazer algo a respeito. Se o medo básico e fundamental é a morte, então, só existe uma coisa a fazer para perder o medo: ter uma experiência de consciência imortal. Nada mais — nem dinheiro, nem prestígio, nem poder — nada pode lhe assegurar contra a morte, a não ser uma meditação profunda... que lhe revela que seu corpo morrerá, sua mente morrerá, mas que você está além da estrutura do corpo e mente. Seu núcleo essencial, sua fonte de vida essencial surgiu antes de você e perdurará depois que você se for. A forma dessa fonte já mudou muitas vezes; já evoluiu, mudando de uma forma para outra. Mas nunca desapareceu, esteve aí desde o começo. E nunca desaparecerá, chegando até o final — se é que existe um final... Porque eu não acredito em princípios nem finais.

A existência não tem princípio nem fim. Ela sempre esteve aqui e você sempre esteve aqui. As formas podem ser diferentes; as formas têm sido diferentes inclusive nesta vida.

No dia em que você entrou no ventre de sua mãe, você não era maior do que a cabeça de um alfinete. Se lhe mostrarem uma

fotografia sua, você não se reconheceria. E, na verdade, mesmo antes disso...

Duas pessoas conversavam a respeito da lembrança mais remota que podiam lembrar, do fato mais antigo que podiam recordar. Uma delas conseguia recordar sua infância, na época em que tinha aproximadamente três anos. O outro disse:

— Isso não é nada. Eu me lembro do dia que a minha mãe e meu pai foram a um piquenique. Quando foram a esse piquenique, eu estava dentro do meu pai. Quando voltaram do piquenique, eu estava dentro de minha mãe!

Você reconheceria a si mesmo quando estava dentro do seu pai? Podem lhe mostrar uma foto; podem ampliá-la para que você se veja com seus próprios olhos, mas você não se reconhecerá. No entanto, trata-se da mesma forma de vida, da mesma fonte de vida que está pulsando dentro de você agora.

Você muda a cada dia. Quando tinha acabado de nascer, quando tinha apenas um dia de vida; isso também você não será capaz de lembrar. Você dirá, «meu deus, esse sou eu?» Tudo muda; você ficará mais velho e a juventude ficará para trás. A infância se perdeu para sempre, e a morte chegará. Mas tudo isso acontecerá à forma, não à essência. Só o que vem mudando ao longo de toda a sua vida é a forma.

Sua forma está mudando a cada momento. A morte não é nada mais do que uma mudança, uma mudança vital, uma mudança um pouco maior, uma mudança mais rápida. Da infância à juventude... você não é capaz de lembrar quando deixou a infância e quando chegou a juventude. Da juventude à maturidade... as coisas são tão graduais que você nunca poderá dizer quando, que dia, que ano, a data em que deixou de ser jovem. A mudança é muito gradativa e lenta.

A morte é um salto quântico de um corpo a outro, de uma forma a outra. Mas não é um final.

Você nunca nasce e nunca morre.

Sempre esteve aqui. As formas vêm e vão e o rio da vida continua. A menos que você passe por essa experiência, não perderá o medo da morte. Só a meditação... só a meditação pode ajudar. Eu posso dizer isso, todas as escrituras podem dizer isso, mas não vai adiantar nada; ainda restará uma dúvida. Sabe-se lá se as pessoas não estão mentindo, se não estão enganando a si mesmas. Ou se não têm sido enganadas pelos livros, por outros mestres. E, se restar uma dúvida, o medo permanecerá.

A meditação coloca você cara a cara com a realidade.

Quando você descobrir por si mesmo o que é a vida, nunca se importará com a morte.

Você pode ir além... você tem o poder e o direito de ir além. Mas terá que fazer um pequeno esforço de passar da mente para a não-mente.

VOCÊ ACHA QUE O MOMENTO EM QUE A CRIANÇA NASCE É O COMEÇO DA VIDA DELA. Isso não é verdade. Você acha que o momento em que morre um ancião, é o fim da vida dele. Não é. A vida é muito maior que o nascimento e a morte. O nascimento e a morte não são dois extremos da vida; muitas mortes e muitos nascimentos acontecem ao longo da vida. A vida em si não tem princípio nem fim; a vida e a eternidade são a mesma coisa. Mas não é fácil para você compreender como a vida pode se converter em morte; é difícil de conceber essa idéia.

Existem poucas coisas inconcebíveis neste mundo, e esta é uma delas: não se pode conceber que a vida se transforme em morte. Em que momento a vida deixa de ser vida e se transforma em morte? Onde está o limite que separa uma coisa da outra? Tampouco podemos definir o limite fronteiro do nascimento, o momento em que a vida começa: é quando a criança nasce ou quando é concebida? Mas, mesmo antes da concepção, o óvulo da mãe já estava vivo, e o espermatozóide do pai já estava vivo... não estavam mortos, porque a união de duas coisas mortas não pode

resultar em vida. Em que ponto nasce a criança? A ciência ainda não conseguiu se decidir. Não há como chegar a essa decisão, pois os óvulos que a mãe leva no útero, ela carrega desde que nasceu...

Uma coisa tem que ser aceita: metade de seu ser está vivo em sua mãe, mesmo antes de você ser concebido. E a outra metade é contribuição do seu pai — a qual também foi uma contribuição viva. Quando os espermatozóides saem do corpo de seu pai estão vivos — mas não têm uma vida longa, só duram duas horas. Têm duas horas para unir-se com o óvulo materno. Se não se unirem, começarão a perambular daqui e dali...

Não resta dúvida de que cada espermatozóide tem uma personalidade característica. Alguns são preguiçosos, enquanto os outros correm direto para o óvulo, eles parecem que estão apenas dando um passeio. Desta forma eles nunca chegarão, mas o que podem fazer? Essas características estão presentes desde o nascimento; eles não conseguem correr, prefeririam morrer, e sequer se dão conta do que vai acontecer.

Mas há outros que são campeões olímpicos, imediatamente disparam a correr. E há uma grande competição, pois não é uma questão de algumas centenas de células correndo em direção ao único óvulo materno... O útero materno tem uma reserva limitada de óvulos, e só libera um óvulo por mês. Por isso a mulher tem um período fértil mensal; todo mês um óvulo é liberado. Assim, só um espermatozóide de toda essa multidão, formada por milhões de células vivas... trata-se realmente de um grande problema filosófico!

Não é nada, só biologia; o problema é que, de tantos milhões de pessoas, só uma nasce. E quem são aqueles outros milhões que não conseguiram chegar ao óvulo materno? Na Índia, este é o argumento que utilizaram os eruditos, os pânditas, os *shankaracharyas* hindus, contra o controle da natalidade.

A Índia é inteligente na hora argumentar. O papa continua se posicionando contra o controle da natalidade, mas não deu um único argumento. Seus correspondentes indianos pelo menos

engendraram alguns argumentos aparentemente muito válidos. Um deles é: quando parar de ter filhos? Depois de ter dois, três filhos? Eles dizem que Rabindranath Tagore foi o décimo terceiro filho de seus pais; se tivessem praticado o controle de natalidade, Rabindranath não existiria.

Este argumento parece válido porque o controle de natalidade significa ter só dois filhos, quando muito, três: não corra nenhum risco, já que um deles pode morrer ou pode acontecer qualquer coisa. Você pode ter dois filhos para substituir você e a sua mulher, e assim a população não aumenta; mas Rabindranath era o décimo terceiro filho de seus pais. Se eles tivessem parado no décimo segundo, Rabindranath também teria perdido o trem. Mas quantos Rabindranaths não estarão perdendo o trem?

Eu estava falando com um dos *shankaracharyas*, *eu disse*:

— Está certo; como argumento eu posso aceitar que isso seja verdade: teríamos perdido um Rabindranath Tagore. Mas eu estou disposto a perdê-lo. Se todo o país a população viver em paz, a população ter comida suficiente, roupa suficiente, todas as necessidades básicas satisfeitas, eu acredito que vale a pena. Estou disposto a perder a um Rabindranath Tagore, não é muito. Você tem que levar em conta o equilíbrio: milhões de pessoas morrendo de fome só para que exista um Rabindranath Tagore? Então você quer dizer que todo casal têm que ter treze filhos? Mas e o décimo quarto? E o décimo quinto?

E esqueça esses números pequenos; em cada relação sexual o homem libera milhões de espermatozóides — e nem toda vez que um homem faz o amor uma criança é concebida. Milhões de pessoas, em cada relação sexual, simplesmente desaparecem. Nunca saberemos quantos ganhadores do prêmio Nobel havia ali, quantos presidentes, quantos primeiros ministros... todo tipo de pessoas.

Eu faço o seguinte cálculo: se um homem tiver relações sexuais normais, dos quatorze até os quarenta e dois anos de idade, liberará um quantidade de espermatozóides equivalente à população da

Terra. Um único homem poderia povoar toda a Terra — super povoá-la! — e ela já está super povoada. E todas essas pessoas serão indivíduos únicos, sem ter nada em comum exceto sua humanidade.

Não, a vida também não começa nesse ponto; a vida começa muito antes. Mas, para você isso é só uma hipótese — para mim é uma experiência. A vida começa no momento que se morre em sua vida passada. Quando você morre, por um lado, fecha um capítulo de sua vida — que as pessoas pensam ser a sua vida inteira. Trata-se apenas de um capítulo de um livro de infinitos capítulos. Um capítulo termina, mas o livro não é fechado. Basta virar a página e o capítulo seguinte começa.

A pessoa que está morrendo começa a visualizar a sua próxima vida. Esse é um fato conhecido, porque acontece antes de o capítulo acabar. De vez em quando, a pessoa chega ao momento derradeiro antes da morte e depois retrocede. Por exemplo, uma pessoa está se afogando e de repente é salva. Ela está quase em coma; tiveram que lhe aplicar respiração artificial para tirar a água que ela engoliu, e ela conseguiu se salvar. Ela esteve a ponto de fechar o capítulo. Essas pessoas deram informação de fatos muito interessantes.

Um destes fatos é que, no último momento, quando elas sentem que estão morrendo, que está tudo terminado, toda a vida delas passa rapidamente diante de seus olhos, num flash — do nascimento até aquele instante. Em um décimo de segundo elas vêem tudo o que lhes aconteceu em sua vida, tudo o que se lembravam e também aquilo de que não guardavam nenhuma lembrança; muitas coisas de que sequer tinham se dado conta e que não sabiam que ainda estavam guardadas em sua memória. Todas essas lembranças, como um filme, passam depressa, é um flash — e tem que acontecer tudo em um segundo porque a pessoa está morrendo, não há tempo, ele não tem três horas para assistir o filme inteiro.

E mesmo que visse o filme inteiro, você não poderia contar a história da vida de uma pessoa com todos os pequenos e insignificantes detalhes. Mas toda a sua vida passa diante dela — este é um fenômeno importante, que nunca falha. Antes de acabar o capítulo, ele recorda todas suas experiências, desejos não-realizados, expectativas, decepções, frustrações, sofrimentos, alegrias... tudo.

Buda tem uma palavra para isso, ele o chama *tanha*. Literalmente, significa desejo, embora metaforicamente signifique toda uma vida de desejo. Todas essas coisas acontecem — frustrações, realizações, decepções, êxitos, fracassos — mas tudo isso acontece dentro de um determinado campo chamado desejo.

A pessoa moribunda tem que rever todo esse desejo antes de poder seguir adiante, simplesmente para se recordar dele, porque o corpo está morrendo: essa mente não vai mais estar com ele, este cérebro não vai mais estar com ele. Mas o desejo que desprendeu da mente se apegará à alma dele, e esse desejo é que determinará sua vida futura. Onde quer que ele não tenha sido satisfeito, é para lá que essa pessoa se dirigirá.

A sua vida começa muito antes do seu nascimento, antes da gravidez da sua mãe, muito antes disso, ela começa no final de sua vida passada. É nesse momento que se inicia sua vida atual. Fecha-se um capítulo e abre outro. Agora, essa nova vida será determinada, em sua maior parte, pelo último instante antes de sua morte. O que você reuniu, o que você trouxe consigo em forma de semente... essa semente se converterá em uma árvore, dará frutos, dará flores, ou seja lá o que lhe aconteça. Você não poderá ler tudo isso só olhando dentro da semente, mas essa semente traz em si o projeto todo.

Existe uma possibilidade de que algum dia a ciência seja capaz de ler todo o programa da semente — que tipo de galho essa árvore vai ter, quanto tempo ela vai viver, o que vai acontecer a essa árvore. Porque o projeto já está ali pronto, mas não conhecemos a

linguagem. Tudo o que um dia vai acontecer já está potencialmente presente.

Portanto, o que você faz no momento da morte determina como será seu nascimento. A maioria das pessoas morre apegada a algo. Elas não querem morrer, e é compreensível que elas não queiram morrer. Só quando chega o momento da morte elas se dão conta de que não chegaram a viver. A vida simplesmente aconteceu como um sonho, e a morte chegou. Agora já não há mais tempo para viver — a morte está batendo na porta. Quando havia tempo para viver, você estava fazendo milhares de coisas idiotas, perdendo tempo em vez de viver a vida.

Quando eu pergunto para as pessoas que estão jogando cartas ou xadrez:

— O que estão fazendo?

— Matando o tempo. Elas dizem.

Desde a infância eu sou contra a expressão «matando o tempo». Meu avô era um grande jogador de xadrez, e eu lhe perguntava:

— Está ficando velho e ainda fica aí, matando o tempo. Não se dá conta de que o tempo é que está matando você? E você continua dizendo que está matando o tempo. Você não sabe o que é o tempo, não sabe onde ele está. Agarre-o e me mostre.

Todas essas expressões do tipo «o tempo é fugaz», «o tempo é passageiro», são só uma espécie de consolo. Na realidade, é você quem está passando — descendo pelo ralo a todo momento. E você continua pensando que é o tempo que está passando, como se você fosse ficar e o tempo é que fosse passar! O tempo vai ficar onde está; ele não passa. O relógio é um invento do homem para medir o tempo que passa, que não está passando coisa nenhuma.

Na Índia, em Punjab... se você estiver viajando por Punjab, nunca pergunte a ninguém que horas são, pois se casualmente acontecer de ser meio-dia você levará uma surra daquelas e será um milagre se escapar com vida. Tudo isso por uma razão muito

filosófica — mas quando a filosofia cai nas mãos dos tolos, é isso o que acontece.

Nanak, o fundador do siquismo, disse que o momento do samadhi, da iluminação, é como quando os dois ponteiros do relógio marcam ao meio-dia, quando eles deixam de ser dois. Ele só estava dando um exemplo — dizendo que, no momento do samadhi, a dualidade de seu ser se dissolve e alcança a unidade. O mesmo acontece com a morte. Ele explicou mais tarde que o mesmo acontece com a morte: mais uma vez os dois ponteiros que se movimentam separadamente se encontram e param, tornando-se um só: você e a existência viram uma só coisa.

Por isso, em Punjab, o meio-dia passou a ser um símbolo da morte. Então, se você perguntar a qualquer *sardarji* Que horas são? e acontecer de ser meio-dia, ele simplesmente começará a bater em você, pois isso significa que você o está provocando e jogando-lhe uma maldição. Em Punjab, se passar uma pessoa com aparência de desânimo, sofrimento, aflição, os sardars dizem: «Está com cara de meio-dia». Já vi sardars se apressando em adiantar o relógio rapidamente: quando chega o meio-dia, eles o adiantam em cinco minutos. Não deixam que fique no meio-dia; não suportam saber que o próprio relógio está pregando uma peça neles. O meio-dia só lhes faz lembrar de sofrimento, tristeza, morte, eles se esqueceram completamente do samadhi, que é o que Nanak estava tentando explicar.

Quando uma pessoa morre — quando é meio-dia para ela — ela se apega à vida. A vida toda, ela achou que o tempo estava passando e agora sente que é ela quem está partindo, que é ela quem está passando. Apegar-se não adiantará de nada. O sofrimento é tanto e fica tão insuportável que a maioria das pessoas entra numa espécie de inconsciência, num coma, antes de morrer. Assim elas perdem a chance de fazer a retrospectiva da própria vida.

Se a morte ocorre sem que haja apegos, se você não tiver nenhum desejo de continuar vivo, nem por um instante que seja, você morrerá conscientemente, pois a natureza não precisa fazer com que fique inconsciente ou obrigá-lo a entrar em coma. Você morrerá alerta e conseguirá recordar todo o seu passado. Será capaz de ver que tudo o que fez foi uma estupidez.

Os desejos foram satisfeitos, mas o que você ganhou com isso? Os desejos não foram satisfeitos e você sofreu, mas o que você ganha quando eles são satisfeitos? Trata-se de um estranho jogo em que você sempre sai perdendo; se vencer ou perder, não faz diferença.

Seus prazeres não significam nada, foram palavras escritas na água, e a sua dor ficou gravada na pedra. E você sofreu tudo isso por causa de palavras escritas na água. Você sofreu toda a sua vida por causa de pequenos prazeres que não são mais do que brinquedos, no estágio em que você está, da altura em que vê agora, de onde pode ver todo o vale que foi a sua vida. Os êxitos também foram fracassos. Os fracassos, é obvio, foram fracassos, mas os prazeres nada mais foram do que estímulos para sofrer.

Sua euforia foi só a função da sua faculdade de sonhar. Você está saindo com as mãos vazias. Toda a sua vida foi um círculo vicioso: você andou o tempo todo em círculos. E não chegou a nenhuma parte porque, movendo-se em círculos, como poderia chegar a algum lugar? O centro permaneceu sempre à mesma distância, onde quer que você estivesse.

Veio o sucesso, veio o fracasso, vieram os prazeres, veio também a dor; houve momentos de sofrimento e momentos de alegria. Tudo isso acontecia enquanto você andava em círculos, mas o centro do seu ser ficava sempre à mesma distância de onde você estava. Era difícil enxergar enquanto você andava em círculo — estava muito envolvido com a coisa toda, era parte integrante dela. Mas agora, de repente, tudo foi tirado de suas mãos — você está vazio.

Kahlil Gibran, em sua obra prima *O profeta*, escreveu uma sentença... Al-Mustafa, o profeta, veio correndo ao encontro do povo que trabalhava nas fazendas e disse: Meu navio chegou, chegou o momento de partir. Vim aqui só para ver tudo o que aconteceu e o que não aconteceu. Antes de embarcar, tenho um grande desejo de ver como foi a minha vida aqui.

A sentença que eu gostaria de lembrar a vocês é... ele disse: «Sou como um rio que vai desaguar mar. O rio se detém por um instante para rever todo o terreno por onde passou — as matas, as montanhas, as pessoas. Foi uma vida preciosa de milhares de quilômetros, e agora, num só instante, tudo vai se dissolver. Assim como o rio que está prestes a desaguar no mar, olha para trás, eu também quero olhar para trás também».

Mas esse olhar para trás só é possível quando você não está apegado ao passado; do contrário, terá tanto medo de perdê-lo que não terá tempo de observar, de ver. Só dura um décimo de segundo. Se um ser humano morre totalmente alerta, vendo todo o terreno por onde passou e vendo toda a estupidez desse terreno, automaticamente nascerá com argúcia, com inteligência, com coragem — naturalmente. Não é que ele faça algo.

As pessoas me perguntam, «Mesmo quando criança, você foi tão arguto, corajoso, inteligente; eu não tenho essa coragem nem mesmo agora... » O motivo é que eu morri em minha vida passada de uma forma diferente daquela que você morreu. Essa é a diferença, pois você nasce do mesmo modo que você morre. Sua morte é um lado da moeda, seu nascimento é o outro lado dessa mesma moeda.

Se de um lado, havia confusão, sofrimento, aflição, apego, desejo; então no outro lado da moeda, você não poderá expressar agudeza de espírito, inteligência, coragem, lucidez, consciência. Isso não estará garantido absolutamente; não adianta esperar por isso.

É por isso que é ao mesmo tempo tão simples e tão difícil de explicar isso a você, pois eu não fiz nada na vida para ser corajoso

ou para ser arguto e inteligente desde muito jovem. E eu nunca pensei nisso como coragem ou argúcia ou inteligência

Foi só mais tarde que, lentamente, eu me dei conta de como as pessoas eram estúpidas. Foi uma reflexão posterior; antes disso eu não tinha consciência de que era corajoso. Eu acreditava que todo mundo devia ser assim. Só mais tarde ficou claro para mim que nem todos eram assim.

À medida que crescia, comecei a recordar da minha vida passada e da minha morte, e me recordei de como tinha sido fácil morrer — não apenas fácil como também estimulante. Eu estava mais interessado em explorar o desconhecido à minha frente do que nas coisas conhecidas que eu já tinha visto. Nunca olhei para trás. E eu sempre fui assim a minha vida toda — nunca olhava para trás. Não havia por quê. Você não pode voltar, então, para que perder tempo? Eu sempre olhava para a frente. Mesmo no momento da morte eu estava olhando para a frente — e foi isso que me fez entender por que me faltavam os freios que impediam as outras pessoas de fazer as coisas.

Esses freios são fruto do medo do desconhecido. Você se apega ao passado com medo de enfrentar o desconhecido. Você está apegado ao conhecido, ao familiar. Pode ser doloroso, pode ser horrível, mas pelo menos você já conhece. Você já travou uma certa amizade com o conhecido.

Você pode se surpreender, mas já vi milhares de pessoas assim; elas se apegam ao sofrimento por uma razão muito simples: travaram uma espécie de amizade com o sofrimento. Viveram tanto tempo com ele que, se o deixarem agora, seria como um divórcio.

O mesmo acontece com o casamento e com o divórcio. O homem pensa no divórcio umas doze vezes ao dia; a mulher também pensa — mas, por algum motivo, ambos continuam tocando o casamento em frente, vivendo juntos pelo simples fato de que os dois têm medo do desconhecido. Este homem não presta, tudo bem, mas vai saber como será outro homem? — ele pode ser

pior. E, pelo menos, já se acostumou à maldade dele, à sua falta de carinho e consegue agüentá-lo. Você o tolera, ele já não a afeta mais, já se tornou insensível. Com outro homem nunca se sabe, terá que começar do zero outra vez. Por isso as pessoas continuam apegadas ao que já conhecem.

Note nas pessoas que estão morrendo. Seu sofrimento não é por cauda da morte. A morte não causa dor, é absolutamente indolor. Na verdade, é até agradável; é como um sono profundo. Você acha que o sono é algo doloroso? Mas essas pessoas não estão preocupadas com a morte, com o sono profundo ou o prazer; elas estão preocupadas com o conhecido que está lhes escapando das mãos. O medo só significa uma coisa: perder o contato com o conhecido e enfrentar o desconhecido.

A coragem é justamente o contrário do medo.

Esteja sempre preparado para renunciar o conhecido — Esteja mais que disposto a abandoná-lo — sequer espere que ele amadureça. Simplesmente salte para algo que seja novo... o sabor da novidade e seu frescor é muito tentador. Então, trata-se de coragem.

O medo da morte é o maior medo que existe e é certamente o que mais afeta a sua coragem.

Só posso sugerir uma coisa. Agora você não pode mais voltar para o momento em que morreu na sua vida passada, mas pode começar a fazer o seguinte: estar sempre preparado para passar do conhecido ao desconhecido, em tudo, em qualquer experiência.

É melhor, mesmo quando o desconhecido acaba sendo pior do que o conhecido — mas não é isso que interessa. O que importa é a sua mudança do conhecido para o desconhecido, sua disposição para mudar do conhecido para o desconhecido. Ela é imensamente valiosa. E não deixe de fazer o mesmo em todos os tipos de experiência. Assim estará preparado para a morte, porque quando ela chega, você não pode decidir de repente, «Escolho a morte e me despeço da vida». Essas decisões não se tomam de uma hora para outra.

Tem que ir passo a passo, conquistando terreno, se preparando, vivendo um dia de cada vez. E à medida que vai se familiarizando com a beleza do desconhecido, você começa a desenvolver interiormente uma nova qualidade. Ela já está dentro de você, mas nunca foi usada. Recorde-se, o novo é sempre melhor do que o velho.

Dizem que tudo que é velho não é ouro. Eu digo que, mesmo que tudo que fosse velho fosse ouro, ainda assim seria melhor deixar o velho de lado. Escolha o novo — tanto se for ou não de ouro, isso não importa. O que importa é a sua escolha: a escolha de aprender, a escolha de passar pela experiência, a escolha de enfrentar a escuridão. Pouco a pouco, sua coragem começará a emergir. E a argúcia não está separada da coragem, é quase uma unidade orgânica.

Onde há medo há covardia e uma tendência para o retardamento mental, a mediocridade. Eles estão todos juntos, apóiam-se o um no outro. Com a coragem vem a argúcia, a inteligência, a receptividade, uma mente sem preconceitos, a capacidade de aprender... elas vêm todas juntas.

Comece com um exercício simples: nunca se esqueça, sempre que houver uma oportunidade de escolha, escolha pelo desconhecido, pelo risco, pelo perigoso, pelo inseguro, e você nunca sairá perdendo.

E só assim... a morte poderá ser uma experiência extremamente reveladora, e poderá lhe dar um vislumbre de como será seu nascimento na próxima vida — não só um vislumbre, mas também um certo poder de escolha. Com consciência, você poderá escolher uma mãe que quiser, o pai que quiser. Normalmente, tudo isto se faz inconscientemente, é acidental, mas quando um ser humano morre com consciência, ele também nasce com consciência.

Vocês podem perguntar à minha mãe — porque, por acaso, ela está aqui... Depois do meu nascimento, por três dias eu não mamei, e ficaram todos preocupados. Os médicos ficaram preocupados,

porque como uma criança pode sobreviver se ela se recusa a alimentar? Mas não tinham nem idéia do meu problema, do problema que estavam criando para mim. Eles Tentaram me forçar de todas as formas possíveis. E não havia como eu explicar a eles ou descobrirem por si mesmos o que estava acontecendo.

Em minha vida passada, antes de morrer, eu estava em jejum. Eu queria completar um jejum de vinte e um dias, mas fui assassinado antes de concluir o meu jejum, três dias antes. Esses três dias ficaram na minha consciência mesmo depois deste nascimento. Eu tinha que completar meu jejum. Sou muito teimoso! Normalmente, as pessoas não passam de uma vida para outra carregando coisas, quando um capítulo acaba, acabou-se.

Mas durante três dias, eles não conseguiram colocar nada na minha boca; eu simplesmente rejeitava. Depois desses três dias, no entanto, eu estava perfeitamente bem e eles estavam todos intrigados: «por que ele se recusou a comer durante três dias? Não estava doente, não havia problema nenhum — e depois de três dias ficou completamente normal». Isso permaneceu sendo um mistério para eles. Mas eu não gosto de falar destas coisas, porque para você, elas serão apenas hipotéticas, e não tenho como prová-las cientificamente. Não quero instigar em você nenhuma crença, portanto, vamos esquecer tudo o que possa dar origem a qualquer sistema de crença em sua mente.

Você me ama, você confia em mim, portanto, não importa o que eu diga, você pode confiar em mim. Mas eu insisto mais uma vez, tudo o que não estiver baseado na sua própria experiência, você deve aceitar só hipoteticamente. Não torne isso uma crença. Se às vezes eu dou um exemplo, é por absoluta necessidade — porque as pessoas perguntam: «Como você conseguia ser tão corajoso e arguto na infância?»

Eu não fiz coisa nenhuma. Simplesmente continuei a fazer o que estava fazendo em minha vida passada.

A coragem nascerá com você.

Comece simplesmente com uma fórmula básica: *Nunca deixe de enfrentar o desconhecido.*

Sempre escolha o desconhecido e siga em frente. Mesmo que você sofra, valerá a pena — sempre vale. Você sempre sairá dessa experiência mais maduro, mais crescido, mais inteligente.

# Em Busca do Destemor



## TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO E RESPOSTAS A PERGUNTAS

*Todo mundo tem medo — tem de ter. Do jeito que a vida é, é preciso ter medo. E as pessoas que deixam de ter medo, passam a ser destemidas não porque demonstram bravura — por que a pessoa que demonstra bravura só reprimiu o medo que sente; ele não é destemido de fato. Uma pessoa fica destemida aceitando seus medos. Não é uma questão de bravura. Basta simplesmente olhar para os fatos da vida e perceber que esses medos são naturais. Basta aceitá-los!*

## Medo e culpa são a mesma coisa?

**M**edo e culpa não são a mesma coisa. O medo aceito se converte em liberdade; o medo negado, rejeitado, condenado, se converte em culpa. Se você aceita o medo como parte da situação...

Ele é parte da situação. O ser humano é uma parte, uma parte muito pequena, uma parte minúscula; e a totalidade é ampla, o homem é uma gota, uma gotinha, e a totalidade é o oceano inteiro. Surge um temor: «Eu posso me perder no todo; posso perder minha identidade». Esse é o medo da morte. Qualquer medo é medo da morte. E o medo da morte é o medo da aniquilação.

É natural que o homem tenha medo, que fique apreensivo. Se você aceitar o medo, se disser que ele faz parte da vida, se aceitá-lo totalmente, a apreensão desaparece imediatamente e o medo — a mesma energia que se transformou em medo — é dissipado e se converte em liberdade. E então você descobre que, mesmo quando a gota desaparece no oceano, ela ainda está ali. Na verdade, ela se converte no oceano inteiro. Então a morte passa a ser o nirvana, e você já não tem medo de se perder. Agora você pode entender quando Jesus dizia: «Se salvar a sua vida, você a perderá e se a perder se salvará».

A única forma de transcender a morte é aceitá-la. Então ela desaparece. A única forma de não ser destemido é aceitar o medo. Então, a energia é liberada e se converte em liberdade. Mas se você condena o medo, se o reprime, se esconde o fato de que tem medo — se você veste uma armadura e se protege, ficando na defensiva — então surge a culpa.

Tudo o que é reprimido gera culpa; tudo o que não é permitido provoca culpa; tudo o que vai contra a natureza provoca culpa. Então você se sente culpado por estar mentido para os outros e para si mesmo. Essa falta de autenticidade é a culpa.

Você pergunta: «O medo e a culpa são a mesma coisa?» Não. O medo pode ser culpa, mas pode não ser. Depende do que você faz com o medo. Se fizer alguma coisa errada com ele, ele se converte em culpa. Se simplesmente o aceitar e não fizer nada com ele — não há nada a fazer a esse respeito! — então ele se converte em liberdade, se converte em destemor.

Não diga a si mesmo que você é feio, vil, um pecador. Não se condene. Seja o que for, você é assim. Não aja como culpado, não se sinta culpado. Mesmo que haja algo errado, você não está errado. Pode ser que tenha agido de modo errado, mas isso não significa que o seu ser esteja errado. Pode haver alguma atitude errada, mas o ser sempre está certo.

**Já notei que estou sempre tentando convencer os outros de que sou importante e poderoso. Já meditei sobre o motivo disso e acho que é medo.**

O ego sempre vem do medo. Uma pessoa realmente destemida não tem ego. O ego é um amparo, uma armadura. Como você tem medo, cria ao seu redor uma impressão de que é assim e assado, isto e aquilo, não é verdade? Assim ninguém ousa ferir você; mas basicamente, é medo. Muito bem! Você olha dentro dele direta e profundamente. E assim que vê a causa básica, as coisas começam a ficar muito simples. Se não for assim, as pessoas continuam a brigar com o ego — mas o ego não é o problema real. Você está lutando contra um sintoma, não contra a verdadeira doença. A verdadeira enfermidade é o medo. Você pode continuar lutando com o ego, mas dará com os burros n'água, porque o ego não é o verdadeiro inimigo, é um farsante. Mesmo que você ganhe, não ganhará nada. E você não pode ganhar — porque só um inimigo de verdade pode ser derrotado, e não um inimigo de mentira que nem sequer existe. É só uma fachada. É como se você

tivesse uma ferida horrível e a adornasse com algo para lhe dar uma aparência melhor.

Uma vez aconteceu de eu estar hospedado na casa de uma estrela de cinema que convidou muitas pessoas para ir me ver. Também estava lá uma atriz de cinema que estava usando um bellissimo relógio e um enorme bracelete muito bonito. Alguém que estava sentado ao seu lado começou a lhe perguntar sobre o relógio, e ela ficou um pouco incomodada. Eu estava observando a cena. O homem queria ver o relógio, mas ela não queria tirá-lo. O homem insistiu, e ela teve que tirar o relógio. Então eu pude ver qual era o problema. Ela tinha uma mancha branca de lepra sob o bracelete do relógio. Ela ficou exposta aos olhares de todos, começou a suar e ficou muito nervosa...

O ego é assim. O medo existe, mas ninguém quer mostrá-lo, porque, se você mostrar que está com medo, haverá muitas pessoas que o assustarão ainda mais. Quando elas perceberam que você está profundamente apavorado, então começarão a atacar você. Elas sentirão prazer em humilhar você, ao se ver diante de alguém mais fraco. As pessoas adoram explorar, chutar pessoas fragilizadas...

Então as pessoas que têm medo criam um ego bem grande em torno do medo e continuam a bombear mais ar para dentro do balão do ego, até que ele fique bem grande. Adolf Hitler Idi Amin de Uganda... esse tipo de pessoa torna-se extremamente inflado. Então ela começa a provocar medo nos outros. Qualquer pessoa que tente provocar medo nos outros sabe muito bem que, lá no fundo, ela mesma deve estar com medo, do contrário, por que faria isso? Que sentido teria? Quem se daria ao trabalho de provocar medo nos outros se não estivesse com medo também?

As pessoas medrosas provocam medo nos outros para que possam descansar tranquilas. Elas sabem perfeitamente que assim ninguém poderá tocá-las, ninguém vai ultrapassar seus limites.

Olhe bem, é exatamente essa a questão que estou falando. Não lute com o ego. Em vez disso, observe o medo e tente aceitá-lo. Ele é

natural, faz parte da vida. Não é necessário escondê-lo; não é necessário fingir que você não tem. Ele está aí — todos os seres humanos estão cheios de medo. Ele Faz parte da humanidade. Aceite-o, no momento em que o aceita, o ego desaparece, porque então já não haverá mais motivo para o ego continuar existindo. Lutar com o ego não vai ajudar de nada; Aceitar o medo resolverá a situação no ato. Então você sabe que sim, somos minúsculos neste universo tão grande, como é possível não sentir medo? A vida está cercada por todos os lados pela morte — como é possível não sentir medo? Podemos desaparecer a qualquer momento... uma coisinha sai errado e nós desaparecemos — então, como é possível não sentir medo? Quando você o aceita, pouco a pouco o medo desaparece porque já não tem razão de ser. Aceite-o, você sabe que ele existe — é assim!

Não invente nada para esconder o medo. Quando você não inventa nada contra o medo, ele simplesmente desaparece. Eu não estou dizendo que você não terá mais medo, estou dizendo que não ficará apreensivo. O medo continuará existindo, mas você não estará apreensivo. Você me entendeu? Ficar apreensivo significa que você está contra o medo — não quer que ele esteja ali, embora ele esteja.

Quando você o aceita... Assim como as árvores são verdes, a humanidade está cheia de medo. Então, o que fazer? As árvores não se escondem. Todo mundo um dia vai morrer. O medo é a sombra da morte. Aceite isso!

**Quando estou sozinho, sinto que posso relaxar e deixar algumas coisas de lado e amar as pessoas, mas quando estou na presença delas, a coisa se complica.**

É complicado amar pessoas de verdade, porque uma pessoa de verdade não vai preencher suas expectativas. Ela não está aqui para isso. Não está aqui para preencher as expectativas de ninguém,

ela tem que viver a sua própria vida. E sempre que ela tomar alguma atitude que for contra você ou que não estiver em sintonia com os seus sentimentos, com as suas emoções, com o seu ser, a coisa vai se complicar.

É muito fácil pensar no amor, mas é muito difícil amar. É muito fácil amar o mundo inteiro. A verdadeira dificuldade é amar a um só ser humano. É muito fácil amar a Deus e a humanidade. O verdadeiro problema surge quando você conhece uma pessoa de verdade, e se encontra com ela. Encontrá-la é passar por uma grande mudança, por um grande desafio.

Ela não vai ser seu escravo e nem você vai ser escravo dela. É aí que surge de fato problema. Se você vai ser escravo dela ou se ela vai ser seu escravo, então não há problema. O problema surge porque ninguém está aqui para bancar o escravo — e ninguém pode ser um escravo. Todo mundo é um agente livre... todo ser consiste em liberdade. O homem é liberdade.

Lembre-se, o problema é real, ele não tem nada a ver com a sua personalidade, em particular. O problema tem a ver com o fenômeno do amor. Não faça disso um problema pessoal, do contrário, criará dificuldade para si mesmo. Todo mundo tem que enfrentar o mesmo problema, mais cedo ou mais tarde. Eu nunca encontrei com uma pessoa que nunca teve dificuldade no amor. Isso tem algo a ver com o amor, com o próprio mundo do amor.

O próprio relacionamento provoca situações que emergem o problema, e é bom passar por elas. No Oriente, ao ver as dificuldades de relacionar, as pessoas fugiram. Elas começaram a negar o amor, a rejeitar o amor. Se transformaram em pessoas sem amor. Surgiu o desamor, mas o chamaram desapego. Pouco a pouco, foram ficando amortecidas. O amor quase desapareceu do Oriente e só restou a meditação.

Meditação significa que você se sente bem em sua solidão. Meditação significa que só está estabelecendo uma relação consigo mesmo. Seu círculo está completo com você mesmo; não precisa sair

dele. É óbvio, que noventa e nove por cento dos seus problemas estão resolvidos — mas a um custo muito alto. Agora você passa a ter menos preocupações. O homem oriental é menos ansioso, menos tenso, passa quase o tempo todo em sua caverna interior, protegido, de olhos fechados. Ele não deixa que a energia circule. Ele causa um curto-circuito... basta um pequeno movimento de energia dentro do seu ser para que ele se sinta feliz. Mas a felicidade dele é um pouco morta. Essa felicidade não é uma celebração, não é alegria.

No máximo, você pode dizer que não é infelicidade. No máximo, você pode dizer algo de negativo a respeito dela, como dizer que está saudável porque não tem nenhuma doença. Mas isso não é ter saúde. A saúde tem de ser algo positivo, um fulgor que irradia — e não só a ausência de doença. Nesse sentido, até um cadáver é saudável, pois não há nenhuma doença nele.

No Oriente, temos tentado viver sem amor, renunciar ao mundo — que significa renunciar ao amor — renunciar à mulher, renunciar ao homem, e a todas as possibilidades em que o amor possa florescer. Os monges jainistas, hinduístas, budistas não podem falar com uma mulher quando estão sozinhos; não podem tocar numa mulher, na verdade, não podem sequer olhá-la de frente. Quando uma mulher se aproxima para lhes perguntar alguma coisa, eles têm que baixar o olhar. Têm de olhar a ponta do nariz, de modo que não possam ver a mulher nem mesmo sem querer. Pois, quem sabe? Alguma coisa poderia dar um clique... e fica desamparado nas mãos do amor.

Esses monges não ficam na casa das pessoas, nem permanecem por muito tempo num mesmo lugar porque isso poderia dar margem ao apego, ao amor. Então eles continuam em movimento, em marcha e evitando — evitando todo tipo de relacionamento. Eles conseguiram cultivar uma certa quietude interior. São pessoas que não se alteram, que não se deixam levar pelo mundo, mas não são felizes, não celebram.

No Ocidente, tem acontecido exatamente o contrário. As pessoas tentaram encontrar a felicidade no amor, e com isso criaram muitos problemas. Elas perderam todo o contato consigo mesmas. Afastaram-se tanto de si mesmas que já não sabem como voltar. Não sabem onde está o caminho de volta, onde está a casa delas. Então elas se sentem insignificantes, desamparadas, e não param de ter casos de amor com essa ou aquela mulher, com esse ou aquele homem — heterossexual, homossexual, autosssexual. Continuam tentando de todas as maneiras, mas sentem-se vazias, porque só o amor pode fazer você feliz, mas não há nenhum silêncio nele. E, se existe felicidade sem silêncio; continua faltando alguma coisa.

Se você é feliz, mas lhe falta o silêncio, sua felicidade será como uma febre, uma excitação... muito barulho por nada. Esse estado febril criará muito mais tensão em você e não melhorará nada, é só correria, agitação. E chegará o dia em que se descobrirá que todo esse esforço não tem sentido, pois você só tentou encontrar o outro sem ter encontrado a si mesmo.

Os dois caminhos fracassaram. Oriente falhou porque tentou a meditação sem amor. Ocidente falhou porque tentou o amor sem meditação. Meu trabalho consiste em dar a você uma síntese, o todo — que significa amor mais meditação. Tanto é preciso ser feliz sozinho quanto na companhia dos outros. É preciso ser feliz interiormente e também nos relacionamentos. É preciso construir uma bela casa tanto dentro de si quanto fora também. Ter um lindo jardim em torno dela e também um belo quarto de dormir. O jardim não se opõe ao quarto; o quarto não se opõe ao jardim.

A meditação tem de ser um abrigo interior, um santuário interior. Sempre que você se sentir sobrecarregado pelo mundo, dirija-se para o seu santuário. Você pode se banhar no seu ser interior. Pode rejuvenescer. Pode sair dali ressuscitado; vivo novamente, jovem, revigorado... para viver, para ser. Mas você também tem de ser capaz de amar as pessoas e de enfrentar os

problemas, pois um silêncio impotente, que não consegue enfrentar os problemas, não é um silêncio de verdade, não tem muito valor.

Só o silêncio que consegue enfrentar os problemas e continuar silencioso merece ser almejado, desejado.

São essas duas coisas que eu gostaria de lhe dizer: primeiro, comece a fazer meditação, pois sempre é bom começar do centro mais próximo do seu ser, e é disso que se trata a meditação. Mas nunca se limite a ela. A meditação deve estar em movimento, florescer, se transformar e se converter em amor.

E não fique preocupado, não faça disso um problema — ele não é. É simplesmente humano, é natural. Todo mundo tem medo — tem que ser assim. Da maneira como a vida funciona, é preciso ter medo. E as pessoas que deixam de ter medo, passam a ser destemidas não porque demonstram bravura — porque a pessoa que demonstra bravura só reprimiu o medo que sente; na realidade ele não é destemido. Uma pessoa deixa de ter medo quando aceita seus medos. Não é uma questão de coragem. Basta simplesmente olhar para os fatos da vida e perceber que é natural ter medo. Basta aceitá-los!

O problema aparece porque você quer rejeitá-los. Ensinaaram a você ideais muito egoístas: «Seja corajoso» Que bobagem! Tollice! Como pode uma pessoa inteligente pode evitar o medo? Se for estúpida, não vai ter medo de nada. O motorista do ônibus buzina, buzina e você continua no meio da rua, sem medo nenhum. Ou um touro investe contra você e você fica ali parado, placidamente. Mas você é estúpido! Um homem inteligente sairia do caminho.

Se você passa a ser um viciado e começa a procurar por serpentes no mato, então tem um problema. Se não há ninguém na rua, mas mesmo assim você fica com medo e sai correndo, também tem um problema; do contrário, o medo é natural.

Quando eu digo para você se livrar do medo, não quero dizer que nunca mais sentirá medo na vida. Você só vai perceber que noventa por cento dos seus medos não passam de imaginação. Dez

por cento são reais, você só tem que aceitá-los. Eu não faço ninguém ficar corajoso. Faço com que as pessoas sejam mais compreensivas, sensíveis, alertas, e esse estado alerta é o suficiente. Elas se dão conta de que podem usar seus medos em benefício próprio. Então nada de se preocupar, hem?

### **Por que eu ainda tenho tanto medo de me expor?**

E quem não tem medo? Expor-se é algo que gera um grande medo. É natural, porque expor-se significa expor todo o lixo que você carrega na mente, o lixo que vem se acumulando há séculos, por muitas e muitas vidas. Expor-se significa expor todas as suas fraquezas, limitações, defeitos. Expor-se significa, no final das contas, expor sua vulnerabilidade. Morte... Expor-se significa expor seu vazio.

Atrás de todo esse lixo da sua mente e do barulho que existe ali, há uma dimensão de vazio absoluto. Somos uma santidade sem Deus, apenas o vazio e nada mais, sem Deus. Queremos esconder essa nudez, esse vazio, essa feiúra. Nós a cobrimos com flores formosas, decoramos essas coberturas. Pelo menos fingimos que somos alguma coisa, alguém. E isso não é algo que só diga respeito a você; isso é universal, é assim com todo mundo.

Ninguém pode ser como um livro aberto. O medo segura você: «O que as pessoas vão pensar de mim?» Desde a infância, você aprendeu a usar máscaras, lindas máscaras. Não há necessidade de se ter um rosto bonito, basta uma linda máscara; e a máscara é barata. Transformar seu rosto é difícil, pintá-lo é mais fácil.

A idéia de expor o seu verdadeiro rosto de repente faz com que você sinta calafrios lá no fundo do seu ser. Surge a apreensão: as pessoas vão gostar dele? Vão aceitar você? Ainda vão amá-lo, respeitá-lo? Quem garante? — porque até agora elas respeitaram a sua máscara, respeitaram o seu caráter, admiraram os seus trajes. Agora vem à tona o medo: «Se eu me desnudar de repente, elas

ainda vão me amar, me respeitar, me admirar ou vão me fazer perder tudo isso? Elas podem me virar as costas e me deixar sozinho».

Por isso as pessoas continuam fingindo. Do medo surge a pretensão, do medo surge toda a falsidade. Para ser autêntico é preciso ser destemido.

Eis uma das leis fundamentais da vida: tudo o que você esconde cresce, e tudo que você expõe, se for errado, desaparece, evapora ao sol; e, se estiver certo, se desenvolve. Acontece justamente o oposto quando você esconde algo. O que é certo começa a definhar porque não é cultivado; ele necessita do vento, da chuva e do sol. Precisa ter toda a natureza a sua disposição. Ele só pode crescer com a verdade, ele se alimenta da verdade. Deixe de alimentá-lo, e ele começa a definhar cada vez mais. E as pessoas estão famintas da verdade delas e fartas da falsidade.

Seu rosto falso se alimenta de mentiras, então você tem que continuar inventando cada vez mais mentiras. Para sustentar uma mentira, você tem que inventar outras cem, pois só é possível sustentar uma mentira inventando outras maiores. Quando você se esconde por trás de uma fachada, o verdadeiro começa a definhar e o falso prospera, fica cada vez maior. Se você se expuser, o falso morrerá, não tem outra saída, está fadado a morrer, pois o falso não sobrevive ao ar livre. Ele só sobrevive em segredo, só sobrevive na escuridão, nos túneis do seu inconsciente. Se você o trouxer à consciência, ele começa a se evaporar.

Este é o segredo do sucesso da psicanálise. É um segredo muito simples, mas é todo o segredo dela. O psicanalista ajuda a trazer tudo o que está em seu inconsciente, nas esferas mais sombrias do seu ser para o nível do consciente. Ele traz esse material para a superfície onde você pode vê-lo, onde os outros podem vê-lo, então, ocorre o milagre: só o fato de vê-lo já é o princípio da morte dele. E se você puder falar sobre ele com alguém — isto é o que se faz na psicanálise — só o fato de se expor para um

psicanalista — já é o suficiente para provocar grandes mudanças no seu ser. Mas expor-se para um psicanalista é uma coisa meio limitada: você só está exposto a uma única pessoa, em completa privacidade, com a condição de que não vá tornar isso público. Faz parte da profissão do médico, do psicanalista, do terapeuta; Faz parte da do juramento dele a promessa de não contar isso a ninguém, de manter isso em segredo. Portanto, trata-se de uma exposição bem limitada, embora ajude. É uma exposição profissional; mas ainda assim ajuda. Leva anos, aquilo que poderia ser feito em poucos dias, na psicanálise leva anos — quatro, cinco anos, e mesmo assim a psicanálise nunca está completa. O mundo ainda não conheceu um único caso de psicanálise total, em que o processo foi terminado, acabado — não, ainda não aconteceu. Nem o seu psicanalista foi completamente psicanalizado, pois a exposição em si é muito limitada e cheia de condições. O psicanalista ouve você como se não ouvisse, pois ele não pode dizer isso a ninguém. Mas mesmo assim isso ajuda, ajuda a desabafar.

Se você conseguir se expor religiosamente — não só em particular, com um profissional, mas em qualquer relacionamento — é disso que se trata o *sannyas*. É uma autopsicanálise vinte e quatro horas por dia, todos os dias. É psicanálise em todo tipo de circunstâncias: com a mulher, com o amigo, com o parente, com o inimigo, com o estranho, com o chefe, com o empregado. Durante vinte e quatro horas você está se relacionando.

Se você se expuser o tempo todo... no princípio vai ser realmente assustador, mas logo você começará a reunir forças, porque depois que a verdade é expostas, ela se fortalece e o falso fenece. E quando a verdade fica mais forte, você cria raízes, fica mais centrado. Começa a se tornar um indivíduo; a personalidade desaparece e surge a individualidade.

A personalidade é fictícia, a individualidade tem substância. A personalidade é só uma fachada, a individualidade é a sua verdade. A personalidade é imposta de fora; é uma *persona*, uma máscara. A

individualidade é a sua realidade — é como Deus fez você. A personalidade é uma sofisticação social, é um verniz social. A individualidade é crua, selvagem, forte, tremendamente poderosa.

Mas o medo é natural, porque, desde a infância, você aprendeu falsidades, e se identificou tanto com o falso que deixá-lo é quase como cometer um suicídio. O medo aparece porque há uma grande crise de identidade.

Por cinquenta anos, sessenta anos, você foi um tipo de pessoa. Agora, você que fez a pergunta, deve estar chegando aos sessenta — por sessenta anos você foi um certo tipo de pessoa. Agora, nessa fase final da sua vida, jogar fora essa identidade e começar a aprender a ser você mesmo, do bê-a-bá, é assustador. A morte está ficando cada dia mais próxima — será que é o momento de começar essa nova lição? Será que você terá tempo de concluí-la ou não? Não se sabe. Você pode perder a sua antiga identidade e não ter tempo suficiente, energia suficiente, coragem suficiente, para conseguir uma nova identidade. E aí? Você vai morrer sem uma identidade? Vai viver essa última fase da sua vida sem uma identidade? Isso seria uma loucura, viver sem uma identidade, o coração se encolhe, gela. Você pensa: «O que é que tem continuar mais alguns dias assim mesmo. É melhor viver com o velho, com o conhecido, o seguro, o conveniente». Você já sabe lidar com isso muito bem. E tem sido um enorme investimento, você investiu sessenta anos de sua vida nisso. De alguma forma, já se saiu bem, Formou uma idéia de quem você é, e agora eu falo para você tirar essa idéia da cabeça porque isso não é você!

Você não necessita de nenhuma idéia para se conhecer. Na verdade, todas as idéias têm de ir para o lixo, só assim você poderá saber quem você é.

O medo é natural. Não o condene, não pense que é algo errado. Ele simplesmente faz parte de toda a educação da sociedade. Temos de aceitá-lo e transcendê-lo; temos que superá-lo sem condená-lo.

Exponha-se devagar, devagarinho — não há necessidade nenhuma de dar um salto maior do que a sua perna; siga passo a passo, gradativamente. Logo você conhecerá o sabor da verdade, e ficará surpreso ao perceber que todos esses sessenta anos foram uma absoluta perda de tempo. Sua velha identidade se perderá para sempre, você terá uma concepção totalmente nova. Não será, na verdade, uma nova identidade, mas uma nova visão, uma nova forma de ver as coisas, uma nova perspectiva. Você não será capaz de voltar a dizer «Eu» como se essa palavra pressupusesse alguma coisa; usará a palavra simplesmente porque é útil, mas saberá o tempo todo que ela não carrega nenhum significado, nenhuma natureza existencial; que por trás desse «Eu» se esconde um oceano, o infinito, a imensidão, o divino.

Você nunca mais se apegará a outra identidade; sua antiga identidade se perderá, e pela primeira vez na vida você começará a se sentir como uma onda no oceano de Deus. Não se trata de uma identidade, pois você não está dentro dela. Você desapareceu, Deus tomou o seu lugar.

Se você puser em risco o falso, a verdade será sua. E vale a pena, pois você só põe em risco o falso e ganha de volta a verdade. Você não arrisca nada e ganha tudo.

**Descobri que estou entediado, sem entusiasmo. Você disse para nos aceitarmos do jeito que somos. Não consigo aceitar a vida, sabendo que, lá dentro, me falta alegria. O que fazer?**

Ouvi falar de um novo tipo de tranqüilizante que não relaxa — só faz com que você fique mais tenso.

Experimente! Experimente mesmo — seja americano! — mas não mais do que três vezes. Experimente uma vez, duas, três e então pare, afinal não há porque ser idiota.

Você me pergunta, "Descobri que estou entediado...".

Essa é uma grande descoberta. Com certeza! Muito poucas pessoas se dão conta de que estão entediadas — e elas estão, entediadas, absolutamente entediadas. Todo mundo sabe disso menos elas. Saber que se está entediado já é um grande começo; agora basta compreender no que isto implica.

O homem é o único animal que sente tédio; essa é uma grande prerrogativa, faz parte da dignidade do ser humano. Alguma vez você já viu um búfalo entediado, um burro entediado? Eles não ficam entediados. O tédio significa simplesmente que sua forma de viver está errada; por isso é uma grande coisa saber que «estou entediado e preciso fazer alguma coisa em relação a isso, preciso fazer uma mudança». Portanto, não pense que é ruim ficar entediado — é um bom sinal, um bom começo, é um começo muito propício. Mas não pare por aí.

Por que se fica entediado? A pessoa fica entediada porque vive em de acordo com padrões mortos, que herdou de outras pessoas. Renuncie a esses padrões, largue-os! Comece a viver a seu próprio modo.

Não é uma questão de dinheiro, de poder, de prestígio; é uma questão do que, essencialmente, você quer fazer. Faça isso sem pensar nos resultados, e o tédio desaparecerá. Você deve estar seguindo as idéias dos outros, deve estar fazendo as coisas de uma forma «correta», deve estar fazendo as coisas do jeito "certo". Estes são os alicerces do tédio.

Toda a humanidade está entediada, porque a pessoa que deveria ser um místico é um matemático, aquela que deveria ser um matemático é um político, aquela que deveria ser um poeta é um homem de negócios. Todo mundo está fazendo uma coisa diferente do que deveria; ninguém está onde deveria estar. É preciso arriscar. O aborrecimento pode desaparecer no mesmo instante se você estiver disposto a se arriscar.

Você me pergunta: "Descobri que estou entediado..." Você está tão entediado porque não foi sincero consigo mesmo, não foi honesto consigo mesmo, não foi respeitoso com a sua pessoa.

E você diz: «Estou sem entusiasmo». Como quer ter entusiasmo? O entusiasmo só aparece quando você está fazendo o que quer, não importa o que seja. Vincent Van Gogh ficava imensamente feliz pintando. Ele não conseguiu vender um só quadro, ninguém apreciava seu trabalho, passava fome, estava à beira da morte. Seu irmão lhe dava uma pequena quantia de dinheiro para que ele pelo menos pudesse sobreviver; quatro dias por semana ele jejuava e três ele comia. Tinha que ficar sem comer por quatro dias da semana porque senão como conseguiria comprar suas telas, tintas, pincéis? Mas ele era imensamente feliz — cheio de entusiasmo.

Morreu aos trinta e três anos, suicidou-se. Mas seu suicídio foi, de longe, muito melhor do que a vida que ele levava, pois ele só se suicidou depois de ter terminado de pintar tudo o que queria pintar. No dia em que terminou de pintar um pôr-do-sol, que fora o seu mais acalentado desejo, ele escreveu uma carta que dizia: «meu trabalho está completo, estou realizado. Estou deixando este mundo extremamente feliz». Ele se suicidou, mas eu não chamaria isso de suicídio. Ele viveu plenamente, com uma toda a intensidade.

Você pode viver cem anos e sua vida ser só um osso seco, um peso, um peso morto. Você me diz: «Você disse para nos aceitarmos do jeito que somos. Não consigo aceitar a vida, sabendo que, lá dentro, me falta alegria».

Quando eu digo para se aceitar, não estou dizendo para aceitar o seu padrão de vida — não me interprete mal. Quando eu digo para você se aceitar, estou dizendo para rejeitar todo o resto — aceite você mesmo. Mas você interpretou isso a sua maneira. É assim mesmo que acontece...

O marciano aterrissou o seu disco voador em Manhattan, e assim que saiu da nave, foi abordado por um mendigo:

— Doutor me dá um centavo?

— O que é um centavo? — perguntou o marciano.

O mendigo pensou um minuto, e respondeu:

— Tem razão. Pode me dar vinte?

Eu não disse isso. Você entendeu outra coisa. Rejeite tudo o que lhe impuseram — não estou dizendo para aceitar. Aceite a essência mais profunda que você trouxe do além, e então não sentirá mais que algo está faltando. No instante em que você se aceita, sem impor condições, sentirá uma explosão de alegria. O entusiasmo começa a jorrar, a vida passará a ser de fato extasiante.

Os amigos de um jovem pensaram que ele havia morrido, mas ele só estava em coma. Quando ele estava prestes a ser enterrado, mostrou sinais de vida. Os amigos lhe perguntaram como era estar morto.

—Morto! — ele exclamou — Mas eu não estava morto. Eu sabia o tempo todo o que estava acontecendo. E também sabia que não estava morto, porque meus pés estavam gelados e eu sentia fome.

— Só por causa disso você achou que estava vivo? — perguntou um dos curiosos.

— Bom, eu sabia que não estava no céu, porque senão não sentiria fome, e sabia que não estava inferno, porque senão meus pés não estariam frios.

Pode ter certeza de que você não está morto: você está com fome e seus pés estão frios. Simplesmente se levante e faça um pouco de exercício!

Um homem pobre, sem nenhuma instrução ou posição social, apaixonou-se pela filha de um milionário. Ela o convidou para conhecer seus pais, na elegante mansão onde moravam. O homem se sentiu intimidado diante da luxuosa mobília, de tantos

empregados e de todas as evidências da riqueza da família, mas conseguiu aparentar descontração — até que chegou a hora do jantar. Sentado na sólida mesa de jantar, ligeiramente inebriado pelo vinho, ele soltou um sonoro peido.

O pai da garota levantou o olhar e encarou o cão que estava deitado aos pés do rapaz:

— Rover! — disse em tom ameaçador.

O rapaz ficou aliviado ao ver que tinham posto a culpa no cachorro, e minutos depois, voltou a soltar outro peido.

O anfitrião olhou novamente para o cão e exclamou em voz alta:

— Rover!

Passado algum tempo, o rapaz soltou um peido novamente. Com o rosto contraído de raiva, o milionário gritou:

— Rover, saia já daí antes que ele cague em cima de você!

Ainda há tempo — saia dessa prisão em que você viveu até agora! Só é preciso um pouco de coragem, só um pouco da coragem do jogador. Não há nada a perder, lembre-se disso. Você só vai perder seus grilhões — só vai perder seu tédio, esse sentimento permanente de que está perdendo algo. Que há mais a perder? Saia do rebanho e aceite seu próprio ser — mesmo que fique contra Moisés, contra Jesus, contra Mahavira, contra Krishna, aceite a si mesmo. Sua responsabilidade não é para com Buda, ou Zaratustra, ou Kabir ou Nanak; sua responsabilidade é para consigo mesmo.

Seja responsável — e quando eu uso a palavra responsável, se lembre de não interpretá-la de modo errado. Não estou falando de deveres, responsabilidades. Estou simplesmente usando a palavra no seu sentido literal: responder à realidade, ser responsável.

Você tem vivido uma vida irresponsável, cumprindo todas as responsabilidades que outros esperam que você cumpra. O que tem a perder? Você está entediado — essa é uma boa oportunidade.

Você está perdendo o entusiasmo, do que mais você necessita para sair dessa prisão? Salte para fora, sem olhar para trás!

As pessoas dirão: pense duas vezes antes de saltar. Eu digo: salte primeiro e depois pense tanto quanto quiser!

## **MEDITAÇÃO PARA O MEDO DO VAZIO**

Toda noite antes de dormir, feche os olhos por vinte minutos e entre em seu vazio. Aceite esse vazio, deixe-o estar aí. Se o medo aparecer, deixe-o estar também. Tremam de medo, mas não rejeite esse espaço que está nascendo dentro de você. Dentro de duas ou três semanas, você começará a sentir a beleza desse vazio, começará a sentir o quanto é abençoado. Depois de ter tocado essa benção, o medo desaparecerá por conta própria. Você não precisará lutar contra ele.

Sente-se no chão, sobre os joelhos ou numa postura cômoda para você. Se sua cabeça começar a pender para a frente — e ela começará — permita. Você ficará numa postura quase fetal, assim como o bebê fica no útero da mãe. Sua cabeça começará a tocar os joelhos, ou o chão... permita. Entre no seu próprio útero e fique ali. Nenhuma técnica, nenhum mantra, nenhum esforço — simplesmente fique ali. Só fique atento para o que está acontecendo. É algo que você não conhece ainda. Sua mente está apreensiva porque se trata de uma dimensão muito diferente e desconhecida. A mente não consegue lidar com isso. Ela nunca conheceu nada parecido antes, por isso está intrigada, quer classificar, rotular.

Mas o conhecido é a mente e o desconhecido é Deus. O desconhecido nunca fará parte do conhecido. Quando fizer, não será mais o Deus desconhecido. O desconhecido permanece sendo uma incógnita. Mesmo quando você passa a conhecê-lo, ele permanece uma incógnita. O mistério nunca é revelado. O mistério é intrinsecamente insolúvel.

Portanto, Toda noite, entre nesse espaço. O medo estará presente, o tremor também, não há nada de mal nisso. Pouco a pouco, o medo diminuirá e a alegria o substituirá. Depois de três semanas, um dia de repente você sentirá tamanha felicidade, que será como se a noite tivesse acabado e o sol aparecesse no horizonte.

## **MEDITAÇÃO PARA DISSIPAR VELHOS PADRÕES DE MEDO**

**Percebi que continuo repetindo um padrão que adotei na infância. Sempre que meus pais me repreendiam ou diziam algo a meu respeito que eu considerava negativo, eu simplesmente me fechava, isolava-me e me consolava com a idéia de que poderia viver sozinho, sem ninguém. Agora, começo a ver que reajo da mesma maneira com meus amigos.**

É só um velho hábito que se consolidou. Tente fazer o contrário. Sempre que sentir que está se fechando — abra-se. Se quiser ir embora, não vá; se não quiser falar, fale. Se quiser parar de argumentar, não pare argumente com mais vigor ainda.

Sempre que surge uma situação que provoca medo, há duas alternativas — ou você contesta ou você foge. Uma criança normalmente não pode contestar, particularmente nos países tradicionalistas. Na América, a criança contestará tanto que os pais é que irão fugir! Mas, nos países mais antigos, ligados à tradição — ou nas famílias em que os valores tradicionais são muito fortes — a criança não pode contestar. A única forma é se fechar, se fechar em si mesma para se proteger. Você aprendeu o truque de fugir.

Agora, a sua única possibilidade é, assim que sentir que está tentando escapar, fique firme no lugar, seja teimoso e parta para a briga sempre. Durante um mês mais ou menos, tente fazer o oposto do que está acostumado e você aprenderá a superar essas duas

atitudes. Ambas têm que ser superadas, só assim o homem torna-se destemido — porque as duas atitudes estão erradas. Como as duas atitudes estão profundamente enraizadas em você, é preciso equilibrá-los.

Então, por um mês, você será um guerreiro de verdade — a respeito de qualquer coisa. E você se sentirá muito bem, realmente bem, entendeu? Porque sempre que escapa, você se sente mal, inferior. Esse é um truque muito covarde... se fechar. Seja corajoso, hem? Então descarte as duas atitudes, pois ser corajoso, lá no fundo, também é ser covarde. Quando tanto a coragem quanto a covardia desaparecem, então você deixará de ter medo. Experimente!

## **MEDITAÇÃO PARA TER CONFIANÇA**

Se você sente dificuldade para confiar, então você tem que retroceder. Tem que mergulhar fundo nas suas lembranças. Tem que voltar ao passado. Tem que limpar a mente das impressões do passado. Você deve estar carregando um monte de lixo do passado; livre-se dele.

Essa é a chave para ter confiança: volte ao passado, se você conseguir, não só recordar tudo isso, mas também se livrar dessas lembranças. Converta-as em uma meditação. Todo dia, à noite, faça uma retrospectiva durante uma hora. Tente recordar tudo o que aconteceu sua infância. Quanto mais fundo você for, melhor — porque você esconde muitas coisas que aconteceram, sem permitir que elas aflorem na consciência. Deixe que elas venham à superfície. Se fizer isso todo dia, aprofundará cada vez mais. Ao princípio, recordará de quando tinha quatro ou cinco anos, mas não conseguirá ir além disso. De repente, será como se tivesse diante de você a muralha da China. Mas siga adiante — pouco a pouco, você verá que está indo mais fundo: três anos, dois anos. Existe quem já tenha se lembrado do momento em que nasceu. Há gente quem

tenha lembranças de quando estava dentro do útero, e há quem vá além disso, lembrando-se do momento de sua morte numa vida passada.

Mas se você conseguir chegar ao ponto em que nasceu e puder relembrar esse momento, sentirá muita angústia, muita dor. Será quase nascer de novo. Você pode gritar como o bebê grita pela primeira vez. Pode se sentir sufocado como o bebê se sente ao sair do útero — porque, por alguns instantes, ele não consegue respirar. Sente um sufocamento terrível: então grita e volta a respirar; a passagem se abre, seus pulmões começam a funcionar. Talvez você precise começar desse ponto. Retroceder... daí você pode retornar. Tente outra vez, toda noite. Isso levará, pelo menos, de três a nove meses, e todo dia você se sentirá mais aliviado, muito mais aliviado, e a confiança, por sua vez, irá aumentando simultaneamente. Depois que o passado estiver claro e você tiver visto tudo o que aconteceu, você se livrará dele. Esta é a chave: tome consciência de tudo o que você tem na memória e você se verá livre dela. A consciência liberta, a inconsciência gera escravidão.

Só assim será possível que haja confiança.

## **MEDITAÇÃO PARA TRANSFORMAR MEDO EM AMOR**

Você pode se sentar em sua cadeira ou em qualquer lugar em que possa assumir uma postura confortável. Então, sobreponha as mãos sobre o colo, com a mão direita sobre a esquerda — essa posição é importante porque a mão direita corresponde ao hemisfério esquerdo do cérebro, e o medo sempre vem do hemisfério esquerdo. A mão esquerda corresponde ao hemisfério direito do cérebro, e a coragem vem do hemisfério direito.

O hemisfério esquerdo é a sede da razão, e a razão é sempre covarde. É Por isso que não se encontra um homem que seja ao

mesmo tempo corajoso e intelectual. E sempre que encontrar uma pessoa corajosa pode apostar que ela não é intelectual. Será irracional, é inevitável. O hemisfério direito é intuitivo... de modo que a posição das mãos é simplesmente simbólica e ao mesmo tempo não é: ela coloca a energia em uma determinada posição, na relação correta.

A mão direita fica em cima da esquerda, e os polegares se juntam. Então você relaxa, fecha os olhos e deixa seu maxilar inferior relaxado, mas não muito — não force — relaxe até que possa respirar pela boca. Não respire pelo nariz, comece respirando pela boca; isso é muito relaxante. Quando você não respira pelo nariz, o velho padrão da mente deixa de funcionar. Será uma novidade, respirando de acordo este novo sistema é mais fácil estabelecer um novo hábito.

Em segundo lugar, quando você não respira pelo nariz, não estimula o cérebro. O ar não vai diretamente para o cérebro, vai para o peito. Do contrário, você estimula e massageia constantemente o cérebro. É por isso que respiramos com narinas diferentes. Quando o ar passa por uma narina, ele estimula um lado do cérebro. A cada quarenta minutos o processo se inverte e o ar começa a passar pela a outra narina.

Sente-se nesta postura e respire pela boca. O nariz é dual, a boca não é dual. Quando respira pela boca não ocorre nenhuma mudança; se você se sentar por uma hora, continuará respirando do mesmo modo. Não acontece nenhuma mudança; permanecerá no mesmo estado. Respirando pelo nariz você não pode permanecer no mesmo estado. Seu estado muda automaticamente; sem que você saiba disso.

Isto provocará um estado novo, muito silencioso, não dual, de relaxamento e suas energias começarão a fluir de um jeito novo. Simplesmente sente-se sem fazer nada, durante pelo menos quarenta minutos. Se puder fazer isso durante uma hora, melhor.

Mas comece fazendo por quarenta minutos e, pouco a pouco, passe para os sessenta. Faça todos os dias.

Não importa que tenha perdido alguma oportunidade, sempre que aparecer uma, faça o exercício. Sempre opte pela vida e sempre opte por fazer; nunca retroceda, nunca fuja. Nunca deixe de desfrutar as oportunidades que surgem em seu caminho, seja criativo.

## **E A ÚLTIMA PERGUNTA: O MEDO DE DEUS**

**A idéia de que existe um Deus que olha por nós, mesmo que seja hipotética, não lhe parece útil, de alguma forma? Porque só a idéia de descartá-la faz com que eu sinta um medo enorme**

Por que você tem medo de descartar a ideia de Deus? Com certeza, a ideia de Deus está evitando que você fique com medo. Assim que você a descarta, começa a sentir medo. Trata-se de uma espécie de proteção psicológica. Só isso.

Uma criança está fadada a sentir medo, é inevitável. No ventre da mãe ela não tinha medo. Nunca ouvi falar de uma criança que no ventre da mãe lhe pensasse em ir a uma sinagoga ou a uma igreja ou em ler a Bíblia, o alcorão ou o Gita; ou que ficasse pensando se Deus existe ou não. Não posso imaginar que uma criança no ventre da mãe, vá de algum modo se interessar por Deus, pelo demônio, pelo céu ou pelo inferno. Para que? Ela já está no paraíso. As coisas não poderiam ser melhores para ela.

Ela está absolutamente protegida num ambiente cálido e agradável, flutuando em uma substância que a alimenta. E o que é surpreendente — em proporção, nesses nove meses a criança cresce mais do que crescerá nos próximos noventa anos. Em nove meses ela faz uma longa jornada, surge do nada e se torna um ser. Em

nove meses ela atravessa milhares de anos de evolução, dos primórdios até agora. Ela passa por todas as fases.

E a vida é absolutamente segura: não há necessidade de conseguir um emprego, nenhum medo de passar fome; tudo é feito pelo corpo da mãe. Viver durante nove meses no ventre da mãe, dentro de um ambiente tão seguro, provoca um problema que deu origem às assim chamadas religiões.

Quando uma criança sai do ventre da mãe, a primeira coisa que ela sente é medo.

É lógico. Ela perdeu seu lar, a segurança. A calidez, o ambiente, tudo o que ela conhecia como seu mundo desaparece, e é ela atirada num estranho mundo, do qual não sabe nada. Tem que começar a respirar por conta própria.

A criança leva alguns segundos para reconhecer que agora tem que respirar por conta própria — a respiração da mãe já não faz isso por ela. Para que ela desperte os seus sentidos, o médico lhe coloca de ponta-cabeça e lhe dá uma palmada forte no traseiro. Que começo! Que boas-vindas!

E assim que ela leva uma palmada, começa a respirar por si só. Já notou que basta ficar com medo para que sua respiração mude? Se não observou antes, observe a partir de agora. Sempre que você está com medo, a sua respiração se altera automaticamente. E quando está tranqüilo, em casa, sem medo de nada, note que sua respiração segue um ritmo harmonioso, profundamente equilibrado, cada vez mais silencioso. Em meditação profunda, às vezes sente como se tivesse parado de respirar. Não parou, mas quase.

No princípio a criança tem medo de tudo. Durante nove meses ficou no escuro, e no moderno hospital onde vai nascer, há tubos de luz fosforescentes e brilhantes por toda parte. Para seus olhos, para sua retina que nunca viu a luz, nem sequer a luz de uma vela, isto é demais. Esta luz é muito violenta para seus olhos.

E o médico não espera sequer um segundo — corta a conexão que ainda a une à mãe, sua última esperança de ficar segura... aquele ser tão pequeno. E você sabe perfeitamente que ninguém parece mais indefeso do que um bebê humano, nenhum outro ser vivo em toda a existência.

É por isso que os cavalos nunca inventaram a hipótese de Deus. Os elefantes nunca aprenderam sobre o conceito de Deus, não há necessidade. A cria do elefante imediatamente começa a andar e a explorar o mundo. Ela não é tão indefesa como o bebê humano. Na verdade, tanta coisa depende do desamparo do bebê humano que você ficará surpreso: a família, a sociedade, a cultura, a religião, a filosofia... tudo isso depende do desamparo do bebê humano.

Os animais não têm famílias pelo simples motivo que o filhote não necessita dos pais. O ser humano teve que decidir por certos sistemas. O pai e a mãe têm de ficar juntos para cuidar do filho. Essa é a consequência do caso de amor que tiveram, é dever deles. Agora se um bebê humano é abandonado, assim como fazem os animais, não dá para imaginar como ele poderia sobreviver; é impossível! Onde encontraria a comida? A quem iria pedir? O que iria pedir?

Será que ele nasceu antes do tempo? Alguns biólogos acreditam que o ser humano nasce prematuramente — nove meses não são suficientes — posto que ele nasce completamente indefeso. Mas o corpo humano é feito de tal modo que a mãe não pode carregar o feto por mais de nove meses, senão ela morre e a morte da mãe significa a morte da criança.

Já foi calculado que se a criança pudesse viver no ventre da mãe por pelo menos três anos, possivelmente ela não precisaria mais de um pai, de uma mãe, de uma família, da sociedade, da cultura, de Deus e do sacerdote. Mas a criança não pode viver três anos no ventre da mãe. Essa estranha situação biológica afetou todo o comportamento humano, seu pensamento, estrutura familiar, sociedade; e isso é que deu origem ao medo.

A primeira experiência da criança é o medo, e a última experiência do homem é o medo.

Pelo ponto de vista da criança, o nascimento também é uma espécie de morte. Ele está vivendo num determinado mundo e está absolutamente satisfeito. Não tem necessidade nenhuma, não quer mais nada da vida. Está simplesmente usufruindo o fato de existir, de estar crescendo... e, de repente, é atirada para fora.

Para a criança, essa experiência é uma experiência de morte: a morte de todo o seu mundo, de sua segurança, de seu doce lar. Os cientistas dizem que ainda não fomos capazes de inventar uma casa tão acolhedora como o útero. Temos tentado, toda casa é um intento de reproduzir essa casa acolhedora.

Temos tentado até criar colchões de água que dêem aquela mesma sensação. Temos banheiras de água quente, dentro delas você pode ter uma sensação parecida com a que a criança sente. Aqueles que realmente sabem como tomar um banho quente também acrescentam um pouco de sal à água — a quantidade exata de sal que há na água do mar. Mas por quanto tempo você pode ficar mergulhado numa banheira de água quente? Existem tanques de isolamento que não são nada mais do que uma busca pelo ventre que você perdeu.

Sigmund Freud não era um homem iluminado — na realidade, ele era um cuco\*, embora alguns cucos cantem lindas canções. Às vezes ele tinha boas idéias. Por exemplo, ele acreditava que a necessidade de um homem fazer amor com uma mulher é uma tentativa para retornar ao útero novamente. Possivelmente tenha um pouco de razão. Esse homem foi um louco, a idéia parece um absurdo, mas, mesmo tratando-se de um maluco como Sigmund Freud, é preciso ouvir com atenção o que ele tem a dizer.

\*cuco, na língua inglesa, tem o sentido de idiota, parvo, como se disséssemos em português, que a pessoa é uma anta.

Sinto que há um fundo de verdade nisso: a busca pelo útero, pela mesma passagem pela qual ele saiu... Ele não pode chegar ao útero, isso é verdade. Então, começou a inventar todo tipo de coisa; começou a fazer cavernas, casas, aviões. Olhe o interior de um avião... não será nenhuma surpresa se um dia você descobrir que as pessoas estão flutuando, no avião, dentro de banheiras de água quente e salgada. O avião pode dar a você exatamente a mesma sensação, mas não será satisfatória.

A criança não conhece nenhuma outra coisa além disso. Tentamos fazer a coisa o mais aconchegante possível: você aperta um botão e a aeromoça está ali. Fazemos com que fique o mais confortável possível, mas não podemos fazer com que fique tão confortável quanto o útero. No útero, sequer tínhamos que apertar um botão. Antes mesmo de sentir fome, recebíamos o alimento. Antes mesmo de sentir falta de ar, já o tínhamos recebido. Não tínhamos nenhuma responsabilidade.

Quando a criança deixa o útero materno sente o nascimento, se é que ela o sente de fato, como se fosse uma morte. Não dá para ela sentir como se fosse um nascimento, é impossível. Essa é uma idéia nossa — a idéia daqueles que estão fora — nós dizemos que isso é um nascimento.

E a segunda vez, chega um dia depois de uma vida cheia de esforços... Ela conseguiu fazer alguma coisa — uma pequena casa, uma família, um pequeno círculo de amigos, um cantinho protegido em algum lugar deste mundo, onde possa relaxar e ser ela mesma, onde ela é aceita. É complicado... a luta de uma vida inteira e, de repente, um dia, ela sente que está sendo atirada para fora.

O médico tem de vir outra vez — e esse foi o homem que bateu no traseiro no traseiro dela! Daquela vez foi para que ela começasse a respirar; desta vez, até onde sabemos... Agora estamos deste lado, não conhecemos o outro lado. O outro lado é preciso imaginar; essa é a razão do Céu e do Inferno... a imaginação está desenfreada.

Estamos deste lado e esse homem está morrendo. Para nós ele está morrendo, talvez ele esteja voltando a nascer. Mas isso só ele mesmo pode saber, e não pode voltar para nos dizer: «Não se preocupem; não estou morto, estou vivo». Ele não pode voltar para ventre da mãe para dar uma última olhada e se despedir de todo mundo, tampouco pode voltar agora, abrir os olhos, despedir-se de todo o mundo e dizer: «Não se preocupem. Não estou morrendo, estou voltando a nascer».

O conceito hindu da reencarnação não é nada mais do que uma projeção do nascimento comum. Para o útero — se o útero pensasse — a criança está morta. Para a criança — se a criança pensasse — ela está morrendo. Mas ela está nascendo. Não se trata de morte, mas de nascimento. Os hindus projetaram a mesma idéia sobre a morte. Deste lado, parece que o homem está morrendo, mas vendo a partir do outro lado... Mas o outro lado é só imaginação; podemos imaginá-lo do jeito que quisermos.

Cada religião descreve o outro lado de um modo diferente, pois toda sociedade e toda cultura depende de uma geografia diferente, uma história diferente. Por exemplo: os tibetanos não conseguem imaginar esse outro lado como um lugar frio — mesmo um lugar fresco é aterrorizante, frio, é impossível. Os tibetanos pensam que a pessoa morta é quente, num mundo novo onde tudo permanece quente.

Os indianos não conseguem imaginar esse outro lado seja sempre quente. Quatro meses de calor na Índia já é demais, que dirá passar a eternidade inteira de calor... cozinharíamos! Eles não têm idéia do que seja o ar-condicionado, mas a forma que descrevem o paraíso é como se ele fosse refrigerado: ar fresco, nem quente nem frio, sempre fresco. É sempre primavera, primavera indiana — todas as flores se abrem, o ar fica cheio de fragrâncias, os pássaros cantam, tudo está vivo; mas o ar não é quente, é sempre fresco. Eles não casam de nos lembrar: a brisa fresca é contínua.

Mas é a mente que está projetando este conceito; do contrário, não seria diferente para os tibetanos, os indianos e os muçulmanos. Os muçulmanos não conseguem imaginar esse outro mundo seja um deserto — sofreram muito no deserto da Arábia. O outro mundo só pode ser um oásis, um grande oásis. Não é que, depois de uns cem quilômetros, você encontre um pequeno oásis com um pouco de água e umas poucas árvores, não — é tudo um grande oásis, não existe deserto.

Nós projetamos, mas, para a pessoa que está morrendo, trata-se do mesmo processo pelo qual já experimentou uma vez. É um fato bem conhecido, que na hora da morte, se a pessoa não estiver inconsciente, se não estiver em coma, ela começa a recordar toda sua vida. Volta ao primeiro momento de sua vida, quando nasceu. Parece significativo que, antes de deixar este mundo, ela possa dar uma olhada em tudo que lhe aconteceu nesta vida. Em uns poucos segundos todo o calendário passa diante dos olhos dela como se fosse um filme.

O calendário passa em ritmo acelerado, porque num filme de duas horas têm que recordar muitos anos... se o calendário passasse no ritmo habitual, ficaria sentado no cinema por quase dois anos, quem seria capaz de suportá-lo? Não, o calendário avança rápido, as datas se sucedem rapidamente. No momento exato da morte o ritmo se acelera ainda mais. Num instante a vida inteira passa de relance se detém no primeiro momento. O mesmo processo volta-se a acontecer outra vez... a vida deu uma volta completa.

Por que eu quero que você se lembre disso? Porque o seu Deus não é mais do que o medo que sentiu no primeiro dia e o acompanhou até o último momento, aumentando cada vez mais. É por isso que, quando a pessoa é jovem, ela pode ser atéia, pode permitir-se ser atéia, mas à medida que envelhece, ser ateu fica um pouco mais difícil. Se você perguntar a ela, quando estiver à beira da morte, se ainda é atéia, ela dirá: «Pensando bem...» — por causa

do medo: o que vai acontecer agora? Todo o mundo dela está desaparecendo.

Você me diz: «No momento em que penso em descartar a idéia de Deus, fico com medo». Essa é uma indicação de que você está reprimindo o medo com a rocha da idéia de Deus, então quando você remove a rocha, surge o medo.

Se o medo surge, isso é um sinal de que você tem de encará-lo; acobertá-lo com a idéia de Deus não vai adiantar. Você não vai mais ter fé, ela foi destruída. Não vai conseguir ter fé em Deus, porque a dúvida é agora uma realidade e a fé uma ficção. E nenhuma ficção se sustenta diante de um fato. Deus será sempre uma hipótese para você; suas orações serão inúteis. Você saberá que se trata de uma hipótese, não conseguirá se esquecer disso.

Depois que você ouve uma verdade, é impossível esquecê-la. Essa é uma das características da verdade: você não precisa se lembrar dela. A mentira deve ser recordada continuamente; você pode esquecê-la. A pessoa que esta acostumada a mentir precisa ter uma memória melhor do que a pessoa que está acostumada a dizer a verdade. Uma pessoa sincera não precisa de memória. Se você só diz a verdade não tem do que se lembrar. Mas, se mente, então tem que ter boa memória, porque você disse uma mentira para uma pessoa, outra mentira para outra pessoa, e outra mentira para uma terceira pessoa. Você tem que ter em mente o que disse e para quem disse. Sempre que surge uma dúvida sobre uma mentira, você tem que inventar uma outra mentira, é uma sucessão de mentiras. A mentira não acredita em controle de natalidade.

A verdade é celibatária, não tem filhos; na realidade, ela é solteira.

Quando você compreende que Deus não passa de uma hipótese criada pelos sacerdotes, pelos políticos, pela elite no poder, pelos pedagogos... e todos aqueles que querem manter você numa escravidão psicológica, que têm algum interesse em sua escravidão... Todos eles querem que você fique com medo,

tremendo por dentro, porque se você não tiver medo, passa a ser perigoso.

Ou você é um covarde, um medroso, que está sempre disposto a se submeter, sem nenhuma dignidade, nenhum respeito por si próprio... ou é destemido. Mas se for destemido, será também um rebelde, não dá para evitar. Ou você é um homem de fé, ou vai ter um espírito rebelde.

As pessoas que não querem que você seja rebelde — porque sua rebeldia vai contra os interesses delas — continue entupindo e condicionando a sua mente com cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo; e eles vão fazer que você viva com medo. Essa é a força deles, por isso qualquer pessoa que esteja interessada no poder, cuja vida não tenha outro interesse a não ser a ânsia pelo poder de, tem um grande interesse pela hipótese de Deus.

Se você tem medo de Deus — e, se acredita em Deus, então você tem que ter medo — você tem que respeitar suas ordens e mandamentos, seu livro sagrado, seu Messias, sua encarnação. você tem que obedecê-lo e ser seu representante.

Na realidade, ele não existe, só existem seus representantes. É um negócio muito estranho. A religião é um negócio muito estranho. Não existe um chefe, mas há mediadores: o sacerdote, o bispo, o cardeal, o papa, o Messias, toda a hierarquia — e, no topo, não há ninguém.

Mas a autoridade e o poder de Jesus vinham de Deus — seu filho amado. A autoridade do papa deriva de Jesus — o representante verdadeiro de Cristo, infalível. E assim continua até chegar ao sacerdote mais modesto... mas nunca existiu Deus nenhum; é só o seu medo. Você pediu para inventarem Deus porque não conseguia viver sozinho. Você foi incapaz de enfrentar a vida, a sua beleza, as suas alegrias, o seu sofrimento, as suas angústias. Não estava preparado para enfrentar isso sozinho, sem ninguém que o protegesse, servindo-lhe de guarda-chuva. Você clamou por um Deus por causa do medo que sentia. E é claro que

existem vigaristas por todos os lados. Você pediu e eles atenderam seu pedido.

Você terá de jogar fora essa ideia de Deus que evita que sinta medo. Terá que superar o medo e aceitá-lo como uma realidade humana. Não há por que fugir dele. O que é preciso é aprofundar-se no medo, e quanto mais fundo você for, menos medo encontrará. Quando você chegar até o fundo e tocar a rocha do medo, você vai rir, pois não há nada a temer.

E quando o medo desaparece, surge a inocência, e essa inocência é o *summum bonum*, a própria essência do homem religioso.

Essa inocência é poder.

Essa inocência é o único milagre que existe.

Partindo da inocência qualquer coisa pode acontecer, mas você não será um cristão só por causa dela, nem será um muçulmano. A inocência o tornará simplesmente um ser humano normal, que aceita totalmente a sua normalidade e vive com alegria, grato por toda a existência — não grato a Deus, que é uma ideia que deram para você.

Mas a existência não é uma ideia. Ela está em torno de você, por dentro e por fora. Quando você é completamente inocente surge uma gratidão profunda — não vou chamar isso de oração porque em uma oração você está pedindo algo, eu o chamaria gratidão profunda — enche seu peito. Não é que você esteja pedindo algo, mas já está agradecido por algo que já foi dado a você.

Tanto já foi dado. Será que você merece? Foi você que conquistou? A existência continua jorrando de tal forma sobre você que é feio pedir mais. Diante de tudo isso que você já recebeu, é preciso ser grato. E o mais belo é que, quando você é grato, a existência jorra mais provisões sobre você. É um círculo: quanto mais você tem, mais agradecido fica; quanto mais agradecido fica, mais você recebe... e isso não tem fim, é um processo infinito.

Mas recorde-se, a hipótese de Deus desapareceu; no momento em que você a chama de hipótese, já a descartou. Estando ou não com medo, não pode recuperar essa idéia; acabou.

Agora, só resta um caminho, enfrentar o seu medo.

Entre nele silenciosamente para descobrir a sua profundidade. E às vezes acontece de ele não ser tão profundo.

Uma história:

Um homem que caminhava à noite escorregou de uma rocha. Acreditando que fosse sofrer uma queda de muitos metros, pois sabia que se tratava de um vale profundo, ele agarrou um galho que pendia da rocha. Na escuridão da noite, tudo o que ele podia ver era um abismo sem fim. Ele gritou; um eco respondeu a seu grito... não havia ninguém para ouvi-lo.

Você pode imaginar a noite de tortura que passou este homem. A morte sempre à espreita, as mãos ficando frias, ele já não conseguia agarrar o galho com tanta firmeza... e, quando o sol começou a sair, ele olhou para baixo e riu: não havia nenhum abismo. Dez centímetros abaixo dele havia outra rocha. Ele podia ter descansado a noite toda, podia ter dormido bem — a rocha era bastante grande — mas a noite toda fora um pesadelo.

Através de minha experiência, posso assegurar que o medo não tem mais do que dez centímetros. Mas tudo depende de você: pode ficar pendurado no galho e fazer da sua vida um pesadelo, ou soltar o galho e pôr os pés no chão.

Não há nada o que temer.

# Sobre o Autor



**O**SHO é um místico contemporâneo cuja vida e ensinamentos influenciaram milhões de pessoas de todas as idades e condições. Foi descrito pelo *Sunday Times* de Londres, como um dos «Mil artífices do século XX» e pelo *Sunday Mid-Day* (Índia) como uma das dez pessoas — junto com o Ghandi Nehru e Buda — que mudou o destino da Índia.

A respeito de seu trabalho Osho disse que está ajudando a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Frequentemente ele caracterizou esse ser humano como «Zorba, o Buda» — capaz tanto de desfrutar dos prazeres terrestres, como Zorba o Grego, quanto de desfrutar a silenciosa serenidade como Gautama Buda.

Como um fio condutor percorrendo todos os aspectos do trabalho do Osho, está uma visão que conjuga a perene sabedoria oriental e o potencial mais elevado da ciência e da tecnologia ocidental.

Osho também é conhecido por sua revolucionária contribuição à ciência da transformação interior, com uma perspectiva de meditação que reconhece o ritmo acelerado da vida contemporânea. Suas singulares «meditações ativas» são desenhadas para aliviar primeiro o estresse acumulado no corpo e na mente, e assim facilitar a experiência do estado de meditação relaxado e livre de pensamentos.

Os livros de Osho não são escritos, são transcrições de gravações em áudio e vídeo de suas conversas e palestras feitas de improviso a platéias de pessoas de várias partes do mundo, ao longo de sua vida.